



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Mestrado em Línguas Aplicadas e Tradução

Trabalho de Projeto

**Seleção de Contos de R. K. Narayan:
Reflexões sobre uma proposta de tradução**

Ana Lúcia Charrua Bento Ramos

Orientador:

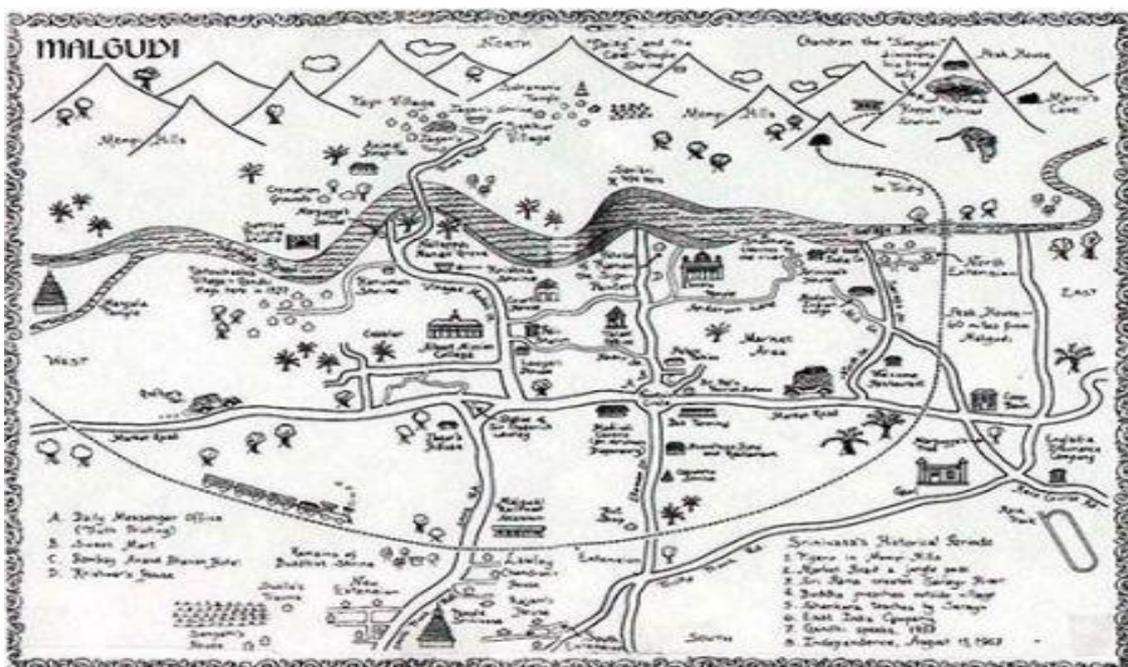
Professor Doutor Luís Guerra

2012

Mestrado em Línguas Aplicadas e Tradução

Trabalho de Projeto

Seleção de Contos de R. K. Narayan: Reflexões sobre uma proposta de tradução



Reprodução do mapa de Malgudi (elaborado pelo Dr. James Fennelly, em 1978), incluído na edição de *Malgudi Days*, a pedido de R. K. Narayan.

Ana Lúcia Charrua Bento Ramos

Orientador:

Professor Doutor Luís Guerra

AGRADECIMENTOS

Expresso a minha sincera gratidão a todos os que me apoiaram neste projeto e sem os quais não me teria sido possível enfrentar este desafio:

Ao meu orientador, o Professor Doutor Luís Guerra, que, com o seu saber, o seu rigor e a sua disponibilidade, me auxiliou ao longo de todo o percurso que conduziu a este trabalho de projeto.

À Universidade de Évora, por ter criado as condições necessárias à realização deste Mestrado, e ao corpo docente que participou de forma ativa na minha formação.

À minha família, pelo incentivo recebido ao longo da realização deste trabalho.

RESUMO

“Seleção de Contos de R. K. Narayan: Reflexões sobre uma proposta de tradução”

R. K. Narayan é um nome marcante na literatura de expressão inglesa. Originário da Índia, embora escrevendo em língua inglesa, este autor conseguiu criar um mundo imaginário, centrado numa cidade ficcional, mas tipicamente indiana. Nas suas histórias, encontramos astrólogos, encantadores de serpentes, crianças destemidas, eremitas – uma multiplicidade de personagens que cativam o leitor, através de uma combinação única de realismo e fantasia, de sabedoria e humor.

Não obstante o apelo óbvio da escrita de Narayan, em Portugal não há ainda traduções das obras deste escritor, pelo que nos propusemos selecionar alguns dos seus contos para tradução. Este trabalho de projeto procura, portanto, explicitar as principais questões levantadas durante esse processo de tradução, fazendo o devido enquadramento teórico, quer em termos da teoria da tradução (no geral e, especificamente, no que toca à tradução literária), quer em termos da contextualização do autor, no âmbito das literaturas pós-coloniais de expressão inglesa.

ABSTRACT

“Selected short stories by R. K. Narayan: Considerations on a translation proposal”

R. K. Narayan is a significant name for English literature. Born in India, but writing in English, this author succeeded in creating an imaginary world, centered on a fictional, typically Indian, little town. Going through his tales, we come across astrologers, snake charmers, high-spirited children, hermits – a variety of characters who captivate the reader, through a unique blend of reality and folklore, wisdom and humor.

Despite the noticeable appeal of Narayan’s stories, none of his work is yet translated into Portuguese; hence, we have decided to select and translate some of his short-stories. This project, therefore, aims to clarify the main issues arising from that translation process, offering the necessary theoretical frames (concerning translation theory in general, and particularly literary translation), as well as contextualization of the author within post-colonial English literatures.

ÍNDICE

Agradecimentos	3
Resumo	4
Abstract	5
Índice	6
1. Introdução: a escolha do projeto	7
2. Os Estudos sobre Tradução	9
2.1. <i>O conceito de tradução</i>	9
2.2. <i>O desenvolvimento das teorias sobre tradução</i>	11
2.3. <i>A tradução literária</i>	18
2.4. <i>Os referentes culturais na tradução</i>	22
3. As Literaturas Pós-Coloniais	27
3.1. <i>Os textos pós-coloniais e a tradução</i>	28
3.2. <i>A Literatura Pós-Colonial de expressão inglesa: o Inglês como língua colonizadora</i>	32
3.3. <i>O caso indiano</i>	36
4. R. K. Narayan	41
4.1. <i>Informação biográfica</i>	41
4.2. <i>Informação bibliográfica</i>	44
4.3. <i>Algumas especificidades da escrita</i>	46
4.4. <i>A seleção de contos traduzidos</i>	52
5. Considerações sobre o processo de tradução	56
5.1. <i>Questões pragmáticas</i>	56
5.2. <i>Questões de natureza linguística</i>	61
5.3. <i>Questões de natureza cultural</i>	64
6. Conclusão	74
7. Bibliografia	80
8. Anexos	83
Anexo I.....	i
Anexo II.....	Volume II

1. INTRODUÇÃO: A ESCOLHA DO PROJETO

A partir do momento em que nos propusemos frequentar este mestrado, foi sempre nossa intenção concluir com um trabalho de natureza prática. Essa ideia acabou por concretizar-se na escolha de um projeto de tradução, por preferência pessoal, de tradução literária. A principal questão tornou-se, então, escolher o autor.

No decorrer das aulas do primeiro ano contactámos com algumas possibilidades neste campo, mas houve uma em particular que nos chamou a atenção. O Professor Doutor Luís Guerra, no âmbito de um trabalho para a disciplina de Língua Estrangeira e Tradução I, solicitou-nos que escolhêssemos um autor que não estivesse ainda traduzido em Portugal. Uma vez que não tínhamos nenhuma ideia formada, pedimos-lhe que nos desse alguns conselhos. Entre as suas sugestões, encontrava-se uma pequena coletânea de contos de um escritor indiano, R. K. Narayan. Foi o primeiro contacto com este autor, mas ficámos desde logo rendidos ao realismo e humor que fluem da sua escrita.

Eleito o autor, optámos por seleccionar alguns dos seus contos para tradução para a língua portuguesa. O presente trabalho pretende, então, apresentar essa tradução, debruçando-se sobre todo o processo envolvido e sobre as principais dificuldades encontradas. Uma vez que este autor, embora escreva em língua inglesa, pertence a um contexto cultural muito particular, sentimos necessidade de proceder ao seu enquadramento, quer enquanto autor individual, quer enquanto escritor integrado numa determinada corrente literária. Assim, apresentamos alguma informação

biográfica e bibliográfica sobre R. K. Narayan, bem como algumas considerações sobre a globalidade da sua obra, nomeadamente no que toca às temáticas abordadas. Pretendemos também focar (embora sem aprofundar tanto quanto o assunto permite, uma vez que tal não é o objetivo deste projeto) o tema das literaturas pós-coloniais, onde o nosso autor se inscreve, especificando o contexto particular da realidade indiana e as consequências provocadas pelo processo de colonização, prestando especial atenção aos efeitos linguísticos e literários e às implicações que acarretam para a tradução.

Como não podia deixar de ser, começamos por abordar, brevemente, o tema da teoria da tradução, salientando a sua evolução, desde as primeiras noções sobre tradução, polarizadas na oposição *ad verbum vs ad sensum*, até às reflexões predominantes nos nossos dias, mais relevantes e atentas às questões que se colocam na tradução de textos culturalmente muito marcados.

2. OS ESTUDOS SOBRE TRADUÇÃO

Cada vez mais, a globalização torna evidente a importância da comunicação. O fácil acesso a todo o tipo de informação, possibilitado pelo uso dos vários meios de comunicação (com especial ênfase para as atuais ferramentas eletrônicas), acarreta o inevitável contacto com outras realidades, com outras línguas e culturas. Estima-se que atualmente estejam ativas entre quatro mil a cinco mil línguas, o remanescente de um número muito maior existente no passado. Neste contexto, a tradução desempenha uma função essencial, ajudando a compreender um mundo fragmentado e em constante evolução. Mais, a tradução, longe de ser um simples instrumento ou técnica restrita a determinada área linguística ou literária, é encarada como um processo inerente ao discurso humano e está formal e pragmaticamente implícita em cada ato de comunicação (Steiner, 1998).

Mas, o que entender por tradução? Este conceito, que à primeira vista pareceria de fácil definição, tem suscitado, ao longo dos tempos, várias problemáticas, de não tão fácil resolução. Neste primeiro capítulo, pretendemos expor brevemente as questões teóricas que se nos afiguram mais relevantes para o nosso trabalho.

2.1. O CONCEITO DE TRADUÇÃO

A maior parte dos estudos sobre tradução começa por tentar chegar a uma definição do que é a ‘tradução’ e do que significa ‘traduzir’. Susan Bassnett parte da seguinte definição de tradução:

(...) the rendering of a source language (SL) text into the target language (TL) so as to insure that (1) the surface meaning of the two will be approximately similar and (2) the structures of the SL will be preserved as closely as possible but not so closely that the TL structures will be seriously distorted. (2010:11)

Esta descrição aponta, portanto, para a necessidade de transportar, de uma língua para outra, quer o significado, quer a estrutura, dentro de determinados parâmetros. Que parâmetros são esses? Simplificando, preservar o texto de partida tanto quanto possível, sem, no entanto, comprometer as condições do texto de chegada.

Neste processo, participam vários intervenientes – o texto original (acompanhado, por vezes, pela figura do autor, com eventuais pretensões de controlo sobre o seu texto); a cultura em que nasceu esse texto; o texto de chegada, acompanhado também da sua cultura específica; e, se quisermos ser rigorosos, teremos também de incluir os prováveis leitores e o seu sistema de expectativas, bem como os critérios da indústria editorial. A figura do tradutor surge, empregando as palavras de Umberto Eco, “como negociador entre estas partes reais ou virtuais, e em tais negociações nem sempre está previsto o consenso explícito das partes” (2005: 17).

A noção de *negociação* é, aliás, central para Eco. Traduzir é, para este autor, negociar que significados atribuir ao texto, ou seja, interpretar. O trabalho do tradutor é, então – sabendo que dizer *exatamente* o mesmo é impossível – tentar compreender como se pode dizer *quase* a mesma coisa. Traduzir, afirma Eco, “significa sempre ‘limar’ algumas das consequências

que o termo original implicava. Neste sentido, ao traduzir, *nunca se diz a mesma coisa*” (2005: 95).

Esta percepção do ato de tradução implica uma visão que rompe com muitos aspetos de passadas teorizações sobre tradução. Por um lado, temos o assumir de um papel novo, mais ativo, por parte do tradutor, na medida em que é a *sua* interpretação, dependente da *sua* competência linguística e cultural, que vai enformar o que é traduzido. Por outro lado, assume-se declaradamente que traduzir não pode ser ‘dizer o mesmo’, não é ‘seguir a intenção do autor’ (quando muito, dir-se-á que é ‘seguir a intenção do texto’) e que a noção de fidelidade não é o critério que dita se uma tradução é aceitável ou não. Estamos perante um conceito de tradução que é relativamente recente e está muito longe das primeiras conceções teóricas sobre o assunto, como veremos em seguida.

2.2. O DESENVOLVIMENTO DAS TEORIAS SOBRE TRADUÇÃO

Os estudos sobre tradução desenvolveram-se a partir do trabalho efetivo de alguns tradutores, que julgaram necessário refletir sobre a sua prática. O propósito destes estudos, como salienta Bassnett (2010), tem sido chegar ao conhecimento dos processos envolvidos no ato de tradução, ainda que, erradamente, muitos julguem que o objetivo é fornecer um conjunto de normas que possibilitem a tradução perfeita.

Embora não seja possível traçar uma história da evolução das teorias sobre tradução de forma absoluta, apontando datas específicas, é relativamente consensual que as primeiras reflexões teóricas sobre a tradução remontam ao período romano. A cultura literária romana regeu-se

pela exaltação dos modelos literários gregos, o que tornou necessário recorrer à tradução dos clássicos. Foi neste contexto que autores como Cícero e Horácio produziram reflexões sobre a sua própria prática da tradução, distinguindo desde logo duas possibilidades metodológicas – a tradução da palavra (*word for word*) ou do sentido (*sense for sense*). Segundo estes autores, o trabalho do tradutor consistia numa interpretação rigorosa do texto de partida de forma a produzir um texto de chegada, baseando-se no princípio *non verbum de verbo, sed sensum exprimere de sensu* (a expressão do sentido e não palavra a palavra) e a sua responsabilidade era para com os leitores do texto de chegada (Bassnett, 2010: 50). É compreensível que, partindo desta conceção, os tradutores desta época tenham produzido trabalhos com alguma ‘liberdade’; todavia, é preciso notar igualmente que a capacidade de acesso ao texto de partida era um pressuposto no período romano e que o texto traduzido funcionava como uma espécie de metatexto. Aliás, o conceito romano de tradução colocava grande ênfase na funcionalidade enriquecedora e instrutiva da tradução, a nível linguístico e literário.

Com a disseminação do Cristianismo, a tradução veio a adquirir outra função: permitir a propagação da palavra divina. A tradução da Bíblia tornou-se uma das principais questões nas reflexões sobre tradução até ao século XVII, mantendo sempre aceso o debate entre a tradução da palavra ou do sentido (ou, com consequências mais graves, entre a chamada ‘licença’ estilística e a interpretação herética). Gradualmente, com o desenvolvimento das várias culturas nacionais e o enfraquecimento do poder centralizador da

igreja, a tradução veio a ser utilizada como arma em conflitos dogmáticos e políticos. O tradutor desta época era um linguista, mas também um evangelista, e a tradução, longe de ser encarada apenas como um exercício de estilística, cumpria um objetivo moral e didático.

No século XVI, com o aperfeiçoamento da prensa, a importância da tradução bíblica ganhou novo fôlego, com a sua tradução para um grande número de línguas europeias, quer na versão católica romana, quer na versão protestante, patenteando a crescente importância das línguas vernáculas. A tradução atingiu outro destaque, devido ao volume de trabalhos produzidos, e datam desta altura as primeiras tentativas para formular uma teoria da tradução. Um dos primeiros teorizadores foi Etienne Dolet (1509-1546), cujos princípios exaltam a importância de *compreender* o texto de partida e o contexto do texto de chegada como requisitos essenciais:

The translator is far more than a competent linguist, and translation involves both a scholarly and sensitive appraisal of the SL text and an awareness of the place the translation is intended to occupy in the TL system. (Bassnett, 2010: 56)

O conceito de tradução sofreu, então, neste período, alterações, a par das transformações ocorridas no campo da educação, fruto do alargamento dos horizontes culturais.

O período renascentista na Europa trouxe consigo a afirmação do presente, através do uso de línguas e estilos contemporâneos, tendo como consequência que, por vezes, algumas traduções, de tão individualistas, eram consideradas não traduções mas, sim, adaptações. No entanto,

globalmente, esta era de inovação consagrou um lugar de destaque para a tradução, enquanto elo de ligação entre o passado e o presente e as diferentes línguas e culturas. Contudo, a cultura da Renascença advogava também a imitação dos clássicos como modelo nas artes, levando, mais uma vez, a um aumento no volume de obras traduzidas. Datam deste período importantes contributos para a compreensão dos problemas da tradução: autores como John Dryden (1631-1700) e Alexander Pope (1688-1744) escreveram sobre a tradução da poesia, salientando a importância de ler o original “to note the details of style and manner whilst endeavouring to keep alive the ‘fire’ of the poem” (Bassnett, 2010: 65), advogando um caminho de moderação, entre a metáfrase e a imitação – a paráfrase.

Subjacente a este modelo de tradução, esteve sempre o dever do tradutor para com o leitor contemporâneo. No século XVIII, esse dever afastou-se do objetivo moral, centrando-se no problema da recriação da natureza primária da obra de arte. O período romântico apresenta, assim, uma atitude de ambiguidade relativamente à natureza da tradução; por um lado, a tradução era considerada um trabalho mecânico e foi neste período que surgiu aquele que é considerado o primeiro estudo sistemático em inglês dos processos de tradução, pela mão de Alexander Tytler (1747-1813); por outro lado, os ideais românticos sobre a importância da imaginação conduziram a uma reavaliação do papel da poesia e da criatividade, levando a uma conceção da tradução como um trabalho criativo. Já no século XIX, esta dualidade de conceções permitiu a proliferação de abordagens diferenciadas à tradução: por exemplo, Friedrich Schleiermacher (1768-

1834) propôs a criação de uma ‘sub-língua’ cuja utilização se aplicaria apenas no âmbito da tradução literária, enquanto que Dante Rossetti (1828-82) chamou a atenção para a língua do texto original, em relação à qual a tradução seria subserviente.

Apesar da diversidade de perspectivas, no período pós-romantismo e especificamente na era vitoriana, esteve patente uma preocupação generalizada em expressar a diferença temporal e espacial do texto original, originando assim traduções de cunho (por vezes demasiado) arcaizante.

A tendência arcaizante, mais uma vez, dá conta da natureza paradoxal da tradução: se por um lado, era advogado o respeito pelo texto original, cujo valor se baseava numa avaliação do mérito do escritor, por outro, rejeitava-se logo à partida a noção de literacia universal, pois só alguns eleitos poderiam ter acesso ao texto. Esta abordagem representou uma mudança, depreciativa, de atitude para com a tradução, já que o seu objetivo passou a ser levar o leitor ao texto de partida, menosprezando assim as capacidades do tradutor. Obviamente, esta visão não foi uma noção absoluta neste período: Edward Fitzgerald (1809-1863), por exemplo, continuou a defender a ideia de que a tradução deveria produzir uma entidade viva na cultura de chegada. Ainda assim, segundo J. M. Cohen, a ênfase em expressar a qualidade arcaica dos textos originais contribuiu para o crescente declínio do estatuto da tradução e o seu afastamento em relação a outras atividades literárias (Bassnett, 2010: 75).

Grande parte da discussão sobre tradução da primeira metade do século XX continuou a seguir as tendências do período vitoriano. Contudo,

os estudos sobre a matéria continuavam a debater-se com o mesmo problema – a falta de uma sólida base teórica. Não obstante, destacam-se, neste período, alguns estudos relevantes de Ezra Pound (1885–1972), Hilaire Belloc (1870–1953) e James McFarlane (1920–1999).

De acordo com a análise de Bassnett (2010), os primeiros cinquenta anos do século XX foram pautados, no que respeita ao estudo da tradução em língua inglesa, por um atraso, provocado pelo isolacionismo social britânico e americano e pelos desenvolvimentos anti teoria nos estudos literários, especialmente em comparação com o contexto europeu, em que se desenvolviam correntes teóricas muito importantes, tais como o Estruturalismo Checo, os *New Critics*, a Teoria da Comunicação e a aplicação da Linguística ao estudo da tradução. Só a partir da década de cinquenta se registou algum crescimento nestes estudos em língua inglesa e é apenas na década de oitenta que se consideram consolidados os *Translation Studies*, denominação proposta por André Lefevere, em 1978¹, para a disciplina que se ocupava dos procedimentos da tradução.

Globalmente, podemos dizer que os anos setenta e oitenta foram dominados pela oposição entre Linguística e Estudos Literários (fornecendo a base para o surgimento dos Estudos de Tradução), dando azo a que a tradução fosse analisada isoladamente a partir de dois prismas: a abordagem linguística, preconizada por autores como Gideon Toury e Itamar Even-Zohar, cujos objetivos se centravam em definir parâmetros teóricos e metodológicos, no sentido de conferir cientificidade à tradução, e a

¹ A proposta consta num apêndice às Atas do Colóquio sobre Literatura e Tradução (Lovaina, 1976).

abordagem cultural e histórica, defendida por autores como Lawrence Venuti e André Lefevere.

Os anos noventa, embora muito importantes para os Estudos de Tradução, uma vez que a explosão dos meios de comunicação eletrônicos salientou a importância da comunicação intercultural, são outro marco na história da tradução, pois o crescente interesse neste campo levou a uma multiplicação de teorias. Um dos desenvolvimentos mais interessantes foi a expansão dos Estudos de Tradução para além da Europa. Fora do contexto europeu, a teorização sobre tradução realçou as relações de poder presentes nos processos de tradução, enfatizando o papel da tradução, no passado, como instrumento de domínio colonial:

What has changed in recent translation scholarship on culture is an increasing emphasis on the collective control or shaping of cultural knowledge: the role played by ideology (...) in constructing and maintaining cultural knowledge and policing transfers across cultural barriers. (...) several groups of scholars in the Benelux countries and Israel began to explore the impact of cultural systems on translation (...) other groups of scholars around the world began to explore the ongoing impact of colonization on translation – especially the surviving power differentials between “first-world” and “third-world” countries and how they control the economics and ideology and thus also the practice of translation. (Robinson, 2009: 188)

Nesta nova perspectiva da tradução, há uma rejeição de velhas terminologias, que insistiam nas ideias de ‘fidelidade’ ou ‘traição’. O processo de tradução, até agora sempre encarado em termos de relações de poder entre um original (superior) e uma cópia (inferior), é repensado de um ponto

de vista pós-colonial: original e tradução são vistos como produtos iguais, fruto da criatividade do escritor e do tradutor (Bassnett, 2010: 5).

Apesar da diversidade de abordagens característica dos últimos anos, verifica-se uma tendência para que o fosso entre as perspectivas linguística e cultural seja cada vez menor, graças ao trabalho de autores como Mona Baker, Roger Bell, Basil Hatim, entre outros. Os Estudos de Tradução tendem a ser uma área de alianças interdisciplinares, onde se cruzam disciplinas como os Estudos Literários, os Estudos Culturais, a Linguística, o Pós-colonialismo e os Estudos de Gênero, sendo que o denominador comum tem sido a crescente importância atribuída ao fator 'diversidade' e aos aspetos culturais envolvidos no processo de tradução.

Serão estas tendências que procuraremos seguir nos próximos dois pontos, dando conta com maior pormenor das especificidades particulares associadas à tradução literária e das dificuldades acrescidas que as diferenças culturais podem colocar à tradução.

2.3. A TRADUÇÃO LITERÁRIA

O século XX pautou-se também, em termos de evolução teórica, por uma reavaliação do papel do leitor: outrora visto como simples consumidor, o leitor atual constitui-se como um agente ativo, um produtor de sentidos nos textos que lê. Ora, o tradutor, em primeira instância, é um leitor e só depois se poderá constituir como escritor, pelo que, no seu processo de leitura, é inevitável que haja uma escolha de posição ou perspectiva.

É precisamente neste ponto que a tradução literária difere da tradução de outro tipo de textos. Num texto científico ou jurídico, por exemplo, a tradução, seja qual for a língua, seja qual for o tradutor, deve originar como produto final um texto com um sentido único, uma leitura invariável. O mesmo não acontece com a tradução de um texto literário. Neste campo, a tradução reflete invariavelmente a interpretação criativa do tradutor-leitor e, como tal, eventuais ‘desvios’ em relação ao texto de partida não devem ser prontamente considerados como transgressões, já que podem ser justificados pelo sistema do texto de chegada e pela função do texto traduzido:

The interlingual translation is bound to reflect the translator’s own creative interpretation of the SL text. Moreover, the degree to which the translator reproduces the form, metre, rhythm, tone, register, etc. of the SL text, will be as much determined by the TL system as by the SL system and will also depend on the function of the translation. (Bassnett, 2010: 83)

No âmbito da tradução literária, uma das áreas mais estudadas tem sido a tradução da poesia e é precisamente neste campo que julgamos ser mais evidente que a ‘proximidade’ entre textos não é o critério central para uma tradução correta. Aquando da tradução de um texto poético, o tradutor pode ser confrontado com uma multiplicidade de fatores – a métrica, a forma, o ritmo, a rima, o registo, o tom, eventuais características temporais e culturais que podem já nada dizer ao leitor contemporâneo – que irão influenciar a sua leitura e a sua seleção de critérios para a tradução. Há todo um conjunto de critérios tomados em consideração pelo tradutor e todos eles envolvem mudanças de expressão, “as the translator struggles to

combine his own pragmatic reading with the dictates of the TL cultural system” (Bassnett, 2010: 105). Tal como não existe uma fórmula única para a criação de um poema, também não existe apenas um único molde para uma boa tradução de um texto poético.

No que diz respeito a outros géneros de texto literário, nomeadamente a prosa e o texto dramático, os Estudos de Tradução têm sido menos atentos às suas problemáticas, talvez baseados no pressuposto de que, comparativamente com a poesia, possuem estruturas mais simples. No entanto, são áreas que colocam também dificuldades ao trabalho do tradutor. Bassnett (2010) salienta na prosa literária, para além dos problemas derivados das diferenças linguísticas e contextuais que são comuns com a poesia, a dificuldade do tradutor em delimitar unidades de tradução (por oposição ao texto poético, onde existe a possibilidade de delimitação por versos ou estrofes) e a aparente maior facilidade com que a prática da tradução separa a forma e o conteúdo dos textos. O texto literário em prosa é uma unidade orgânica, tanto quanto um poema, e a sua tradução deve ser abordada tendo em conta a visão do todo, ao invés de enfatizar alguns elementos em detrimento da estrutura global.

O mesmo se aplica à tradução de um texto dramático, talvez de forma ainda mais premente. Sendo um texto que, em si mesmo, apenas como texto escrito, se encontra incompleto, é fundamental que o tradutor tenha em consideração o todo, em especial os elementos extratextuais que estão implícitos. Numa peça de teatro, o sistema linguístico é apenas uma das componentes dentro de uma unidade total que constitui o espetáculo; há a

considerar aspetos como a movimentação de personagens, o ritmo, a entoação, a participação da audiência... Além disso, realça Bassnett (2010: 122), os estilos de atuar e o conceito de teatro também diferem consideravelmente em diferentes contextos nacionais. Todos estes elementos devem pesar no processo de tradução.

Não nos iremos alongar mais sobre as especificidades dos textos literários, uma vez que não é esse o nosso objetivo. Pretendemos apenas salienta a diversidade de fatores envolvidos nos processos de tradução deste tipo de textos, realçando que, neste campo, ao tradutor deve ser conferida uma maior ‘margem de manobra’, considerando que o produto final é o resultado da interpretação de um leitor. É importante também reter que a noção de *função* é essencial, uma vez que é o fator central para a seleção dos critérios que regem uma tradução: “What the translator must do, therefore, is to first determine the function of the SL system and then find a TL system that will adequately render that function” (Bassnett, 2010: 119).

Conforme temos repetidamente destacado ao longo deste capítulo, cada vez mais há a consciência do lugar central que a cultura ocupa na problemática da tradução². Uma vez que o nosso objeto de estudo pertence a um contexto cultural diferenciado, o próximo ponto irá justamente debruçar-se sobre como os aspetos culturais influenciam o processo de tradução, destacando algumas reflexões teóricas produzidas neste âmbito.

² Apesar de esta ser uma tendência especialmente visível nos últimos anos, Douglas Robinson ressalva que “there has never been a time when the community of translators was unaware of cultural differences and their significance for translation. (...) Medieval literalists were not ignorant of cultural or linguistic difference (...) they were simply determined to bracket that difference, set it aside, and proceed as if it did not exist” (2009: 186).

2.4. OS REFERENTES CULTURAIS NA TRADUÇÃO

Considerando como ponto assente que a tradução literária se constitui como um campo que coloca dificuldades acrescidas ao tradutor, vimos também que essa especificidade se encontra associada tanto a questões linguísticas como a questões culturais. Aliás, as tendências teóricas dos últimos anos têm estabelecido o chamado '*cultural turn*'³ nos Estudos de Tradução, fruto do entendimento de que todas as línguas estão alicerçadas no coração das culturas a que pertencem e são elementos indissociáveis. E, tal como não há línguas iguais, também não existem culturas tão semelhantes que se possam considerar como representativas da mesma realidade, do mesmo mundo. Esta conclusão tem repercussões importantes para o processo de tradução: se as línguas e as culturas não são iguais, não será possível simplesmente transmutar significados de uma língua para outra, pois poderão não ter o mesmo sentido. Este pressuposto implica que o processo de tradução envolve sempre um certo grau de perdas e ganhos para os textos e é neste contexto que julgamos fazerem sentido as noções de equivalência e de mediação.

A maior parte dos estudos recentes sobre tradução admite que um texto possa ter elementos intraduzíveis. J. C. Catford (1965), por exemplo, distingue dois tipos de intraduzibilidade: a linguística (quando não existe uma estrutura lexical ou sintática que possa substituir a do texto original) e

³ A expressão é definida por Basil Hatim e Jeremy Munday da seguinte forma: "This is a metaphor that has been adopted by Cultural-Studies oriented translation theorists to refer to the analysis of translation in its cultural, political and ideological context" (2009: 102).

a cultural (quando um elemento situacional de uma cultura não tem correspondência possível numa outra cultura).

Contudo, e uma vez admitido que a tradução pode não ser *dizer o mesmo*, será talvez mais proveitoso pensar a tradução como um processo de *equivalências*. Também nesta perspectiva a maioria dos autores apresenta uma diferenciação. Eugene Nida distingue entre equivalência *formal* (onde a ênfase é colocada na mensagem, quer na forma, como no conteúdo) e equivalência *dinâmica* (baseada no princípio da produção de um efeito equivalente) (Bassnett, 2010: 33). Em um outro exemplo, Mona Baker (2009) equaciona todo o seu estudo da tradução em termos de equivalência a vários níveis – gramatical, textual, pragmática, ao nível da palavra e acima da palavra (considera aqui, sobretudo, as colocações e as expressões idiomáticas).

Ao perspectivarmos a tradução nestes termos, estamos a atribuir ao tradutor um papel, fundamentalmente, de mediador, visão que acarreta uma responsabilidade acrescida. Num contexto de comunicação intercultural, o tradutor terá de ser não apenas bilingue, mas também ‘bicultural’: “(...) two (if not more) complete maps of the world are necessary: two set of lexico-grammatical systems, behaviours, writing styles, value systems and beliefs” (Katan, 1999: 418-419).

Mais uma vez, a visão do papel do tradutor atravessa uma transformação, destacando-se a componente individual e subjetiva presente no trabalho de tradução. David Katan (1999) evidencia algumas características que enformam esta perceção: o tradutor deve proceder a uma

avaliação contextual, de forma a escolher conscientemente qual o mapa cultural mais adequado a aplicar, compondo um equilíbrio entre os vários contextos envolvidos (a identidade e os princípios da cultura do texto de partida, do texto de chegada e os do tradutor, se pertencerem ainda a uma terceira realidade). Para que tal aconteça, o tradutor deve adotar a chamada ‘terceira posição’, uma perspetiva de referência, distinta quer da do escritor, quer do leitor – ou seja, uma posição objetiva que lhe permita manipular o texto. Assim, afirma Katan, o principal objetivo deste tradutor-mediador é

(...) to promote communication and understanding across cultures.
(...) to find a pattern of words which will extend the reader’s map of the world to take cognizance of the source text’s world, and explain “what it is that is going on here” (Katan, 1999: 423)

Considerando a tradução de palavras e noções de natureza cultural, Peter Newmark (1988: 96) considera dois métodos: a *transferência*, que confere um ‘sabor local’ aos textos, através da manutenção de conceitos e nomes; ou, em oposição, a *análise de componentes*, que se focaliza na mensagem, em detrimento do elemento cultural. Newmark propõe como mais correto este segundo procedimento, defendendo que a primeira hipótese prejudica os leitores menos informados, ao limitar a compreensão de determinados aspetos. Sándor Hervej e Ian Higgins (1992) conceptualizam este processo em moldes similares, colocando, num extremo, a opção de recorrer à *exotização* e, no outro extremo, a *tradução comunicativa*, com possibilidades intermédias como os empréstimos culturais e os calques.

Independentemente da perspectiva que escolhermos adotar, é evidente que o elemento cultural (que abrange todas as áreas de ação humana – produtos, alimentação, vestuário, gestos, hábitos, crenças, etc.) não pode deixar de ser tido em conta pelo tradutor, já que pode complicar severamente o processo de tradução, tanto quanto (ou ainda em maior grau) as diferenças nas estruturas das línguas e, portanto, determina as escolhas que devem ser feitas. O tradutor, quando confrontado com referentes culturais, tem de decidir qual a sua importância e até que ponto é necessário ou desejável mantê-los. Outro aspeto importante é determinar o grau de informação contextual em falta que deve ser fornecido pelo tradutor (James, 2002: 1). Todas estas escolhas implicam que se crie uma ‘imagem’ dos leitores ideais dos textos de partida e de chegada, de forma a antecipar as diferenças e a informação em falta. Cabe ao tradutor, portanto, com base nesses perfis, decidir

(...) the extent to which it is necessary for the translator to explain or complete such an information gap (...); on the basis of conclusions reached concerning the ideal TT reader, the translator should decide how much be left for the reader to simply infer (James, 2002: 6).

Consideramos que, no que diz respeito aos referentes culturais na tradução, sempre que possível o tradutor deve procurar um equilíbrio na sua abordagem dos textos e tentar estabelecer, de facto, uma mediação entre culturas. Não será conveniente que sejam adotadas posições extremas, que se aproximem tanto do original que se tornem incompreensíveis ao leitor do texto de chegada, nem que se afastem tanto que se percam elementos essenciais do texto de partida. É, contudo, fundamental que quer o

conteúdo, quer a linguagem presentes no contexto de partida sejam completamente entendidos e aceites no contexto de chegada.

Dadas as dificuldades que os referentes culturais podem provocar no processo de tradução, é vital que o tradutor reconheça e compreenda os contextos que envolvem os textos e os autores. Nesse sentido, sentimos que é extremamente relevante um estudo mais aprofundado sobre o autor e a sua obra, bem como sobre as correntes literárias e culturais em que se inscrevem. Assim, no próximo capítulo propomo-nos expor concisamente a problemática das literaturas pós-coloniais e as suas implicações para a tradução, particularizando a conjuntura política e social vivida na Índia sob o domínio britânico.

3. AS LITERATURAS PÓS-COLONIAIS

A expressão “literatura pós-colonial”⁴ designa um conjunto de textos e de autores que pertencem aos povos anteriormente colonizados pelas potências europeias, entre os séculos XV e XX. Cabem, portanto, nesta designação, as literaturas em língua espanhola nos países latino-americanos e caribenhos; em língua portuguesa no Brasil, Angola, Cabo Verde e Moçambique; em língua inglesa na Austrália, Nova Zelândia, Canadá, Índia, Malta, Gibraltar, ilhas do Pacífico e do Caribe, Nigéria, Quênia e África do Sul; em francês na Argélia, Tunísia e vários países do sul de África. Apesar de ser considerada como um género universal, tal não significa que todos os textos e autores possam estabelecer laços, culturais, linguísticos ou pessoais, entre si; aliás, a alienação e a dificuldade em estabelecer relações de identidade são uma característica destes textos.

Não obstante a sua diversidade, é possível apontar alguns aspetos que, regra geral, enformam as literaturas pós-coloniais. Sendo textos que resultaram do contacto com uma experiência de colonização, uma das conclusões mais imediatas será a de que refletem os seus efeitos – migrações, escravatura, conflitos étnicos, etc. Mesmo após a independência, muitos destes países continuaram a ser confrontados com as consequências do colonialismo: os conflitos internos, a luta pelo poder e a corrupção. Não é, portanto, de estranhar que a escrita pós-colonial seja, em muitos casos, uma

⁴ Importa deixar claro desde já a distinção entre estes textos e a “literatura colonial”, que diz respeito aos textos produzidos por autores que pertencem à cultura colonizadora.

reação contra a cultura do colonizador; contudo, é demasiado redutor vê-la apenas nessa perspectiva.

Duas questões centrais quando se fala das literaturas pós-coloniais são as noções de 'lugar' e de 'deslocação'. A crise de identidade pós-colonial revela-se na preocupação em desenvolver ou recuperar uma relação efetiva de identificação entre o 'eu' e o 'lugar'. Mesmo no caso de Raja Rao e Chinua Achebe, por exemplo, em que não há uma deslocação geográfica literal, uma vez que ambos escrevem no seu país de origem (Índia e Nigéria, respetivamente), ainda assim estes autores tiveram de transpor uma deslocação linguística, da língua pré-colonial para o inglês. Todo o processo de deslocação do 'eu' deu origem a um sentido de alienação que, inicialmente, marginalizou o mundo pós-colonial, mas, simultaneamente, permitiu que, de esse lugar marginal, o mundo pós-colonial pudesse analisar todas as experiências a partir de um novo ponto de vista, não situado no centro. Nesse sentido, a marginalidade tornou-se uma fonte de energia criativa, criando um conjunto de textos híbridos, resultantes de um processo de troca e crescimento cultural.

3.1. OS TEXTOS PÓS-COLONIAIS E A TRADUÇÃO

O que as diferentes literaturas pós-coloniais têm em comum é o facto de terem surgido da tensão com o poder colonial. Afirmaram-se a partir dele, enquanto procuravam realçar as suas diferenças em relação aos valores ditados pelo poder imperial. Contudo, prevalecia o controlo sobre a língua, manifestado pela imposição de um sistema de escrita.

No contexto colonial, o sistema de educação instala uma versão padrão da língua colonizadora e marginaliza todas as variantes. A língua torna-se no meio através do qual a estrutura do poder é perpetuada, estabelecendo as noções de ‘verdade’ e ‘ordem’. No entanto, este poder foi rejeitado pelas vozes pós-coloniais. Uma das formas pelas quais os escritores pós-coloniais se manifestaram foi através da moldagem da língua, modificando-a de modo a caber perfeitamente no discurso do colonizado. Esta estratégia corresponde, como salienta Conceição Lima, a um duplo processo:

Num primeiro momento, dá-se a **anulação**, que pressupõe uma rejeição do poder metropolitano sobre os meios de comunicação, que mais não é do que uma recusa das categorias da cultura imperial e da sua estética, do seu padrão ilusório de uso normativo ou correcto (...). Num segundo momento, o escritor pós-colonial procede à **apropriação**, processo pelo qual a língua (padrão) é tomada e forçada a suportar o peso da experiência cultural do colonizado. A língua é apropriada como um instrumento e utilizada de várias formas, de modo a demarcar diferenças que reflectem experiências culturais extremamente díspares. (2010: 80)

Assim, a literatura pós-colonial apresenta-se como transcultural, pois estabelece uma ligação entre mundos, conciliando elementos, num processo a que se dá o nome de “hibridização” e que coloca certos problemas ao tradutor⁵.

A construção híbrida contém elocuições, formas de discurso, estilos, línguas, sistemas semânticos e axiológicos fundidos, sem que haja qualquer

⁵ Antes de mais, é necessário que fique claro que, no que diz respeito à literatura e à sua tradução, mantemos que a tensão entre uma língua do centro e as variantes da periferia é irrelevante, pois todas têm igual validade.

fronteira formal. Pode acontecer, por exemplo, que uma única palavra pertença simultaneamente a duas línguas, dois sistemas de crenças, que se intersejam numa construção híbrida; neste contexto, uma palavra pode chegar a ter dois significados contraditórios.

Colocam-se, pois, ao tradutor dificuldades acrescidas na tradução deste tipo de textos, quer em termos de fenómenos extralinguísticos, cujo conhecimento é determinante (porque a tradução só pode ir até ao ponto em que a competência cultural do tradutor enquanto leitor chegou), quer em termos de fenómenos intralinguísticos/pragmáticos. Mais do que nunca, a característica híbrida dos textos coloca a questão: de que forma, ou com que grau de eficiência é que uma tradução funciona na cultura da língua de chegada? Mais do que questionar se existirá um termo na língua de chegada para uma determinada característica do texto de partida, o tradutor será forçado a refletir sobre o que fazer, como tornar um significado acessível ao recetor da língua de chegada, se simplesmente ‘traduzir’ não for adequado.

O ideal da tradução seria que aos leitores do texto de chegada fossem proporcionadas traduções que funcionem, isto é, que forneçam ao leitor o material necessário para um processo comunicativo efetivo. Uma das formas pelas quais o tradutor pode colmatar lacunas entre os textos de partida e de chegada é a recodificação linguística, visando satisfazer as necessidades do leitor de chegada, o que implica uma manipulação do original, com o objetivo de cumprir com as normas discursivas da língua de chegada. Deste modo superam-se as dificuldades inerentes aos textos pós-coloniais, mas, ao mesmo tempo, dissipam-se as peculiaridades linguísticas e estilísticas do

texto original. A leitura torna-se fluente e a tradução parece um original, fruto do esforço do tradutor para garantir a legibilidade. Trata-se de uma tradução *domesticada*. O tradutor pode, no extremo oposto, optar por uma tradução *estrangeirizante*, que registre a diferença linguística e cultural do texto estrangeiro. Entre outros fatores, a escolha entre estas duas estratégias dependerá do grau de tolerância da sociedade recetora relativamente aos elementos culturais a traduzir.

Qualquer texto que incorpore elementos de uma outra cultura tem limitações implícitas, já que apresenta uma complexidade decorrente de uma componente cultural e linguística múltipla. É inevitável que o tradutor estabeleça como seus parâmetros orientadores a compreensão do recetor e a funcionalidade do texto traduzido. Sendo certo que nenhum texto pode ser traduzido em *todos* os seus aspetos, ao tradutor serão permitidos acrescentamentos e omissões, no sentido de tornar o texto legível. Pelos mesmos motivos, é fundamental que o tradutor respeite as normas da língua de chegada. Consequentemente, as características linguísticas, muitas vezes inovadoras, dos textos pós-coloniais tendem a desaparecer na tradução. Podemos mesmo considerar que a tradução dos textos pós-coloniais pode dar origem, de certa forma, a um processo de “desibridação”⁶, em que a característica ‘pós-colonial’ fica esbatida (Lima, 2010: 93).

Com o objetivo de melhor compreender o contexto linguístico e cultural particular dos textos que nos propomos traduzir, veremos agora com maior

⁶ Conceição Lima usa o termo “desibridação”, embora seja mais comum encontrar a designação “desibridização”.

pormenor o desenvolvimento da literatura pós-colonial de expressão inglesa e as suas características peculiares.

3.2. A LITERATURA PÓS-COLONIAL DE EXPRESSÃO INGLESA: O INGLÊS COMO LÍNGUA COLONIZADORA

A língua inglesa foi desenvolvida por invasores germânicos nas zonas do sul e do este da Grã-Bretanha, espalhando-se posteriormente para norte e oeste, para a Irlanda, Gales e Escócia. Do Renascimento ao século XVIII, a marinha inglesa e os emigrantes difundiram o Inglês pela América do Norte e Australásia. Posteriormente, o poderio do Império Britânico no século XIX tornou o Inglês a língua administrativa em muitos locais da África, do subcontinente indiano e em postos comerciais estratégicos, como Hong Kong e Singapura.

O facto de haver tantos falantes da língua inglesa fora dos seus limites territoriais leva a que se considere que não existe um *'English'* mas, sim, *'Englishes'*, com características que variam de acordo com a altura específica em que se deu a colonização, embora todos derivem de variantes do sul da Ânglia. O inglês falado no norte da América está ligado aos séculos XVII e XVIII, com uma influência particular da Ânglia Oriental, ao passo que a Australásia está mais ligada a Londres e às regiões a sudeste, nos séculos XVIII e XIX. As restantes regiões (África, Índia e sul da Ásia) obtiveram as suas normas linguísticas do inglês dos finais do século XIX e início do século XX (Stockwell, 2007: 24-25). Mais tarde, ocorreram variações locais resultantes da evolução e do contacto com outras influências

(nomeadamente, as línguas nativas já anteriormente presentes nos territórios colonizados e outras línguas com que contactaram posteriormente).

Historicamente, o número de falantes do inglês como língua materna (L1) foi sempre superior aos dos falantes do inglês como segunda língua (L2). Esta tendência tem, contudo, mostrado propensão a inverter-se, uma vez que as populações ‘periféricas’ apresentam níveis de crescimento mais acelerados. Braj Kachru (1985) distingue três zonas de influência da língua inglesa: “*the inner circle*”, onde o inglês é a língua oficial ou principal; “*the outer circle*”⁷, abrangendo as regiões que sofreram períodos alargados de colonização, onde o Inglês é importante, embora não necessariamente dominante; e “*the expanding circle*”, onde o inglês se constitui verdadeiramente como uma língua franca (sem que esse facto resulte do processo de colonização). Estes três círculos trazem à língua inglesa um pluralismo cultural e uma diversidade linguística únicos, de uma forma nunca antes vista. Esta abrangência da língua inglesa confere-lhe um grande poder linguístico (e não só, também social e comercial), o que não é alheio ao facto de, dados os seus contextos de utilização heterogéneos, ser considerada, de certa forma, uma língua socialmente neutra⁸. Nos seus contextos de utilização não-nativos, o Inglês oferece uma neutralização de identidades, tornando-se uma “intergroup language, uniting elite speakers

⁷ Para melhor compreensão do “*outer circle*”, oferecemos a definição de Kachru: “The major features of this circle are that (a) English is only one of two or more codes in the linguistic repertoire of such bilinguals or multilinguals, and (b) English has acquired an important status in the language policies of most of such multilingual nations.” (1985: 12)

⁸ Esta visão não é de modo algum consensual: Robert Phillipson (e mais recentemente Peter Yves) rejeitam a pretensão de neutralidade da língua inglesa nos contextos de utilização não-nativos; autores como Alastair Pennycook e Mark Warschauer contribuem também para este debate, promovendo a crítica ao conceito do inglês como língua franca ou internacional.

across ethnic, religious and linguistic boundaries used for political change” (Kachru, 1986: 2).

Dado o nosso objeto de estudo, vamos focar-nos especialmente no “*outer circle*”, onde se inscreve a Índia. Continuando a seguir a linha de pensamento de Kachru, salientamos três características funcionais das variantes do Inglês neste círculo:

(...) first, English functions in what may be considered traditionally ‘un-English’ cultural contexts. (...) Secondly, English has a wide spectrum of domains in which it is used with varying degrees of competence by members of society, both as an intranational and an international language. Third, and very important, English has developed nativized literary traditions in different genres, such as the novel, short story, poetry and essay. In other words, English has an extended functional *range* in a variety of social, educational, administrative and literary domains. (1985: 13)

Estas variantes do inglês, resultantes do contacto entre línguas, deram, portanto, origem à chamada “contact literature”. Este conceito reúne a literatura produzida nos contextos pós-coloniais, em que a criatividade bilingue (ou multilingue) introduziu um processo de pensamento ‘nativizado’, que não se adequa ao cânone reconhecido da literatura em língua inglesa, quer em termos do tipo de discurso, ou de convenções de estilo, ou de temáticas. Esta literatura, à semelhança das línguas que lhe deram origem, tem duas faces: a sua própria identidade (nacional) e as características particulares que lhe chegam pelo contacto com o ‘outro’ (a *Indianness* ou *Africanness*, por exemplo⁹).

⁹ Utilizamos aqui os termos em língua inglesa, embora na língua portuguesa seja também já possível encontrar as designações ‘Indianidade’ e ‘Africanidade’.

Desta forma, há todo um conjunto de recursos linguísticos e culturais que diferem dos que são geralmente associados às variedades nativas do inglês. Falamos de escolhas discursivas e estilísticas especificamente ligadas ao contexto, usadas para dar autenticidade aos textos. De forma genérica, podemos salientar alguns processos de o fazer, que são comuns aos textos da *contact literature*: uso de comparações e metáforas ‘nativas’; a tradução de provérbios e expressões idiomáticas; a transferência de estratégias retóricas locais; e o uso de estruturas sintáticas singulares (exemplos de Stockwell, 2007: 199).

Para verdadeiramente ler e compreender estes textos, é necessário que haja um processo de expansão histórica e cultural, de modo a abarcar estas regiões. Mais relevante do que falar em ‘Literatura Inglesa’ ou ‘Literatura Norte-Americana’, é preciso alargar o conceito para ‘Literaturas em Língua Inglesa’. É um processo exigente por parte do leitor (e conseqüentemente do tradutor), a quem é exigida uma sensibilidade literária e uma consciência cultural novas. Neste sentido, a *contact literature* pode ter um efeito limitador; se uma parte do código linguístico ou cultural não for entendida, podem ser perdidos uma quantidade de níveis de interpretação linguísticos, literários, sociais e culturais. Para que tal não aconteça, é fundamental pensar nas *contact literatures* e *contact languages* numa perspetiva diferente, não as avaliando tendo como medida as teorias tradicionais, que são adequadas a contextos onde o monolinguismo permite o estabelecimento de normas prescritivas. Agora, mais do que nunca, não podemos esquecer que a língua inglesa deixou de ser representativa de uma única cultura; neste

momento, é a língua daqueles que a usam e que a fazem sua em cada região, conferindo-lhe uma identidade distintiva.

A Índia foi a primeira das colônias britânicas a ganhar a independência, em Agosto de 1947. Devido ao peso do passado colonial, muitos pensaram que a influência da cultura e da língua inglesas desapareceria após a independência; todavia, essa influência foi adotada e adaptada pelos escritores indianos, servindo os seus próprios interesses, sendo a Índia o terceiro país com maior produção de livros em língua inglesa, superado apenas pelos EUA e pelo Reino Unido. Vejamos com maior detalhe o impacto da colonização britânica na sociedade indiana.

3.3. O CASO INDIANO

O envolvimento britânico na Índia começou no século XVI, quando a rainha Elizabeth I concedeu um decreto real à Companhia das Índias Orientais, para a exploração do comércio de especiarias e tecidos. Considera-se que o domínio britânico começou oficialmente quando Robert Clive, soldado e um dos administradores da Companhia, tomou a cidade de Calcutá, em 1757. Contudo, nesta altura a interferência cultural britânica era mínima. O estilo de vida dos governadores e príncipes hindus manteve-se e poucos indianos aprendiam a língua inglesa. Pouco a pouco, a Companhia foi impondo uma campanha de ocidentalização que provocou o descontentamento do povo indiano, culminando com uma revolta armada em 1857. Foi este conflito que provocou o fim da Companhia, em 1858, e colocou a Índia sob o controlo direto da coroa britânica. Em 1876, a rainha Vitória foi proclamada Imperatriz da Índia. Foram estabelecidos colégios que

impunham a língua inglesa e o currículo europeu. Este sistema permitiu a criação de uma elite, predominantemente Hindu, ligada tanto às tradições literárias ocidentais, como à sua cultura nativa (O'Reilly, 2007: 17).

Porém, o movimento pró-independência estava a ganhar forma. Fatores como a participação da Índia na Primeira Guerra Mundial, a injustiça social e a exploração dos trabalhadores levaram à criação de sindicatos e a protestos. A Coroa respondeu com medidas como os *Rowlatt Acts* (1919), que tornavam ilegais as greves e a venda de literatura anti-imperialista. Os manifestantes objetaram às medidas opressivas com manifestações pacíficas, que terminaram com um grande número de mortos e feridos.

Uma das principais figuras do movimento para a independência foi Mohandas Gandhi. Os seus ideais políticos e espirituais criaram toda uma cultura de resistência ao poder imperial, insistindo na resistência passiva e na não-violência. Neste período pré-independência, influenciado pela filosofia de Gandhi, começou a desenvolver-se o romance indiano, tendo-se destacado três figuras: Mulk Raj Anand, Raja Rao e R. K. Narayan. Todos responderam através da ficção ao contexto que os rodeava, embora de formas diferentes. Anand e Rao abraçaram explicitamente a causa nacional, dando voz às injustiças sociais, querendo participar de forma ativa no processo de reforma da sociedade indiana. Narayan foi mais moderado, tendo preferido centrar-se nos fatores psicológicos, na atmosfera de crise e nos seus efeitos no indivíduo. Os três autores escolheram escrever em língua inglesa (se é que se tratou de uma questão de escolha, dado o seu

multilinguismo), apresentando um processo de apropriação do Inglês, uma *Indianisation* da língua inglesa, embora também neste aspecto Narayan seja o menos radical¹⁰. Cada um destes escritores procurou encontrar o seu estilo e o ‘seu inglês’ (nem sempre o mesmo), adequado ao contexto particular que estava a ser trabalhado, conforme salienta G. J. V. Prasad: “in each individual novel the Indian English writer has to write an English suitable for the task at hand, to convey the particularities of the situation and region portrayed” (1999: 44).

Os conflitos internos e com a coroa britânica continuaram, até que a independência se tornou inevitável. O discurso pacifista foi, de alguma forma, suplantado pela violência e pelo extremismo religioso. O próprio Gandhi foi assassinado em 1948 por um extremista hindu. A continuada atmosfera de violência, radicalismo, corrupção e pobreza culminou com o Estado de Emergência, decretado por Indira Gandhi, cerca de trinta e cinco anos depois da obtenção da independência.

Não obstante ter-se vindo a afirmar como uma economia de rápido crescimento, sendo o segundo país mais populoso do mundo, a Índia tem-se sempre debatido com as consequências da colonização. Durante todo o século XX esteve envolvida em disputas territoriais com a China e com o

¹⁰ No caso particular de R. K. Narayan, a adoção da língua inglesa na sua escrita parece ter sido não uma escolha deliberada, mas, sim, uma consequência natural da sua educação, como teremos oportunidade de ver no próximo capítulo. O próprio autor, numa entrevista a William Walsh, em 1968, admite: “...I never had any idea that I was writing in another tongue. My whole education has been in English from the primary school, and most of my reading has been in the English language... I was never aware that I was using a different, a foreign, language when I wrote in English, because it came to me very easily” (Walsh, 1971: 7).

Paquistão; o terrorismo e o radicalismo religioso continuam ativos; a pobreza e a falta de cuidados de saúde fazem-se sentir por todo o país.

Todo este contexto deixou uma marca profunda na escrita indiana, desde o discurso pacifista ao desprezo pelos pobres e pelos ideais da democracia e da liberdade de expressão. Sendo um país marcadamente pluralista¹¹, multicultural e multilingue, o desenvolvimento da sua escrita no período pós-independência é também múltiplo. Os seus autores representam uma grande variedade de estilos e perspectivas, sobressaindo neste período Salman Rushdie, Anita Desai e Arundhati Roy. A nível puramente linguístico, a *Indianisation* do Inglês é considerada uma força global inevitável, estando atualmente em processo de standardização, como acontece com todos os *New Englishes* (*Nigerian English*, *Singapore English*, *Philippine English*, entre outros). No que diz respeito à escrita, o *Indian English* faz uso de muitas características que, num contexto britânico ou americano, são consideradas demasiado formais ou conservadoras. A oralidade, sobretudo, apresenta alguns aspetos particulares; apresentamos aqui alguns exemplos de Stockwell (2007: 26):

❖ **omissão de artigos**

Indian English: “*I borrowed book from library*”

Standard English: “I borrowed a book from the library”

❖ **não inversão na estrutura da frase interrogativa**

Indian English: “*Who you have come to see?*”

Standard English: “Who have you come to see?”

¹¹ Christopher O'Reilly destaca repetidamente esta ideia, afirmando: “India is not one place or idea, but a multiplicity of places and experiences.” (2007: 24).

❖ **variação no uso das preposições**

Indian English: “*I my aunt to visited*”

Standard English: “I visited my aunt”

❖ **alteração da estrutura frásica**

Indian English: “*I door open*”

Standard English: “I open the door”

❖ **alterações nos graus dos adjetivos (comparativo e superlativo)**

Indian English: “*good – more good, most good/good of all*”

Standard English: “good – better, best”

❖ **‘question-tags’ indiferenciadas**

Indian English: “*You are going home soon, isn’t it?*”

Standard English: “You are going home soon, aren’t you?”

❖ **variação no tempo e aspeto verbais**

Indian English: “*I am having a cold*”

Standard English: “I have a cold”

Muito embora a obra de R. K. Narayan não seja talvez a mais representativa dos conflitos sociais e políticos na Índia, não deixa de ser um importante testemunho, com o interesse acrescido de ter acompanhado todo o processo de independência, desde o crescimento do nacionalismo nos anos trinta, até à violência e corrupção da era pós-independência. O próximo capítulo irá, portanto, procurar dar a conhecer um pouco melhor a vida e a obra deste autor.

4. R. K. NARAYAN

4.1. INFORMAÇÃO BIOGRÁFICA

R. K. Narayan (Rasipuram Krishnaswami Iyer Narayanaswami) é um dos escritores mais prolíficos da Índia e, juntamente com Raja Rao e Mulk Raj Anand, é considerado como uma das principais vozes da literatura indiana pré-independência. Nasceu em Madras (atualmente, Chennai), a 10 de Outubro de 1906, numa família *Brahmin*¹², pertencente a uma casta elevada. O seu pai exerceu a função de diretor de uma escola em Mysore, onde o autor viveu a partir de 1921 e durante a maior parte da sua longa vida. Tendo frequentado esta escola, Narayan recebeu uma educação conforme a um currículo colonial, no qual predominavam o estudo da história e da literatura inglesas.

Assim, enquanto filho do diretor, desde cedo Narayan contou com o privilégio de ter acesso à biblioteca escolar e ao cânone da literatura inglesa: Scott e Dickens eram particularmente do seu agrado; Arnold Bennett, Conan Doyle, H. G. Wells, George Bernard Shaw, Thomas Hardy estavam igualmente entre as suas leituras habituais. Tinha também acesso a alguns dos principais jornais ingleses da época, incluindo *The Spectator*, *The Times Literary Supplement*, *The Strand*, *John O'London*, o *Mercury* londrino e *The Bookman*. A isto, juntavam-se algumas revistas, como a *Harper's* e a *American Mercury*, que lhe permitiam um vislumbre do Novo Mundo e dos

¹² O termo “Brahmin” designa um membro de uma das quatro *varna* (castas) da sociedade Hindu, nomeadamente: os **Brahmins** (tradicionalmente, estudiosos, professores e religiosos), os **Kshatriya** (guerreiros e administradores), os **Vaishyas** (agricultores, criadores de gado e mercadores) e os **Sudras** (artesãos e comerciantes) (*vide* www.britannica.com).

seus escritores. Dada a sua educação e a sua escolha de leituras, não é de admirar que Narayan tenha ‘preferido’ a língua inglesa como o meio privilegiado para a sua escrita. A sua atitude para com a língua inglesa está, aliás, bem patente em vários dos seus ensaios; deixamos aqui um exemplo retirado de *To a Hindi Enthusiast*:

(...) For me, at any rate, English is an absolutely *swadeshi* language. English, of course, in a remote horoscopic sense, is a native of England, but it enjoys, by virtue of its uncanny adaptability, citizenship in every country in the world. It has sojourned in India longer than you or I and is entitled to be treated with respect. It is my hope that English will soon be classified as a non-regional Indian language. (Narayan, 1988: 26)

O seu contexto linguístico, contudo, estava longe de ser simples: Narayan era fluente em três línguas – Inglês, Canará e Tâmil¹³. À educação colonial, proporcionada pelo pai, contrapunha-se outra grande influência – a sua avó, uma contadora de histórias, que lhe legou uma tradição oral de velhos mitos e lendas, que tomariam parte nas suas histórias e que seriam do seu especial interesse na fase final da carreira.

Terminados os estudos e depois de uma breve e desagradável experiência como professor, Narayan decidiu enveredar pela carreira de escritor. O seu primeiro trabalho publicado foi a análise de um livro sobre o desenvolvimento das leis marítimas na Inglaterra do século XVII. Em 1930 começou a escrever aquele que viria a ser o seu primeiro romance publicado – *Swami and Friends*. Esta década de trinta foi rica em acontecimentos

¹³ O Canará é uma das principais línguas dravídicas do sul da Índia e uma das mais antigas do país. Dada a sua antiguidade, tem-se procurado obter o estatuto de idioma clássico indiano, à semelhança do que já acontece com o Sânscrito e o Tâmil (www.britannica.com).

marcantes na vida do autor: o casamento, em 1934; o início da relação de amizade com Graham Greene¹⁴, que viria a ser extremamente importante para a publicação dos primeiros livros de Narayan em Inglaterra; o nascimento da filha, Hema, em 1936; e a morte da esposa, em 1939. Em 1941, Narayan criou a sua própria editora, *Indian Thought Publications*, uma vez que a Segunda Guerra Mundial lhe barrava o acesso ao público exterior. Foi através dela que, em 1943, publicou a sua primeira coletânea de contos. A editora obteve um êxito considerável, estando ativa ainda hoje, gerida pela sua neta.

A partir de 1945, depois da publicação de *The English Teacher*, as suas obras alcançaram algum sucesso de vendas e Narayan dedicou-se aplicadamente à escrita, tendo lançado muito regularmente novas obras até à década de oitenta.

Apesar da sua ligação com Graham Greene e com editoras estrangeiras, Narayan saiu da Índia pela primeira vez apenas em 1956, numa associação com a Fundação Rockefeller, que o levou a visitar várias universidades americanas, entre elas a Universidade da Califórnia, em Berkeley, e a Universidade do Texas, em Austin. Narayan viria a repetir a experiência em 1969, na Universidade de Missouri, em Kansas City, na qualidade de *visiting Professor* e *writer-in-residence* e, novamente, em 1989, quando lecionou um curso (*Religion and Caste in the Indian Novel*) na Universidade do Texas.

¹⁴ Romancista, dramaturgo e crítico literário inglês (1904-1991).

Nos últimos anos, Narayan alargou um pouco a esfera da sua atividade: envolveu-se em iniciativas organizadas pelo governo indiano e cumpriu um mandato de seis anos ao serviço do Parlamento. O seu trabalho foi também reconhecido internacionalmente: foi eleito membro honorário da *American Academy of Arts and Letters* e ganhou a medalha A. C. Benson, atribuída pela *Royal Society of Literature* britânica. Curiosamente, desenvolveu ainda o gosto pela agricultura, tendo-se dedicado ao cultivo, em Mysore.

No início dos anos noventa, Narayan adoeceu, tendo-se estabelecido em Madras, para poder estar perto da filha. Quatro anos mais tarde, a filha faleceu, de cancro, e coube à neta, Bhuvaneshwari, cuidar dele, assim como da editora. Publicou então o seu último romance, em 1992, *Grandmother's Tale*. Em Maio de 2001, quando foi hospitalizado, planeava escrever a sua próxima história, a história de um avô. Faleceu no dia 13 de Maio, com 95 anos, de falha cardiorrespiratória.

4.2. INFORMAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

O legado literário de Narayan é vasto e variado, contando com dezenas de obras, publicadas na Índia, em Inglaterra e na América, em diversas editoras (Heinemann, Viking, The Bodley Head, Indian Thought Publications, etc). Segue-se uma listagem das suas obras (segundo informação disponibilizada nas várias edições utilizadas), agrupadas por género literário:

➤ Romances:

- *Swami and Friends* (1935)

- *The Bachelor of Arts* (1937)
- *The Dark Room* (1938)
- *The English Teacher* (1945)
- *Mr. Sampath – The Printer of Malgudi* (1948)
- *The Financial Expert* (1952)
- *Waiting for the Mahatma* (1955)
- *The Guide* (1958)
- *The Man-Eater of Malgudi* (1961)
- *The Vendor of Sweets* (1967)
- *The Painter of Signs* (1976)
- *A Tiger for Malgudi* (1983)
- *Talkative Man* (1986)
- *The World of Nagaraj* (1990)
- *Grandmother's Tale* (1992)

➤ Coletâneas de contos:

- *Dodu and Other Stories* (1943)
- *Cyclone and Other Stories* (1945)
- *An Astrologer's Day and Other Stories* (1947)
- *Lawley Road and Other Stories* (1956)
- *A Horse and Two Goats* (1970)
- *Malgudi Days* (1982)
- *Under The Banyan Tree and Other Stories* (1985)

- *The Grandmother's Tale and Selected Stories* (1994)

➤ Não-ficção (sobretudo, escrita ensaística):

- *Mysore* (1939)

- *Next Sunday: Sketches and Essays* (1960)

- *My Dateless Diary: An American Journey* (1964)

- *My Days* (1974)

- *Reluctant Guru* (1974)

- *The Emerald Route* (1977)

- *A Writer's Nightmare: Selected Essays 1958-1988* (1988)

- *A Story-Teller's World* (1989)

- *Indian Thought: A Miscellany* (1997)

- *The Writerly Life: Selected Non-fiction* (2001)

➤ Mitologia (adaptações de mitos e lendas tradicionais indianos):

- *Gods, Demons and Others* (1964)

- *The Ramayana* (1972)

- *The Mahabharata* (1978)

- *The Indian Epics Retold* (1995)

4.3. ALGUMAS ESPECIFICIDADES DA ESCRITA

Narayan é, para muitos, o escritor que mostrou ao mundo o que significa ser indiano. A sua escrita aproximou a Índia do resto do mundo,

acessível através da língua inglesa. C. D. Narasimhaiah, um dos mais respeitados críticos literários da Índia, considera que “few writers have been more truly Indian” (1968: 136). Graham Greene, seu amigo e responsável pelo impulso inicial da sua carreira, é muitas vezes citado a este respeito, dando testemunho desta noção de ‘*essential Indianness*’, quando comenta: “Without him I could never have known what it is like to be Indian” (comentário retirado da sua introdução a *The Bachelor of Arts*, em 1978, citado por Thieme, 2007: 1).

O cenário para a maioria das suas histórias é Malgudi, uma cidade ficcional semiurbana, situada no sul da Índia, que incorpora a atmosfera social do país, refletindo as variações trazidas pelo colonialismo e pela luta pela independência. O foco destas histórias são os locais¹⁵ e a população desta cidade, descritos com grande humanidade e pormenor, ainda que de forma despretensiosa. As personagens destacam-se pela sua simplicidade e normalidade, permitindo ao leitor a identificação com as situações apresentadas, apesar da, por vezes, muito evidente discrepância entre os contextos culturais.

É possível apontar diferentes fases na carreira de Narayan, com características particulares; contudo, importa salientar alguns aspetos que marcam a sua escrita e que permaneceram sempre inalterados. Em 1950, Narayan redigiu um “*Self-Obituary*”, em que se imaginava a ser interrogado por quatro homens pertencentes a um júri, de nome “I.T.F.K.E.O.N.” (*International Tribunal For Keeping an Eye On Novelists*). Entre outras

¹⁵ Em termos de análise da narrativa, destacamos a grande ênfase que Narayan coloca no espaço, em detrimento do tempo.

prevaricações, Narayan supunha-se acusado de escrever demais (tendo excedido o peso permitido para livros), de ter inventado uma cidade imaginária, com uma “geografia falsa”, o que prejudicaria a indústria do turismo, e de deixar as suas personagens suspensas “*in mid-air*”. Encontram-se aqui resumidas as características essenciais da obra de Narayan: o uso da ironia e do humor, a localização muito particular das suas histórias e um modo de escrever muito aberto, diríamos até elusivo, que insiste em deixar as personagens sem destino certo.

Mais especificamente, podemos considerar, de acordo com a análise realizada por John Thieme, um percurso de quatro etapas ao longo da carreira de Narayan. A primeira fase abrange os trabalhos escritos até cerca de 1945, culminando com a publicação de *The English Teacher*. Embora a maior parte do seu trabalho gire em torno da cidade de Malgudi e dos seus habitantes, Narayan, no decorrer da sua carreira, foi variando os ângulos e as ênfases. Nestas primeiras obras, o enfoque é colocado essencialmente nos espaços interiores, domésticos, e nas pessoas que os habitam. Malgudi, à semelhança do que acontecia por toda a Índia, é retratada como um espaço fragmentado, em constante negociação entre o velho e o novo, e a sua população é confrontada com as inevitáveis alterações que daí advêm. Contudo, apesar de retratar as várias forças em oposição, é difícil avaliar se Narayan apoiava em particular alguma; as suas histórias parecem ser apolíticas e, se, numa ocasião, parecem condenar o colonialismo, noutra poderão indicar o contrário, num equilíbrio possível apenas através do

recurso ao humor¹⁶, à melancolia e à indeterminação moral, que é tão característico da sua escrita. Thieme refere mesmo que esta incerteza é “the antithesis of fundamentalist thinking” e que o seu uso da ironia “frustrates unitary interpretation” (2007: 3). Mas é preciso também não esquecer que Narayan escrevia para um público inglês. Como salienta Thieme, “while English was the language in which Narayan felt most at home as a writer, using it had implications for his choice of subject-matter and his notions of audience” (2007: 9). Aliás, estas obras iniciais, mais do que quaisquer outras, foram adaptadas ao público, a conselho de Graham Greene e de Hamish Hamilton, que lhe possibilitou a publicação do primeiro livro. Entre as modificações sugeridas, encontram-se alterações nos títulos (por exemplo, o título original de *Swami and Friends* era *Swami, the Tate*); o suavizar, na escrita, dos elementos mais acentuadamente indianos; e até a alteração do nome do autor. Esta fase é também particularmente britânica nas suas influências, que seguem a linha de *social comedy* de Dickens e Wells (é muito evidente o seguimento da *English schoolboy fiction* destes autores), sem, obviamente, renunciar totalmente aos elementos hindus.

Com a publicação de *Mr. Sampath*, em 1949, a escrita de Narayan entrou numa nova fase, que se estendeu até cerca de 1955, terminando com *Waiting for the Mahatma*. Nesta fase intermédia, Narayan começou a centrar mais a sua atenção nos espaços públicos e em personagens que, regra geral, são homens de negócios, numa versão mais contemporânea das ocupações destinadas aos *brahmins*. Temos assim uma multiplicidade de personagens com ocupações ligadas à escrita, cujos valores hindus são confrontados com

¹⁶ William Walsh chega mesmo a designar as obras de Narayan como “comedies of sadness” (1971: 5).

a incursão de forças exteriores. Embora nesta fase esses valores tradicionais sejam, de alguma forma, restabelecidos no final das histórias, essa reafirmação nunca é completa e vai ficando progressivamente mais esbatida: “the extent to which traditional Hindu values are reinstated varies and in the later middle-period novels, where the pace of omnipresent social changes accelerates, the reaffirmation of such values proves more difficult to sustain” (Thieme, 2007: 68). Já nesta fase é evidente o que se acentuará na fase seguinte: cada vez mais, há uma confluência entre as influências da *social comedy* ocidental com os elementos da tradição hindu, sem que uns se sobreponham aos outros, em oposição.

A terceira fase coincide com o contacto de Narayan com o exterior. A primeira obra deste período, *The Guide*, foi inclusivamente escrita durante a sua visita a Berkeley. A convivência direta com o mundo ocidental trouxe a Narayan um novo aspeto – o facto de ‘os ocidentais’ considerarem automaticamente que um indiano era alguém com grandes preocupações morais e religiosas. O próprio autor, posteriormente, escreveu, num dos seus ensaios, sobre esta situação, que lhe causava algum embaraço, no seu habitual estilo irónico:

(...) The belief in my spiritual adeptness was a factor that could not be easily shaken. I felt myself in the same situation as Raju, the hero of my Guide who was mistaken for a saint and he began to wonder at some point himself if a sudden effulgence had begun to show in his face. I found myself in a similar situation. (Narayan, 1974: 15)

De forma consciente ou não, Narayan parece ter respondido a este fascínio ocidental pelo misticismo hindu. Enquanto que, no início da sua

carreira, os elementos hindus tinham sido suavizados, o contacto com a América proporcionou-lhe a oportunidade de lhes dar protagonismo, graças à grande curiosidade que se verificou nesta época pela espiritualidade oriental. Assim, neste período da sua vida, Narayan voltou ao estudo dos textos clássicos hindus e, mais do que nunca, essas influências refletiram-se na sua escrita. Datam desta fase *The Guide* e *The Man-Eater of Malgudi*, consideradas como as suas melhores obras. Este período, que irá até cerca de 1976, com *The Painter of Signs*, pode ser brevemente resumido nas palavras de John Thieme:

These novels are about contemporary secular Hindu society and the ways in which ordinary people react to everyday situations. So, while sometimes seeming to suggest that age-old archetypes and codes underpin modern behavior, the novels are more concerned with demonstrating ways in which discourses on Indian society that may seem very remote from one another co-exist and intersect. (2007: 106)

A quarta e última fase é constituída pelos trabalhos publicados a partir da década de oitenta, iniciando-se com a obra *A Tiger for Malgudi* e terminando, pelo menos no que concerne a escrita ficcional, em 1992, com o conto *The Grandmother's Tale*.

As duas coletâneas de onde foram selecionados os contos para tradução pertencem, portanto, a este período. Estas últimas obras são, comparativamente com trabalhos anteriores, de qualidade variável¹⁷, algumas delas apresentando certas irregularidades ao nível, por exemplo, da

¹⁷ Thieme considera até que a ficção produzida nesta fase demonstra “a falling-off in his talents” (2007: 150).

focalização. Apesar disso, a nível temático, apresentam variações interessantes dentro dos temas centrais da sua obra – a passagem à quarta etapa do *varnasramadharmā*¹⁸, a definição dos espaços, a mitologia tradicional indiana e a reverência hindu pela natureza e pela vida animal. Encontramos abundantes exemplos destas temáticas na seleção de contos traduzidos, como teremos oportunidade de ver em seguida.

Para terminar este ponto, gostaríamos de, mais uma vez, realçar que a obra deste autor é verdadeiramente notável, por uma multiplicidade de características; socorremo-nos aqui das palavras de William Walsh, numa última apreciação global:

Narayan's fastidious art, blending exact realism, poetry, melancholy, perception and gaiety, is without precedent in English literature and as far as one can see, without following. It is engaging because of the charm and authenticity of its Indian setting, moving because of the substantial, universal human nature which it incarnates. (1971: 23)

4.4. A SELEÇÃO DE CONTOS TRADUZIDOS

Como já tivemos ocasião de mencionar, os contos selecionados para tradução pertencem a duas coletâneas da fase posterior da obra de Narayan. Apesar de se tratar de duas obras completamente autónomas, partilham o mesmo cenário, de que falámos anteriormente, a cidade de Malgudi. A escolha dos contos, tal como a escolha das coletâneas, prendeu-se meramente com uma questão de gosto pessoal: seleccionámos contos que nos cativaram pela originalidade das personagens e por abordarem temas que

¹⁸ É um dos princípios fundamentais da doutrina hindu, segundo o qual a vida ideal implica a passagem por quatro fases, conhecidas como *brahmacharya* (fase de aprendizagem), *grihastya* (fase de chefe de família), *vanaprastha* (fase de afastamento) e *sanyasa* (fase de renúncia).

nos agradam especialmente, como, por exemplo, a vida animal e a profissão de docente.

Os contos escolhidos são bastante representativos das temáticas que temos notado como constantes na obra de Narayan: os cenários, interiores ou exteriores, não se afastam muito de Malgudi. É possível encontrar histórias localizadas noutros contextos (como acontece em *The Tiger's Claw*, por exemplo, em que a ação decorre, em grande parte, numa floresta), mas, ainda assim, sempre nas proximidades desta cidade. Os espaços citadinos são, pois, privilegiados, ficando o leitor a conhecer em pormenor as ruas de Malgudi, o seu mercado, os seus bairros e, em especial, os seus habitantes.

As personagens de Narayan são, regra geral, peculiares e características da sua sociedade e crenças religiosas. Encontramos nesta seleção de contos um astrólogo, um médico, um jardineiro, um tocador de flauta, um encantador de serpentes, um professor, um eremita, um comerciante, um pedinte... Cada um deles será confrontado com uma situação que abalará as suas convicções e hábitos, forçando-os a refletir sobre o seu modo de vida. Apesar de muitas vezes retratarem atos ou situações condenáveis, estas histórias não são, em si mesmas, moralistas ou sequer críticas; limitam-se a descrever modos de estar típicos de um determinado contexto social.

Neste sentido, estamos perante textos fortemente marcados a nível cultural, sendo impossível ler qualquer um deles sem contactar com algum tipo de elemento tradicional hindu. Falamos de aspetos tão elementares como as constantes referências aos alimentos, às artes (música, iconografia e literatura), às divindades, ao vestuário, às festividades, que vão brotando

ao longo das histórias, mas também de referências mais profundas ligadas ao próprio enredo do conto, como acontece em *House Opposite* e *Under the Banyan Tree*, onde se evidencia a passagem pelos dois últimos estádios da vida ideal hindu, a vida enquanto eremita e a distanciação total em relação ao mundo. Outra característica, quer da obra de Narayan, quer desta seleção, é o grande número de contos com personagens animais, dando conta da reverência hindu pela natureza e pela vida animal (repare-se que num total de dezassete contos, a temática animal está presente em sete deles, em diferentes graus de focalização).

É a própria obra de Narayan que nos leva ao tema da tradução. Como já foi referido, nos seus últimos anos, o autor demonstrou um grande interesse em voltar às origens, estudando e escrevendo sobre os textos clássicos hindus, em particular a literatura oral, tendo este interesse dado origem a quatro obras, em que o autor reescreveu os mitos tradicionais hindus. O que implica que, no fundo, se tratou, em primeira instância, de um trabalho de tradução, uma vez que os textos originais se encontravam em Tâmil¹⁹. Tradução essa facilitada pelo conhecimento profundo do autor sobre as especificidades do texto, uma vez que partilhavam o mesmo contexto cultural. Previsivelmente, um tradutor que opere fora deste contexto irá deparar-se com as dificuldades inerentes à tradução de um

¹⁹ Prasad realça este aspeto na sua análise quando afirma “R.K. Narayan, who had the ‘benefit’ of Graham Greene’s editorial intervention, still manages to write an Indian English capable of negotiating the terrain between Tamil, and possibly Kannada, and English. He has to make the choices that translators are forced to consider: what to translate from Tamil, which Tamil words to retain, whether to render in English certain styles of speech, etc. Narayan says of his generation of writers that ‘often the writing seemed ... an awkward translation of a vernacular rhetoric mode or idiom. But occasionally it was brilliant’” (1999: 45).

texto muito culturalmente marcado. Algumas das suas obras encontram-se já traduzidas em francês, espanhol e chinês, patenteando o evidente apelo universal das suas histórias, não obstante a sua especificidade cultural. Em Portugal não há ainda traduções publicadas de obras de Narayan.

No capítulo seguinte, pretendemos dar conta da nossa proposta de tradução para a língua portuguesa de alguns dos seus contos, refletindo sobre as principais questões levantadas durante o processo de tradução.

5. CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROCESSO DE TRADUÇÃO

A primeira etapa deste projeto foi a escolha do *corpus* textual para tradução. Dado que não há qualquer obra deste autor traduzida em Portugal, o leque de opções que se nos apresentava era bastante alargado. Lemos várias das suas obras (essencialmente, contos e romances) e, por uma questão de preferência pessoal, optámos por duas coletâneas de contos, ambas publicadas pela primeira vez na década de oitenta: *Malgudi Days* e *Under the Banyan Tree*.

O mesmo critério pessoal esteve na base da seleção dos dezassete contos, tendo a escolha recaído ora numa, ora noutra coletânea, sem que, na nossa opinião, o conjunto final tenha, com isso, sofrido em termos de coesão interna. Escolhidos, então, os contos, procedemos a uma segunda leitura, com o objetivo de identificar problemas iniciais que poderiam ser relevantes para o processo de tradução.

5.1. QUESTÕES PRAGMÁTICAS

Uma das questões que imediatamente nos suscitou alguma reflexão foi a pontuação, especificamente a sinalização do discurso direto. As edições originais utilizadas, à semelhança do que acontece com as publicações em língua inglesa, assinalam o uso de discurso direto através do uso de aspas duplas. Ora, na língua portuguesa, o discurso direto é convencionalmente assinalado através de um verbo introdutor do discurso e de recursos gráficos – tais como os dois pontos, as aspas, o travessão e a mudança de linha.

Tratando-se aqui de contos que vivem essencialmente das suas personagens em interação com o mundo que as rodeia, a questão do discurso direto toma uma dimensão particularmente enfática. Como realça Lindley Cintra,

(...) a força da narração em DISCURSO DIRECTO provém essencialmente da sua capacidade de actualizar o episódio, fazendo emergir da situação o personagem, tornando-o vivo para o ouvinte, à maneira de uma cena teatral, em que o narrador desempenha a mera função de indicador das falas. Estas, na reprodução directa, ganham naturalidade e vivacidade, enriquecidas por elementos linguísticos tais como exclamações, interrogações, interjeições, vocativos e imperativos, que costumam marcar de emotividade a expressão oral (2002: 631).

Dadas as características textuais dos contos a traduzir, em que o diálogo é uma constante, sentimos que esta “naturalidade e vivacidade” dos textos seria, em alguma medida, diminuída, se adaptássemos a sinalização do discurso direto para as convenções de pontuação portuguesas, uma vez que o recurso repetido da regra ‘dois pontos, parágrafo, travessão’ torna o texto mais fragmentado, perdendo-se alguma da fluidez natural do discurso. Como tal, decidimos manter a sinalização original, apenas com aspas duplas, para assinalar a fala das personagens, uma vez que esta convenção gráfica também é reconhecida como válida pelas regras de pontuação da língua portuguesa (sobretudo em gramáticas mais recentes).

Continuando ainda no âmbito das questões pragmáticas do processo de tradução, outra questão que se nos colocou desde o início foi a grande quantidade de termos indianos que os contos apresentam. Ainda sem entrar especificamente nas dificuldades linguísticas de entendimento do texto que

esta situação poderia originar, importava determinar à partida se estes termos seriam para manter ou não. Ou seja, apresentavam-se-nos duas possibilidades: manter as expressões originais ou encontrar possíveis equivalentes em português.

Analisemos em primeiro lugar a segunda hipótese – tentar traduzir os termos. Esta seria, sem dúvida, a solução mais adequada do ponto de vista do leitor, da facilidade de leitura, mas seria possível? Em alguns casos, julgamos que sim, seria possível, embora sempre com um mínimo de perda de conteúdo – estariam nesta situação, por exemplo, as referências a entidades mitológicas, a obras literárias, a referentes geográficos... Mas como traduzir uma referência a determinado tipo de alimento, ou a um determinado meio de transporte, que apenas existe no contexto indiano e é uma realidade completamente desconhecida para o comum dos portugueses? Poderíamos optar por utilizar recorrentemente paráfrases, tentando descrever as realidades desconhecidas, mas tal opção teria como consequência tornar mais pesado e obscuro um texto que prima pela simplicidade e pela naturalidade. Ainda assim, se esta fosse a opção mais *reader friendly*, poderia ter sido a nossa escolha; contudo, dado que a ‘descrição’ implica acima de tudo uma visão subjetiva e, possivelmente, incompleta, este processo nunca resultaria num ganho para o leitor, que ficaria sempre sujeito a uma leitura deficiente em termos de significação.

Ficámos então com a primeira possibilidade – manter as expressões na língua original - com a implicação que naturalmente se lhe segue: seria necessário ‘explicar’ os termos. Rejeitando logo à partida soluções que

envolvessem acrescentamentos no corpo do texto, os recursos disponíveis seriam as notas de rodapé ou notas finais.

A maior parte das obras (em língua inglesa, publicadas por editoras inglesas ou americanas) de Narayan que tivemos oportunidade de analisar são acompanhadas no final por um glossário com os termos indianos utilizados e uma breve explicação em inglês. O próprio autor reconhecia e aprovava (em especial no início da sua carreira) a necessidade deste recurso, quando era publicado fora da Índia. A dificuldade de um leitor nativo de língua inglesa face a termos hindus não será, supomos, muito diferente da dificuldade de um leitor português (mesmo pressupondo que o domínio britânico na Índia tenha dado origem a alguma familiaridade com o contexto indiano, o mesmo poderá ser aplicado ao caso de Portugal).

Apesar desta escolha nas edições originais, optámos por dar preferência ao uso de notas de rodapé, por uma questão de praticabilidade, do ponto de vista do leitor. Partindo da nossa própria experiência, sabemos que muito dificilmente um leitor estará na disposição de recorrer a um glossário final, uma ou duas vezes por página lida, se tal for necessário. Estamos cientes de que a nota de rodapé não é um recurso consensual, sendo inclusivamente considerada por alguns teóricos da tradução como o último expediente do tradutor e sinal da sua derrota²⁰. Não partilhamos desta visão: a nosso ver, se o tradutor conseguir, independentemente dos

²⁰ É sobejamente conhecida a afirmação de Eco: “Existem perdas que podemos definir como absolutas. São os casos em que não é possível traduzir, e se se verificarem casos do género, digamos, no decorrer de um romance, o tradutor recorre à *ultima ratio*, a de pôr uma nota de rodapé – e a nota de rodapé ratifica a sua derrota.” (2005: 96)

meios que escolher utilizar, ‘fazer passar a mensagem’ ao leitor do texto de chegada, reproduzindo um efeito equivalente ao do texto original, então, isso nunca poderá ser considerado uma derrota. Neste caso em particular, parece-nos que a solução que garante menor nível de perda é mesmo a utilização de notas de rodapé.

Globalmente, verificamos então que, no que concerne a estas duas questões de natureza pragmática – pontuação e notas de rodapé –, a nossa tradução seguiu o modelo do texto de partida. Justificar-se-á desde já, a partir destas nossas escolhas iniciais, a hipótese de uma tradução *estrangeirizante*? Esta opção, conforme tivemos oportunidade de ver no capítulo 3²¹, é uma das possibilidades que se apresentam na tradução de textos pós-coloniais, como forma de evitar que se percam as características particulares destes textos (i.e. evitar o processo de “desibridação”). Apreciando agora, *a posteriori*, o nosso processo de tradução, admitimos que esta é uma abordagem muito possível em relação ao trabalho que realizámos; não foi, contudo, uma escolha deliberada da nossa parte, no sentido em que esta opção não representa necessariamente a nossa perspectiva teórica preferencial relativamente à tradução de textos pós-coloniais. Consideramos, sim, que, perante um determinado texto pós-colonial, o tradutor deve considerar as suas características particulares e as características da língua e da cultura de chegada e avaliar as vantagens e desvantagens, para os textos e para o leitor, de abordar a tradução de um ponto de vista *estrangeirizante* ou *domesticante*. Seguindo esta linha de pensamento, é nossa convicção que no caso específico do nosso corpus

²¹ Vide Capítulo 3, página 31.

textual (alargando-se, aliás, a todo o legado literário deste autor) é do total interesse do leitor, sobretudo, a possibilidade de contatar com o elemento *estrangeirizante* presente nos contos, como teremos oportunidade de especificar mais adiante.

5.2. QUESTÕES DE NATUREZA LINGUÍSTICA

No que diz respeito a dificuldades sentidas durante o processo de tradução devido a questões linguísticas – no âmbito da sintaxe e da semântica – não temos um grande leque de problemas a apontar.

A prosa de Narayan segue um estilo muito simples e despretensioso, alternando, na narração, momentos de descrição, essencialmente realista, com segmentos de diálogo. A estrutura frásica tende a ser padrão (sujeito-verbo-objeto), com orações geralmente curtas e dando preferência a relações de coordenação, como se pode comprovar em trechos como os seguintes:

The puppy was only a couple of months old; he had square jaws, red eyes, a pug nose **and** a massive head, **and** there was every reason to hope that he would do credit to his name. The immediate reason for buying him was a series of house-breakings **and** thefts in the neighbourhood, **and** our householders decided to put more trust in a dog than in the police. They searched far and wide **and** met a dog fancier. (*in Attila, Malgudi Days, Vide Anexo II, pág. 14*)

As a result, he ran so fast that he overtook Ranga **and** clumsily blocked his way, **and** Ranga stumbled over him **and** fell. (*in Attila, Malgudi Days, Vide Anexo II, pág. 16*)

Como se pode observar, o autor privilegia orações pouco extensas, ligando-as sobretudo através da conjunção coordenada copulativa “*and*”. Esta característica é bastante invariável nos contos que traduzimos,

alterando-se apenas nos casos em que o autor utiliza orações coordenadas assindéticas, como no caso do exemplo seguinte, proveniente do mesmo conto: “They were satisfied, paid an advance, returned a month later, put down seventy-five rupees and took the puppy home.” (*in* Attila, *Malgudi Days*, *Vide* Anexo II, pág. 14)

Esta invariabilidade é também observável nos verbos escolhidos pelo autor para introduzir o discurso direto; com muita frequência, a escolha recai no verbo “said”:

Presently Father came and stood over him. “Swami, get up,” he **said**. He looked like an apparition in the semi-darkness of the passage, which was lit by a cone of light from the hall. Swami stirred and groaned as if in sleep. Father **said**, “Get up, Swami.” Granny pleaded, “Why do you disturb him?”

Get up, Swami,” he **said** for the fourth time, and Swami got up. Father rolled up his bed, took it under his arm, and **said**, “Come with me. (*in* A Hero, *Under the Banyan Tree*, *Vide* Anexo II, pág. 51)

Esta repetição, que por vezes pode tornar o texto um pouco monótono para o leitor, parece-nos ser propositada, dado que é recorrente em algumas situações e personagens, ao passo que é evitada noutros contos, em que o autor se socorre de outros verbos, como “*asked*”, “*replied*”, “*told*”, “*repeated*”, etc. Como tal, a nossa tradução pretendeu manter esta característica de repetição sempre que ocorreu, dando conta dessas peculiaridades do discurso.

Aliás, quer a repetição do verbo “*said*”, quer a repetição da conjunção “*and*” estão ligadas a um padrão de escolhas linguísticas que, na nossa perspectiva, pretendem pôr em destaque a simplicidade inerente dos

contextos e das personagens. Foi nosso objetivo manter esta naturalidade da linguagem, em termos do registo do discurso das personagens: procurámos, então, que a escolha do vocabulário e as fórmulas de tratamento fossem coerentes com o contexto, o estatuto social e as relações entre personagens. Assim, por exemplo, o pronome “you” deu origem a um tratamento na segunda pessoa do singular em contos como *An Astrologer’s Day* e *Naga* (nos relacionamentos familiares) e *Crime and Punishment* (na relação entre uma pequena criança mimada e o seu professor), mas também a fórmulas de tratamento mais formais, na terceira pessoa, em contos como *The Doctor’s Word* (na relação entre a família do paciente e o médico) e *Father’s Help* (na relação entre aluno e professor).

Podemos concluir, então, que, a nível linguístico, quer em termos gramaticais, quer em termos estilísticos, a escrita de Narayan não coloca particulares entraves ao papel do tradutor, pela simplicidade que lhe é inerente. Esta conclusão vai ao encontro, aliás, das considerações tecidas no capítulo 3²², que dão conta de uma certa moderação deste autor, quando comparado com outros escritores indianos do mesmo contexto pré- e pós-independência. Para esta moderação terão concorrido talvez a sua educação dentro dos moldes coloniais, talvez o seu gosto pessoal, que preferia centrar-se nos fatores psicológicos... O que podemos afirmar com certeza é que, neste *corpus* textual com que trabalhamos, o autor manteve-se dentro daquilo que é considerado o padrão da língua inglesa, em termos de estruturas da língua. É certo que todos os contos deixam transparecer o elemento *estrangeiro*, mas tal efeito não é conseguido através da modificação

²² Vide páginas 37-38.

da língua que, muitas vezes, é característica da literatura pós-colonial. Não encontramos aqui os recursos de que nos falava Stockwell (2007: 199): uso de comparações e metáforas ‘nativas’; a tradução de provérbios e expressões idiomáticas; a transferência de estratégias retóricas locais; e o uso de estruturas sintáticas singulares²³.

De que forma está, então, presente o elemento exótico nestes contos? Através da utilização de uma variedade de léxico proveniente das ‘outras línguas’ em que Narayan era igualmente fluente – o Canará e, especialmente, o Tâmil. E é precisamente este léxico, que surge de forma recorrente, que abre nos contos de Narayan um mundo paralelo, cuja cultura difere, muitas vezes intensamente, da cultura dita ocidental. Aqui, sim, começam as dificuldades do tradutor. Logo, embora tenham origem num nível linguístico (a existência de determinado léxico), consideramos que as principais questões levantadas durante este processo de tradução são de natureza cultural.

5.3. QUESTÕES DE NATUREZA CULTURAL

Os contos de Narayan transportam o leitor para um mundo tipicamente indiano, com constantes referências a elementos que pertencem à cultura hindu. Este facto cria um inevitável distanciamento entre a cultura do texto de partida e a cultura do leitor português atual, de certa forma também agravado pela diferença de, aproximadamente, trinta anos entre ambos os contextos.

²³ Esta afirmação é válida para os contos que traduzimos, não excluindo a possibilidade de encontramos estes recursos noutras obras do mesmo autor.

Este desfasamento temporal e cultural está sempre latente nos contos, em determinadas referências que, ao leitor atual, parecerão ‘fora de moda’, mas que, de alguma forma, mesmo agora também são de esperar, dado o contexto de relativa pobreza que associamos à Índia atual, comparativamente com os países ocidentais. Estamos a falar de referências como a *jutka*, meio de transporte que é mencionado algumas vezes nos contos e que consiste numa modesta carruagem puxada por cavalos; os castigos dados pelos professores aos alunos, que fazem lembrar a escola de algumas gerações atrás; o próprio sistema de ensino, tal como é retratado em *Crime and Punishment*, remete para moldes mais antigos do sistema educativo em Portugal.

Outro fator que pode causar também estranheza ao leitor é a manutenção das medidas utilizadas no texto de partida. Os contos referenciam sistematicamente unidades de medida como a onça, a milha, a jarda e a polegada, que não são utilizadas em Portugal. Julgamos, contudo, que são termos reconhecíveis e identificáveis, mesmo que o comum dos leitores não tenha conhecimento das equivalências correspondentes em gramas, centímetros, metros ou quilómetros; por este motivo, os termos foram mantidos na tradução, sem qualquer referência elucidativa para o leitor.

Partindo deste conhecimento de que, inevitavelmente, o leitor irá deparar-se com elementos que lhe são desconhecidos (em maior ou menor grau), cabe ao tradutor decidir em que medida esse espaço deverá ser preenchido, ou se poderá ser deixado a cargo da inferência do leitor. A

metodologia que seguimos foi, tal como já tivemos ocasião de justificar, a utilização de notas de rodapé para fornecer a informação cultural que o ‘nosso leitor’ necessitaria para uma leitura dos contos sem perda de conteúdo. Isto significa que praticamente todas as referências à cultura hindu foram alvo de uma explicação mínima, para que o leitor estivesse na posse das referências culturais necessárias. É evidente que tal recurso nem sempre foi necessário, uma vez que, por vezes, o seguimento da própria narração dispensa esclarecimentos adicionais. Vejamos, comparativamente, dois excertos:

[...] But looking up he noticed a white-necked Brahmany kite sailing in the blue sky. ‘Garuda’, he said in awe. As was the custom, he made obeisance to it by touching his eyes with his fingertips. Garuda was the vehicle of God Vishnu and was sacred. [...] (*in* Naga, *Malgudi Days*, *Vide Anexo II*, pág. 28)

[...] However, when he glimpsed the faintest sign of hope, he rolled up his sleeve and stepped into the arena: it might be hours or days, but he never withdrew till he wrested the prize from Yama’s hands. [...] (*in* The Doctor’s Word, *Malgudi Days*, *Vide Anexo II*, pág. 17)

No primeiro excerto, a referência a *Garuda* é posteriormente retomada, fornecendo ao leitor informação contextual; pelo contrário, no segundo excerto, a referência a *Yama* aparece sem qualquer contextualização, sendo impossível ao leitor estabelecer qualquer inferência, pelo que, na nossa tradução, foi alvo de uma nota explicativa.

Por vezes, essa elucidação corresponde à informação dada pelo autor (nas edições do texto de partida, em forma de glossário final); noutros casos, foi necessário um trabalho de pesquisa da nossa parte para suprir a

informação em falta. Note-se que a nota de rodapé incide apenas sobre a primeira ocorrência da palavra na seleção de contos, não obstante a sua repetição em contos posteriores²⁴. Segue-se uma listagem completa desses termos, dividida por tema, colocando lado a lado as informações dadas pelo texto de partida e pela nossa tradução.

➤ Referências mitológicas / religiosas / místicas

Expressão	Informação dada no texto de partida	Informação dada na tradução
- sadhu	“hermit or recluse”	“Termo que designa, no hinduísmo, um místico: um eremita ou um monge andarilho.”
- Shiva	[sem informação]	“Shiva, o Destruidor, é umas das principais divindades hindus. É representado com uma serpente em volta da cintura e do pescoço, simbolizando o domínio da morte (i.e. a imortalidade).
- Parvathi	[sem informação]	“Parvathi é uma deusa hindu, a segunda consorte de Shiva e mãe de todas as deusas.”
- Subramanya	[sem informação]	“Deus da Guerra, filho de Shiva, cujo culto é mais acentuado no sul da Índia.”
- Vishnu	[sem informação]	“Vishnu, juntamente com Shiva e Brahma, integra a trindade hindu. É o deus responsável pela manutenção do universo. A sua representação mais comum mostra-o em cima do deus-serpente <i>Shesh Nag</i> .”

²⁴ Há apenas uma exceção à nossa metodologia: a palavra ‘*dhoties*’ (Vide quadro na página 71) é alvo de uma primeira explicação em *A Snake in the Grass*, sendo essa explicação posteriormente alargada, em *Under the Banyan Tree*, para possibilitar um melhor entendimento do estado de despreendimento material da personagem (informação que não seria relevante colocar na primeira ocorrência da palavra).

- Naga Raja	[sem informação]	“A expressão provém do Sânscrito e significa ‘Rei das Cobras’. O termo aplica-se a três entidades divinas, pais de todas as cobras.”
- Yama	[sem informação]	“Divindade hindu considerada o senhor da morte e da justiça.”
- Swarga Loka	“heaven”	“Expressão que designa um plano celestial ou Céu.”
- Pongal	“harvest festival”	“Festa tradicional, aquando das colheitas, em Janeiro.”
- Deepavali	“Hindu Festival of Light, held in October”	“Festa religiosa, também conhecida como o <i>festival das luzes</i> .”
- shastras	“Hindu sacred writings”	“Escritos sagrados hindus.”
- tapas	[sem informação]	“Palavra que designa o sofrimento espiritual, abrangendo sacrifícios e transes.”
- mantra	[sem informação]	“Sílabas ou poemas religiosos, normalmente em sânscrito, entoado como oração, com um determinado fim: facilitar a concentração, dar energia, adormecer, etc.”
- karma	“Hindu theological idea meaning destiny, desert; the doctrine that one’s present actions continue to have effects in another incarnation”	“Termo de uso religioso dentro de algumas doutrinas (Budismo, Hinduísmo e Jainismo) que representa a ideia de destino e de retribuição pelas ações praticadas.
- Abhishekam	[sem informação]	“Ritual hindu que envolve oferendas, cânticos e aspersão com água do rio Ganges.”
- Om	“a mystical syllable”	“Sílabas consideradas como tendo propriedades místicas, que se pronuncia de forma prolongada, no início e no final das preces.”

➤ Referências geográficas

Expressão	Informação dada no texto de partida	Informação dada pela tradução
- Kasi	[sem informação]	“Kasi e Rameswaram são cidades sagradas da Índia, importantes devido ao comércio e ao grande fluxo de peregrinos.”
- Rameswaran	[sem informação]	
- Lawley Extension	[sem informação]	
- Thirupathi	[sem informação]	
		“Nome de um projeto habitacional na cidade (ficcional) de Malgudi.”
		“Nome de uma cidade indiana, com um templo do mesmo nome, dedicado ao Deus Venkateshwara (forma do Deus Vishnu, que destrói os pecados, para salvação da humanidade).”

➤ Referências a fauna /flora

Expressão	Informação dada no texto de partida	Informação dada pela tradução
- Neem	[sem informação]	“Árvore da família do mogno e do cedro, única no seu gênero botânico, originária da Índia, também conhecida como Nim ou Amargosa.”

➤ Referências a elementos literários

Expressão	Informação dada no texto de partida	Informação dada pela tradução
- Ramayana	[sem informação]	“Poema épico, em sânscrito; uma das mais importantes obras literárias da Índia antiga.”
- sarayu	[sem informação]	“Rio sagrado mencionado nos Vedas e no Ramayana. Figura igualmente nos contos de

- Ravana	[sem informação]	Narayan como fluindo nas proximidades de Malgudi.”
- Harischandra	[sem informação]	“No épico hindu, <i>Ramayana</i> , Ravana era o principal adversário, o rei dos demónios.”
		“Nos textos religiosos hindus, este rei simboliza a vida ideal, uma vez que nunca mentia e cumpria sempre a sua palavra.”

➤ Referências a elementos musicais

Expressão	Informação dada no texto de partida	Informação dada pela tradução
- bhairavi raga	“a melodic classification”	“Escala musical indiana.”
- punnaga varali	“a particular melody”	“Música tradicional indiana.”
- alapana	[sem informação]	“Fase de improvisação musical que antecede uma escala, na música clássica indiana.”
- kalyani	“performance”	“Execução, atuação.”

➤ Referências a profissões / estatutos sociais

Expressão	Informação dada no texto de partida	Informação dada na tradução
- sowcar	“businessman or financier”	“Termo que designa um banqueiro hindu.”

➤ Referências a vestuário

Expressão	Informação dada no texto de partida	Informação dada na tradução
- dhoties	“sarong-like men’s garment, tucked and knotted at the waist”	“Traje masculino tradicional.” / “Traje tradicional masculino hindu, que consiste num pedaço de pano enrolado na cintura e nas pernas e que é atado na cintura.

➤ Referências à alimentação

Expressão	Informação dada no texto de partida	Informação dada pela tradução
- idlies	“steamed rice cake”	“Bolo tradicional da Índia, preparado à base de arroz.”
- chapattis	“wheat-flour pancake”	“Pão típico feito de trigo.”
- jaggery	“product similar to brown sugar, made by boiling sugarcane juice”	“Açúcar mascavado.”

➤ Referências a mobiliário / divisões e tipos de habitação

Expressão	Informação dada no texto de partida	Informação dada pela tradução
- pyol	“platform built along the house wall that faces the street”	“Espécie de varanda frontal, alpendre.”
- choultry	“rest-house for travellers”	“Na Índia, local de descanso para visitantes, semelhante a uma estalagem.”
- almirah	“cupboard”	“Palavra anglo-indiana que significa ‘armário’, derivada do português <i>almário</i> .”

➤ Referências a unidades de medida / moedas

Expressão	Informação dada no texto de partida	Informação dada pela tradução
- pie	“the smallest coin in the old currency”	“O <i>pie</i> era a moeda de menor valor na Índia; 12 <i>pies</i> correspondiam a um <i>anna</i> ; ambas as moedas caíram em desuso em 1957.”
- anna	[sem informação]	
- lakh	“a hundred thousand”	“O <i>lakh</i> é uma medida indiana e corresponde a cem mil.”
- paisa	(pl. paise) the smallest coin; one hundred make one rupee”	“Unidade monetária, comum a vários países; na Índia equivale a 3 <i>pie</i> .”

➤ Referências a meios de transporte

Expressão	Informação dada no texto de partida	Informação dada pela tradução
- jutka	“two-wheeled, horse-drawn carriage”	“Carruagem modesta, puxada por dois cavalos.”

➤ Interjeições

Expressão	Informação dada no texto de partida	Informação dada na tradução
- Aiyo	[sem informação]	“Exclamação típica do sul da Índia, que poderia ser traduzida por ‘Oh, meu Deus!’”

➤ Outras referências

Expressão	Informação dada no texto de partida	Informação dada na tradução
- dakshina	“fee”	“Termo que designa a recompensa oferecida pelos serviços prestados por um padre ou guru.”

Claramente, o texto de chegada reteve bastante vocabulário do texto de partida²⁵, dando origem a quarenta e três notas de rodapé explicativas. Como se pode observar, os termos são abrangentes, abarcando diversas áreas culturais; é curioso notar que Narayan optou por incluir informação adicional sobretudo no que toca a objetos típicos, mas nunca o fez para as muitas referências a divindades e a textos tradicionais hindus.

Neste aspeto, a nossa tradução difere nitidamente do texto de partida, uma vez que pretendemos, de forma assumida, que o leitor tivesse acesso a uma informação cultural completa e minimamente esclarecedora. Não pretendemos, contudo, retirar nada ao papel do leitor, tornando-o um interveniente passivo; nem pretendemos que a leitura dos contos constitua um ato de pedagogia sobre a cultura indiana; colocámos, sim, acima de tudo, a preservação das características textuais que tornam estes contos únicos e representativos de uma cultura diferente da nossa.

²⁵ Para além dos termos referentes à cultura hindu, a nossa tradução manteve ainda três palavras do texto de partida (*pedigree*, *brandy* e *bungalow*), por serem termos que a língua portuguesa tomou por empréstimo e que são de conhecimento e utilização generalizada.

6. CONCLUSÃO

O trabalho de projeto que aqui se conclui permitiu uma visão alargada de vários aspetos, teóricos e práticos, relacionados com a tradução do *corpus* textual escolhido.

Consideramos como elementos mais relevantes, a nível teórico, a noção de que os Estudos sobre Tradução têm sido, desde o seu início, uma área em constante mutação. Não obstante este facto, a importância do fator ‘cultura’ nunca foi ignorada, ainda que em tempos mais recuados a sua importância não tenha sido suficientemente reconhecida. Contudo, hoje em dia, a cultura é aceite como um elemento essencial na tradução, sendo os Estudos de Tradução atuais uma área multidisciplinar que valoriza a diversidade. Esta tendência é particularmente acentuada pelos Estudos Pós-coloniais e constitui-se uma imprescindível mais-valia para este trabalho, uma vez que o nosso objeto de estudo é justamente uma seleção de contos provenientes de um contexto pós-colonial.

A área específica dos Estudos Pós-coloniais foi especialmente vital para o projeto: o estudo desta área permitiu enfatizar questões que são comuns a todos os textos pós-coloniais – a alienação e a dificuldade em criar uma identidade –, fruto das consequências nefastas dos processos de colonização. É importante abordar este tipo de textos com a noção de que os povos colonizados sofreram uma experiência repressiva, em que a sua noção de *identidade* sofreu uma alteração; o contacto, forçado, com uma outra cultura, uma outra língua, outro sistema de valores, deixou marcas profundas que se refletem, inevitavelmente, nos textos produzidos, a que se

dá o nome de *contact literatures*, por resultarem precisamente desse contacto.

No caso particular da Índia, que houve oportunidade de examinar com maior pormenor, a experiência de colonização britânica implicou uma tal adoção da língua e da literatura inglesas, que ainda permanece fortemente enraizada nos nossos dias e teve como consequência que o autor que escolhemos, R. K. Narayan, apesar da sua proveniência indiana, elegeu o inglês como a língua da sua escrita. Como vimos, esta opção deveu-se em grande parte ao facto de o autor ter sido educado de acordo com o currículo inglês, sendo esta característica comum a vários outros escritores do mesmo contexto. Esta adoção da língua do colonizador tem consequências relevantes para o leitor e para o tradutor, pois, regra geral, implica, por parte dos autores, um processo de apropriação do inglês, ou seja, cada autor utiliza a língua de uma forma que é tipicamente sua e que serve os seus objetivos particulares, dando origem a textos com características híbridas. São textos que, dependendo da sua especificidade cultural, podem ser de leitura extremamente exigente, pelo conhecimento cultural que podem requerer. É necessário, portanto, abordá-los de forma aberta, sem procurar restringi-los a normas prescritivas em que não se enquadram.

Obviamente, o tradutor, quando confrontado com um texto desta natureza, terá de estabelecer normas para a sua tradução. Este processo dependerá da sua competência linguística e cultural enquanto leitor (que é fundamentalmente subjetiva, pois depende da sua interpretação), e do contexto em que o texto traduzido terá de funcionar. A noção de *função* é,

aliás, essencial neste processo, pois é ela que determina os critérios pelos quais o tradutor terá de se reger.

Neste âmbito, as escolhas do tradutor podem, por um lado, privilegiar o contexto de chegada (a chamada tradução *domesticante*), facilitando a leitura e normalizando o texto, o que, segundo alguns teóricos, implica um processo de perda das características específicas do texto (no caso dos textos pós-coloniais, a “desibridação”). Por outro lado, o tradutor pode optar por manter as características do texto original, recorrendo nomeadamente à exotização, numa tradução dita *estrangeirizante*.

As escolhas do tradutor, cremos, devem ser feitas caso a caso, não tomando como adequada sempre a mesma abordagem. Para este trabalho, procurámos adotar uma posição de compromisso, tentando um caminho de moderação. Julgámos essencial não descurar o nosso dever, enquanto tradutores, para com o leitor português contemporâneo e, nesse sentido, fizemos o possível para que o texto de chegada se constituísse como um todo estruturado e plenamente acessível. Por outro lado, procurámos também manter as características que tornam os contos de Narayan representativos da sua cultura, isto é, tentámos que o processo de tradução não implicasse a sua “desibridação”. Assumimos que tentámos corresponder àquilo que se exige do ‘tradutor negociador’ de Eco (2005) ou do ‘tradutor mediador’ de Katan (1999).

Foi neste sentido que optámos pela manutenção de vários elementos²⁶ presentes no texto de partida, nomeadamente: o sistema de sinalização do discurso direto; a estrutura repetitiva causada pela recorrência de determinados verbos e conjunções; as referências a unidades monetárias e de medida; e em particular o vocabulário específico proveniente da cultura hindu (caraterística que originou a introdução de notas de rodapé explicativas). É certo que são elementos que inevitavelmente causarão estranheza ao leitor do texto de chegada, mas estamos convictos que a sua *função* no texto original é precisamente essa – introduzir um elemento estranho e novo. Retirar esta especificidade seria diminuir a riqueza dos textos e a originalidade do autor, opção que, a nosso ver, só se justificaria se o contexto de chegada fosse extremamente resistente à multiculturalidade, o que, claramente, não é o caso em Portugal.

Procurámos, com estas opções, privilegiar as diferenças culturais presentes nos contos de Narayan, avaliando quais as referências que poderiam ser deixadas a cargo da inferência do leitor e quais aquelas em que teríamos de intervir, suprimindo a informação em falta. Esta avaliação foi uma das nossas principais tarefas e uma das maiores decisões a tomar, já que, a nível de estrutura linguística, os contos não apresentaram desvios significantes em relação à norma da língua inglesa. Esta característica constituía-se como uma forte possibilidade por se tratar de um texto pós-colonial e sabemos que o *Indian English*, especialmente no que concerne a oralidade, apresenta algumas variações relevantes²⁷; no entanto, tal não se

²⁶ Vide Capítulo 5 para uma descrição mais detalhada.

²⁷ Vide Capítulo 3, páginas 39-40.

veio a concretizar, julgamos que, essencialmente, pela atitude de moderação que também o autor parecia advogar, quer na sua disposição para com a língua inglesa (ao contrário de alguns dos seus contemporâneos), quer na perspectiva (acrítica) que adotava nas suas histórias.

Outra das questões que tivemos em mente durante o processo de tradução, fruto das considerações tecidas por Bassnett (2010)²⁸, foi a importância de abordar os textos como um todo, não caindo no erro de menosprezar a leitura do conjunto, aspeto ainda mais relevante devido ao facto de os contos (ainda que possam ser lidos de forma independente) apresentarem um único universo narrativo, onde as personagens e as referências se entrecruzam.

Também a nível pessoal, este projeto se constituiu como uma mais-valia e uma experiência muitíssimo interessante, permitindo-nos um alargamento de horizontes, quer a nível cultural, quer a nível académico. Proporcionou-nos a possibilidade de aprofundar conhecimentos em várias vertentes, pela sistematização de questões teóricas, pela experiência prática da tradução e pela possibilidade de alargar o nosso mapa mental cultural, abrangendo uma cultura que nos era, em grande parte, desconhecida.

As questões teóricas que examinámos (em particular a questão das literaturas pós-coloniais, que até então nunca havia sido objeto de estudo da nossa parte) proporcionaram uma melhor apreciação do nosso objeto de trabalho, tornando-nos mais conscientes das especificidades que se colocam na tradução de textos provenientes de culturas diferentes da nossa. Esse

²⁸ Vide Capítulo 2, página 20.

estudo foi imprescindível no nosso trabalho e, esperamos, terá contribuído para uma leitura mais rica e uma melhor tradução dos textos.

Encerramos este projeto convictos de que realizámos o trabalho com rigor, mantendo-nos fiéis ao nosso propósito de não adotar posições extremas, que prejudicassem quer a especificidade do texto de partida, quer a funcionalidade do texto de chegada. Tão-pouco nos parece relevante classificar a nossa abordagem em termos de ‘tradução domesticante/estrangeirizante’, uma vez que não nos revemos exclusivamente numa ou noutra perspectivas. A tradução, como realça Steiner (1998), é de natureza profundamente ambivalente, ao juntar os impulsos de união e pluralidade, *fac-simile* e recriação. Esta dialética limita-se, afinal, a refletir a natureza múltipla do Homem, da linguagem e da cultura em que se inserem e a evolução teórica nesta área tem demonstrado que o caminho a seguir é o da convergência na diversidade.

7. BIBLIOGRAFIA

Bibliografia ativa

NARAYAN, R.K. (2006). *Malgudi Days*, London: Penguin Books.

NARAYAN, R.K. (2001). *Under the Banyan Tree*, London: Penguin Books.

Bibliografia de consulta

BAKER, Mona (2009). *In Other Words: A Coursebook on Translation*, London e New York: Routledge.

BASIL, Hatim e MUNDAY, J. (2009). *Translation: An Advanced Resource Book*, London e New York: Routledge.

BASSNETT, Susan (2010). *Translation Studies*, London e New York: Routledge.

CATFORD, J. C. (1965). *A Linguistic Theory of Translation: An Essay in Applied Linguistics*, London: Oxford University Press.

CINTRA, Lindley, CUNHA, Celso (2002). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa: Edições João Sá da Costa.

ECO, Umberto (2005). *Dizer Quase a Mesma Coisa Sobre a Tradução*, Lisboa: Difel.

HERVEY, Sándor, HIGGINS, Ian (1992). *Thinking Translation*, London: Routledge.

JAMES, Kate (2002). «Cultural Implications for Translation». *In Translation Journal and the Author 2002*, Volume 6, Nº. 4 (Disponível em <http://translationjournal.net/journal/22delight.htm>).

KACHRU, Braj B. (1985). «Standards, codification and sociolinguistic realism: the English language in the outer circle». *In English in the*

- World: Teaching and Learning the Language and Literatures*, Cambridge: Cambridge University Press, 11-36.
- KACHRU, Braj B. (1986). *The Alchemy of English: The Spread, Functions and Models of Non-native Englishes*, Oxford: Pergamon Press Ltd.
- KATAN, David (1999). «What is it that's going on here?: Mediating Cultural Frames in Translation», *In Textus*, Volume XII, Nº. 2, Genova: Tilgher-Genova, 409-426.
- LIMA, Conceição (2010). *Manual de Teoria da Tradução*, Lisboa: Edições Colibri.
- NARASIMHAIAH, C. D. (1968). *The Swan and the Eagle: Essays on Indian English Literature*, Simla: Indian Institute of Advanced Study.
- NARAYAN, R.K. (1974). *Reluctant Guru*, Nova Deli: Orient Paperbacks.
- NARAYAN, R.K. (1988). *A Writer's Nightmare. Selected Essays 1958-1988*, New Delhi: Penguin Books India.
- NEWMARK, Peter (1988). *A Textbook of Translation*, New York: Prentice Hall.
- O'REILLY, Christopher (2007). *Post-Colonial Literature*, Cambridge: Cambridge University Press.
- PRASAD, G. J. V. (1999). «Writing translation: The strange case of the Indian English novel». *In Post-Colonial Translation: Theory and Practice*, London e New York: Routledge (Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/29963429/9377655-Post-Colonial-Translation>).
- ROBINSON, Douglas (2009). *Becoming a Translator: An Introduction to the Theory and Practice of Translation*, London e New York: Routledge.
- STEINER, George (1998). *After Babel: Aspects of Language & Translation*, Oxford: Oxford University Press.

STOCKWELL, Peter (2007). *Sociolinguistics: A Resource Book for Students*, London e New York: Routledge.

THIEME, John (2007). *R. K. Narayan*, Manchester: Manchester University Press.

WALSH, William (1971). *R. K. Narayan*, London: Longman Group Ltd.

Netgrafia

<http://alienguide.com/alien-language/r-k-narayans-attitude-towards-the-english-language/> (Agosto/2011)

<http://malgudidays.net> (Agosto/2011)

<http://www.britannica.com/> (Agosto/2011)

8. ANEXOS²⁹

²⁹ **Nota:** O anexo I é constituído pela tradução em língua portuguesa dos contos seleccionados. O anexo II consiste na reprodução digitalizada dos contos seleccionados e, para maior facilidade de consulta, tendo em vista a leitura simultânea e comparada dos textos, foi constituído num volume à parte. No início de cada conto traduzido será feita a indicação da página que lhe corresponde no volume II.

ANEXO I

CONTEÚDO

O DIA DE UM ASTRÓLOGO	ii
O CÃO CEGO	vii
A GARRA DO TIGRE	xii
A CANÇÃO DA SERPENTE	xvii
ÁTILA	xxi
A PALAVRA DO MÉDICO	xxvi
O MACHADO	xxxii
NAGA	xxxvii
GATO ESCONDIDO	xlvii
A CASA DA FRENTE	lvi
UMA COBRA NA RELVA.....	lx
CRIME E CASTIGO	lxiii
A OFERTA DA NOITE.....	lxvii
COMO O SOL	lxxiii
DEBAIXO DA FIGUEIRA	lxxvii
UM HERÓI	lxxxii
AJUDA DE PAI	lxxxvii

O DIA DE UM ASTRÓLOGO

Pontualmente ao meio-dia, ele abria o seu saco e espalhava o equipamento profissional, que consistia numa dúzia de conchas de cipreia, um pedaço de tecido quadrado com obscuros mapas místicos, um caderno e um feixe de escritos em folhas de palmira. A sua testa resplandecia com cinza sagrada e pó vermelho e os seus olhos cintilavam com um estranho brilho penetrante, que, na verdade, era o resultado da busca permanente de clientes, mas que os seus inocentes fregueses tomavam por uma luz profética e sentiam-se confortados. O poder dos seus olhos era consideravelmente realçado pela sua posição – assim colocados entre a testa pintada e os bigodes negros que lhe desciam pelas bochechas: até os olhos de um tolo cintilariam em tal cenário. Para coroar o efeito, enrolava um turbante cor de açafião à volta da cabeça. Este esquema de cores nunca falhava. As pessoas eram atraídas para ele como as abelhas são atraídas para hastes de cosmos ou de dália. Sentava-se debaixo dos extensos ramos de um tamarindo que ladeava um caminho através do Parque Town Hall. Era um local notável em muitos sentidos: uma multidão ondulante subia e descia constantemente esta estrada estreita, de manhã até à noite. Uma variedade de negócios e profissões estava representada ao longo do seu caminho: vendedores de remédios, vendedores de tralhas e equipamentos roubados, mágicos e, acima de tudo, um leiloeiro de roupa barata, que produzia chinfrim suficiente todo o dia para atrair a cidade inteira. Logo a seguir em gritaria, vinha um vendedor de amendoins fritos, que dava ao seu produto um nome invulgar a cada dia, chamando-lhe, um dia, Gelado de Bombaim, no outro, Amêndoa de Deli, no terceiro dia, Acepipe do Rajá, e por aí adiante, e as pessoas confluíam junto dele. Uma porção considerável desta multidão também se demorava em frente ao astrólogo. Este conduzia o seu negócio à luz de uma chama que crepitava e fumegava acima da pilha de amendoins, ali ao lado. Metade do encanto do local devia-se ao facto de não beneficiar da iluminação municipal. O local era iluminado pelas luzes dos comércios. Um ou dois tinham sibilantes candeias a gás, alguns tinham chamas desprotegidas enfiadas em postes, alguns estavam iluminados por velhas lâmpadas de bicicleta e um ou dois, como o do astrólogo, desembaraçavam-se sem luz própria. Era um entrecruzar desconcertante de raios de luz e sombras em movimento. Isto convinha ao astrólogo, pela simples razão de que, em início de vida, ele não pretendia ser astrólogo; e não sabia mais sobre o que ia acontecer aos outros do que sabia o que ia acontecer a si próprio no minuto seguinte. Era tão alheio às estrelas como os seus inocentes clientes. Ainda assim, dizia coisas que agradavam e surpreendiam toda a gente: tal era mais devido ao estudo, à prática e à adivinhação astuta. De qualquer forma, era

um trabalho tão honesto como outro qualquer e ele merecia as gratificações que levava para casa no final do dia.

Tinha deixado a sua aldeia sem qualquer reflexão ou plano prévios. Se lá tivesse permanecido, teria continuado o trabalho dos seus antepassados – nomeadamente, cultivar a terra, viver, casar e envelhecer no seu milheiral e casa ancestral. Mas tal não era para acontecer. Teria de sair de casa sem contar a ninguém e não poderia descansar até estar longe um par de centenas de milhas. Para um aldeão, era algo de grande monta, como se um oceano fluísse entre eles.

Possuía um entendimento funcional dos problemas da humanidade: casamento, dinheiro e os enredos dos laços humanos. A vasta prática tinha aguçado a sua perceção. Em cinco minutos percebia o que estava errado. Cobrava três *pies*¹ por pergunta e nunca abria a boca até o outro ter falado pelo menos dez minutos, o que lhe dava material suficiente para uma dúzia de respostas e conselhos. Quando ele dizia à pessoa à sua frente, olhando para a palma da mão dela, “Muitas vezes, não está a obter os melhores resultados pelos seus esforços”, nove em cada dez sentiam-se inclinados a concordar com ele. Ou perguntava: “Há alguma mulher na sua família, talvez até uma parente afastada, que não se dê bem consigo?” Ou dava uma análise do carácter: “A maior parte dos seus problemas deve-se à sua natureza. Como poderia ser de outra forma, com Saturno nesta posição? Você tem uma natureza impetuosa e uma aparência rude.” Isto tornava-o imediatamente próximo dos seus corações, pois até os mais moderados de nós gostam de pensar que têm uma aparência temível.

O vendedor de amendoins apagou com um sopro a sua luz e levantou-se para ir para casa. Este era um sinal para o astrólogo arrumar também, já que o deixava na escuridão, tirando uma pequena seta de luz verde que se dispersava algures em frente e tocava o chão diante dele. Recolheu as suas conchas de cipreia e apetrechos e estava a pô-los no saco quando a seta verde de luz foi obscurecida; ele olhou para cima e viu um homem de pé à sua frente. Pressentiu um possível cliente e disse: “Parece muito preocupado. Vai fazer-lhe bem sentar-se um pouco e conversar comigo.” O outro resmungou qualquer resposta vaga. O astrólogo insistiu no convite, pelo que o outro lhe enfiou a palma da mão debaixo do nariz, dizendo: “Considera-se um astrólogo?” O astrólogo sentiu-se desafiado e disse, inclinando a palma da mão do outro na direção da seta verde de luz: “A sua natureza é...” “Oh, pare com isso”, disse o outro. “Diga-me algo que valha a pena...”

¹ O *pie* era a moeda de menor valor na Índia; 12 *pies* correspondiam a um *anna*; ambas as moedas caíram em desuso em 1957.

O nosso amigo sentiu-se melindrado. “Cobro apenas três *pies* por pergunta e o que receber deve valer a pena o seu dinheiro...” Então o outro recolheu o braço, tirou um *anna* e atirou-lho, dizendo “Tenho algumas perguntas a fazer. Se eu provar que está a fingir, tem de devolver esse *anna* com juros.”

“Se achar as minhas respostas satisfatórias, dá-me cinco rupias?”

“Não.”

“Ou dá-me oito *annas*?”

“Está bem, desde que me dê o dobro se estiver errado”, disse o desconhecido. Este pacto foi aceite depois de mais alguma discussão. O astrólogo enviou uma prece aos céus enquanto o outro acendia um charuto. O astrólogo apanhou um vislumbre da sua face à luz do fósforo. Houve uma pausa, enquanto os carros apitavam na estrada, os condutores de *jutka*² praguejavam com os seus cavalos e o burburinho da multidão agitava a escuridão parcial do parque. O outro sentou-se, aspirando o charuto, soltando baforadas, impiedosamente ali sentado. O astrólogo sentiu-se muito desconfortável. “Tome, aceite o seu *anna* de volta. Não estou habituado a tais desafios. O meu dia já vai longo...” Preparou-se para arrumar. O outro agarrou-lhe o pulso e disse, “Não pode sair disto agora. Atraíu-me quando eu ia a passar.” O astrólogo estremeceu com o seu aperto; e a sua voz tremeu e tornou-se fraca. “Deixe-me hoje. Falarei consigo amanhã.” O outro colocou-lhe a mão em frente à cara e disse “Desafio é desafio. Continue.” O astrólogo prosseguiu, com a garganta a secar. “Há uma mulher...”

“Pare”, disse o outro. “Não quero nada disso. Irei ter sucesso na minha atual busca ou não? Responda a isto e vá. Caso contrário, não o deixarei ir até ter vomitado todas as suas moedas.” O astrólogo murmurou uns quantos encantamentos e respondeu “Está bem. Falarei. Mas irá dar-me uma rupia se o que eu disser for convincente? Caso contrário, não abrirei a minha boca e o senhor poderá fazer como quiser.” Depois de muito regatear, o outro concordou. O astrólogo disse “Foi deixado como morto. Estou certo?”

“Ah, diga-me mais.”

“Uma faca atravessou-o uma vez?” disse o astrólogo.

“Bom homem!” Desnudou o peito para mostrar a cicatriz. “Que mais?”

² Carruagem modesta, puxada por dois cavalos.

“E depois foi empurrado para um poço, ali perto, no campo. Foi deixado como morto.”

“Teria morrido se um transeunte não tivesse calhado a espreitar para o poço”, exclamou o outro, dominado pelo entusiasmo. “Quando poderei apanhá-lo?” perguntou ele, fechando o punho.

“No outro mundo” respondeu o astrólogo. “Ele morreu há quatro meses, numa cidade distante. Nunca mais o verá.” O outro gemeu ao ouvir isto. O astrólogo prosseguiu.

“Guru Nayak...”

“Você sabe o meu nome!” disse o outro, surpreso.

“Tal como sei tudo o resto. Guru Nayak, ouça atentamente o que tenho para dizer. A sua aldeia fica a dois dias de viagem, para norte desta cidade. Apanhe o próximo comboio e desapareça. Vejo de novo um grande perigo na sua vida, se sair da sua casa.” Ele agarrou numa pitada de cinza sagrada e ofereceu-lha. “Esfregue-a na testa e vá para casa. Não viaje nunca mais para sul e viverá até aos cem anos.”

“Porque haveria de sair de casa de novo?” disse o outro, pensativamente. “Só saía de vez em quando, à procura dele, e para lhe sufocar a vida, se o encontrasse.” Ele abanou a cabeça, pesaroso. “Escapou às minhas mãos. Espero que, pelo menos, tenha morrido como merecia.” “Sim” disse o astrólogo. “Ficou esmagado debaixo de um camião”. O outro pareceu recompensado ao ouvir isto.

O local estava deserto quando o astrólogo recolheu os seus artigos e os pôs dentro do saco. A seta verde desaparecera também, deixando o local na escuridão e em silêncio. O desconhecido tinha-se embrenhado na noite, depois de dar ao astrólogo uma mão cheia de moedas.

Era quase meia-noite quando o astrólogo chegou a casa. A esposa esperava-o à porta e exigiu uma explicação. Ele atirou-lhe as moedas e disse “Conta-as. Um homem deu tudo isso.”

“Doze *annas* e meio” disse ela, contando. Estava radiante. “Posso comprar *jaggery*³ e coco amanhã. A criança tem estado a pedir doces há já tantos dias. Irei preparar qualquer coisa boa para ela.”

“O porco enganou-me! Ele prometeu-me uma rupia!” disse o astrólogo. Ela olhou para ele. “Pareces preocupado. O que se passa?”

“Nada.”

Depois de jantar, sentado no *pyol*⁴, ele disse-lhe “Sabes que um grande peso foi levantado de mim hoje? Todos estes anos, pensei que tinha o sangue de um homem nas minhas mãos. Foi essa a razão pela qual fugi de casa, me estabeleci aqui e casei contigo. Ele está vivo.”

Ela sobressaltou-se. “Tentaste matar!”

“Sim, na nossa aldeia, quando era um jovem tolo. Bebemos, fizemos apostas e brigámos, de forma grave, um dia – porquê pensar nisso agora? Hora de dormir” disse ele, bocejando e espreguiçando-se no *pyol*.

³ Açúcar mascavado.

⁴ Espécie de varanda frontal, alpendre.

O CÃO CEGO

O cão não era impressionante nem elegante; era um daqueles cães que vemos em todo o lado – branco e cor de poeira, cauda mutilada quando era uma cria, por sabe Deus quem, nascido na rua e criado a partir das sobras e do lixo do mercado. Tinha manchas em redor dos olhos, uma atitude banal e uma combatividade desnecessária. Antes de ter dois anos, tinha ganho no corpo as cicatrizes de uma centena de lutas. Quando precisava de descanso, nas tardes quentes, deitava-se, enrolado, sob a sarjeta, no portão oriental do mercado. Ao entardecer, dedicava-se às suas voltas habituais, vagabundeava pelas ruas e becos circundantes, entrava em escaramuças, apanhava comida à beira da estrada e, ao cair da noite, estava de volta ao Portão do Mercado.

Esta vida durou três anos. E depois ocorreu uma mudança. Um pedinte, cego de ambos os olhos, apareceu no Portão do Mercado. Uma velha senhora conduziu-o até lá, de manhã cedo, sentou-o ao portão e voltou ao meio-dia, com alguma comida; à noite, juntou as suas moedas e levou-o para casa.

O cão dormia ali perto. Agitou-se ao cheirar a comida. Levantou-se, saiu do seu abrigo e parou em frente ao cego, abanando a cauda e, olhando, expectante, para a tigela, enquanto o homem comia a sua escassa refeição. O cego moveu os braços em redor e perguntou “Quem está aí?”. O cão avançou e lambeu-lhe a mão. O cego acariciou-lhe o pelo suavemente, da cauda até às orelhas e disse “És um encanto! Vem comigo.” Atirou um punhado de comida, que o cão comeu agradecidamente. Foi talvez um momento propício para iniciar uma amizade. Encontravam-se todos os dias ali e o cão deixou grande parte do seu vagabundear para se sentar ao lado do cego e observá-lo enquanto recebia esmolas, de manhã à noite. Com o passar do tempo, observando-o, o cão compreendeu que os transeuntes deviam dar uma moeda e quem quer que passasse sem deixar a moeda era perseguido por ele; agarrava a ponta das roupas com os dentes e puxava-os de volta para o homem no portão e só os largava quando caía algo dentro da tigela. Entre aqueles que frequentavam este local, contava-se o diabrete da aldeia, que tinha a malevolência de um demónio dentro de si. Gostava de atormentar o cego, chamando-lhe nomes e tentando agarrar as moedas da sua tigela. O cego gritava e protestava, impotente, e volteava a bengala. Às quintas-feiras, este rapaz aparecia no portão, carregando sobre a cabeça um cesto cheio de pepinos ou bananas-da-terra. Cada quinta-feira à tarde, havia uma crise na vida do cego. Um vendedor de perfumes, coloridos mas de qualidade duvidosa, com os produtos em cima de uma plataforma com rodas, um

homem que dispunha livros de contos baratos sobre um saco de juta, outro homem que trazia fitas coloridas numa armação elaborada – eram estas as pessoas que normalmente se juntavam debaixo do mesmo arco. Numa quinta-feira, quando o jovem apareceu no portão oriental, um deles comentou “Ó cego! Aqui vem o teu flagelo.”

“Oh, Deus, é quinta-feira?” lamentou-se ele. Mexeu os braços em redor e chamou “Cão, cão, vem cá, onde andas?” Fez o som característico que trazia o cão para o seu lado. Acariciou-lhe a cabeça e murmurou “Não deixes que aquele patifezinho...”. Neste mesmo momento, o rapaz aproximou-se, com uma expressão maliciosa na face.

“Cego! Ainda a fingir que não tens olhos. Se realmente és cego, não devias saber disto...” Parou, a sua mão movendo-se em direção à tigela. O cão pulou e fechou as mandíbulas em redor do pulso do rapaz. Este despreendeu a mão e fugiu a sete pés. O cão saltou atrás dele e perseguiu-o até fora do mercado.

“Vejam o afeto do rafeiro por este velhote” maravilhou-se o vendedor de perfumes.

Num entardecer, à hora de sempre, a velha senhora não apareceu e o cego esperou no portão, preocupando-se, à medida que a tarde dava lugar à noite. Enquanto ele se preocupava, ali sentado, um vizinho apareceu e disse “Sami, não esperes pela velha senhora. Ela não vai voltar. Morreu esta tarde”.

O cego havia perdido a única casa que possuía e a única pessoa no mundo que cuidava dele. O vendedor de fitas sugeriu “Olha, toma esta fita branca”. Ele pegou numa porção da corda branca que tinha estado a vender. “Vou dar-te isto de graça. Ata-a ao cão e deixa que ele te guie, se ele realmente gosta tanto de ti...”

A vida tomou um novo rumo para o cão. Ocupava agora o lugar da velha senhora. Perdeu completamente a sua liberdade. O seu mundo ficou circunscrito aos limites da corda branca que o vendedor de fitas oferecera. Teve de esquecer por completo toda a sua vida anterior – todas as suas paragens. Tinha, simplesmente, de permanecer para sempre na ponta daquela corda. Quando via outros cães, amigos ou rivais, instintivamente avançava, puxando a corda, e isto, invariavelmente, valia-lhe um pontapé do dono. “Patife, queres-me deixar cair...tem juízo...”. Em alguns dias, o cão aprendeu a controlar o seu instinto e impulso. Deixou de reparar nos outros cães, mesmo que estes se aproximassem e rosnassem perto dele. Perdeu a sua própria órbita de movimento e ligação com os seus semelhantes.

O que ele perdeu, o dono ganhou. Movimentava-se como nunca antes o fizera. Estava de pé todo o dia, conduzido pelo cão. Com a bengala numa mão e a trela na outra, saía da sua casa – uma esquina, numa varanda de *choultry*⁵, a algumas jardas do mercado: tinha-se mudado para ali depois da morte da velha senhora. Começava o dia cedo. Tinha descoberto que conseguia triplicar o seu rendimento se andasse de um lado para o outro, em vez de estar parado num só local. Descia a rua onde vivia e, onde quer que ouvisse vozes, parava e estendia a mão, para as esmolas. Lojas, escolas, hospitais, hotéis – não deixava escapar nada. Dava um puxão quando queria que o cão parasse e gritava como um condutor de bois quando queria que ele andasse. O cão protegia-lhe os pés dos buracos, dos degraus e das pedras e levava-o, polegada a polegada, a caminhos e passos seguros. Por esta imagem, as pessoas davam moedas e ajudavam-no. As crianças rodeavam-no e davam-lhe coisas para comer. Um cão é essencialmente uma criatura ativa, que pontua as suas rondas inquietas com períodos de descanso bem definidos. Mas, agora, este cão (daqui em diante conhecido por Tigre) tinha perdido totalmente o descanso. Só descansava quando o velhote se sentava em algum lado. À noite, o homem dormia com a corda em volta do dedo. “Não posso correr riscos contigo” dizia ele. Apoderou-se do homem um grande desejo de ganhar mais dinheiro do que nunca, de tal forma que sentia qualquer descanso como um desperdício de oportunidades, e o cão tinha de estar continuamente de pé. Por vezes, as suas patas recusavam-se a andar. Mas se abrandasse, ainda que ligeiramente, o dono espicaçava-o ferozmente com a bengala. O cão gania e lamentava-se, sob os seus golpes. “Não te queixes, patife. Não te dou a comida? Queres vadiar, é?” praguejava o cego. O cão arrastava-se para cima e para baixo e por todo o mercado, em passo lento, atado ao tirano cego. Muito depois do movimento no mercado ter parado, podia-se ouvir o lamento distante e cansado do cão, trespassando a noite. Perdeu a sua anterior aparência. Com o passar dos meses, os ossos ficaram salientes nos quadris e as costelas sobressaíam por entre a pelagem enfraquecida.

O vendedor de fitas, o vendedor de romances e o perfumista observaram-no, num entardecer em que o negócio estava fraco, e conferenciaram entre eles. “Fere-me o coração ver aquele pobre cão escravizado. Não podemos fazer nada?” O vendedor de fitas comentou “Aquele patife começou a emprestar dinheiro com juros... Ouvi o vendedor de fruta falar... Está a ganhar mais do que precisa. Tornou-se um demónio por dinheiro”. Neste momento, os olhos do perfumista fixaram a tesoura, que balançava na prateleira das fitas. “Dá cá isso” disse ele e avançou com a tesoura na mão.

⁵ Na Índia, local de descanso para visitantes, semelhante a uma estalagem.

O cego estava a passar em frente ao portão oriental. O cão esticava a trela. Estava um pedaço de osso caído no caminho e o cão esforçava-se por o apanhar. A trela tornou-se tensa e magoou a mão do cego; este deu um puxão na corda e pontapeou até que o cão uivou. Uivou, mas não conseguiu simplesmente ignorar o osso; arriscou outro esforço para lhe chegar. O cego acumulava pragas contra ele. O perfumista avançou, usou a tesoura e cortou a corda. O cão saltou e apanhou o osso. O cego ficou petrificado, com a outra metade da corda a balançar na sua mão. “Tigre, Tigre, onde estás?” gritou. O perfumista afastou-se discretamente, murmurando “Demónio sem coração! Nunca mais o apanhas! Está livre!”. O cão disparou à velocidade máxima. Meteu, alegremente, o nariz em valas, lançou-se sobre outros cães e correu em redor da fonte na Praça do Mercado, ladrando, os olhos a brilhar de alegria. Voltou aos seus costumes preferidos e passava o tempo junto ao talho, à tenda de chás e à padaria.

O vendedor de fitas e os dois amigos ficaram no Portão do Mercado, apreciando imensamente a imagem do cego que lutava para se orientar. Tinha ficado colado ao chão, brandindo a bengala; parecia-lhe que tinha ficado pendurado no ar. E lamentava-se. “Oh, onde está o meu cão? Onde está o meu cão? Alguém mo pode devolver? Quando o apanhar outra vez, mato-o!”. Foi tateando, tentou atravessar a estrada, esteve quase a ser atropelado, em vários momentos, por uma dúzia de veículos, caiu e debateu-se, respirando com dificuldade. “Era bem merecido se fosse atropelado, canalha sem coração!” disseram eles, observando-o. No entanto, o velhote conseguiu desembaraçar-se e, com a ajuda de alguém, encontrou o caminho de volta para a sua esquina, na varanda de *choultry*, e deixou-se cair na sua cama de pano, quase desmaiado do esforço do caminho.

Não foi visto durante dez dias, quinze dias, vinte dias. Nem o cão foi visto em parte alguma. Os três amigos comentaram entre si “O cão deve andar a vadiar por esse mundo, livre e feliz. O pedinte talvez se tenha ido para sempre...” Mal a frase tinha sido dita, ouviram a pancadinha familiar da bengala do cego. Viram-no, mais uma vez, a vir pela calçada – guiado pelo cão. “Vejam! Vejam!” gritaram. “Apanhou-o outra vez e prendeu-o...”. O vendedor de fitas não se conteve. Correu para ele e perguntou “Onde tem estado todos estes dias?”

“Sabem o que aconteceu?!” gritou o velhote. “Este cão fugiu. Deveria ter sido a minha morte, num par de dias, confinado à minha esquina, sem comida, sem ganhar um *anna* – preso na minha esquina. Teria morrido se continuasse assim por mais um dia... Mas ele voltou...”

“Quando? Quando?”

“Ontem à noite. À meia-noite, enquanto eu dormia, aproximou-se e lambeu-me a face. Senti vontade de o matar. A pancada que lhe dei vai-lhe ficar na memória” disse o cego. “Desculpei-o, afinal, é um cão! Vadiou enquanto pode encontrar lixo para comer na estrada, mas a fome intensa trouxe-o de volta a mim. Mas não volta a abandonar-me. Vejam! Tenho isto...” e abanou a trela: era de aço, desta vez.

Mais uma vez, lá estava o olhar mortiço e desesperado nos olhos do cão. “Mexe-te, idiota!” gritou o cego, berrando como um condutor de bois. Puxou a trela, fustigou com a bengala e o cão afastou-se a passos lentos. Ficaram a ouvir as pancadinhas a distanciar-se.

“Só a morte pode ajudar aquele cão” lamentou o vendedor de fitas, observando-o e suspirando. “O que podemos nós fazer com uma criatura que volta para a sua perdição de coração aberto?”.

A GARRA DO TIGRE

A negra carreira do comedor de homens estava terminada. Os homens que o tinham derrubado eram os heróis do dia. Foram coroados com crisântemos e sentaram-nos no arco da maior carroça de bois e foram exibidos pelas ruas, seguidos de perto por outra carroça aberta, onde jazia o seu troféu de olhar vítreo – extravasando da carroça por todos os lados, a sua cauda arrastando-se pelo pó. A aldeia suspendeu toda a atividade habitual para o dia; homens, mulheres e crianças atravancavam as rodovias, apressando o desfile, falando, excitadamente, sobre o tigre. O tigre tinha mantido um reinado de terror durante quase cinco anos, nas aldeias que rodeavam a Floresta Mempi.

Observámos esta cena, fascinados, movendo-nos com a multidão – até que o Homem Falador nos deu uma palmadinha nas costas e exclamou “Absorvidos pelo prodígio! Se já viram o suficiente dessa carcaça, venham e ouçam-me...” Depois de a multidão passar por nós como uma onda, fez-nos sentar numa elevação rochosa, por debaixo de uma árvore Neem⁶, e começou a sua história: estava eu, uma vez, acampado em Koppal, a mais sombria das aldeias que existem espalhadas pela região de Mempi. Podem interrogar-se sobre o que estava eu a fazer nesse canto desolado da terra. Vou dizer-vos. Recordam-se de vos ter falado muitas vezes sobre o meu trabalho como agente de uma empresa de fertilizantes do solo. Foi o período mais miserável da minha vida. Tinha de andar na estrada vinte e cinco dias por mês, visitando cantos e recantos do país e popularizando o produto...Uma dessas viagens trouxe-me à aldeia de Koppal. Não era de facto uma aldeia, apenas uma clareira com cerca de quarenta casas e duas ruas, rodeada pela selva por todos os lados. O lugar era sujo e deprimente. Não consigo perceber o porquê de a nossa empresa pretender alcançar um lugar assim para os seus produtos. Nem saberiam da sua existência se não fosse o facto de ficar na linha do comboio. Sim, mesmo na linha, um qualquer ramal obscuro atravessava esta aldeia, embora a maioria dos comboios não parasse lá. O seu centro de civilização era a sua estação ferroviária – presidida por um carregador vestido de azul e um velho chefe de estação, um homem encarquilhado, usando um turbante verde, sempre com bandeiras vermelhas e verdes enfiadas debaixo dos braços. Deixem-me descrever-vos a estação. Não era um edifício, mas sim uma velha carruagem que, tendo chegado ao termo da sua vida útil, fora privada das rodas e colocada ao lado das linhas. Possuía uma ou duas janelas, através das quais o chefe de estação emitia bilhetes e falava com os ocasionais passageiros que surgiam neste lugar

⁶ Árvore da família do mogno e do cedro, única no seu género botânico, originária da Índia, também conhecida como Nim ou Amargosa.

selvagem. Uma trepadeira estava entrelaçada sobre a entrada: não podia ser encontrado melhor uso para uma antiga carruagem.

Numa manhã de Novembro, um comboio misto largou-me nesta estação e fumegou floresta adentro. O chefe de estação, com as bandeiras debaixo do braço, ficou animado ao ver-me. Tinha visto a chegada de tão poucos passageiros que o seu prazer ao ver uma cara nova era infundável. Nomeou-se imediatamente meu anfitrião, levou-me para o ex-compartimento e sentou-me num banco. Disse “Peço desculpa. Livrou-me desta papelada num instante...”. Escrevinhou numas folhas castanhas, guardou-as e levantou-se. Fechou a estação à chave e levou-me para sua casa – um edifício de pedra muito pequeno, consistindo em apenas uma sala, uma cozinha e um quintal. O chefe de estação vivia aqui com a sua mulher e sete filhos. Alimentou-me. Mudei de roupa. Mandou o porteiro acompanhar-me à aldeia, que ficava a quase uma milha, para o interior. Juntei em meu redor os camponeses dessas quarenta casas e fiz o meu discurso, a partir do *pyol* da casa do chefe da aldeia. Ouviram-me pacientemente, receberam as amostras e as minhas instruções pormenorizadas para a sua utilização e foram-se embora, de volta às respetivas ocupações, comentando cinicamente entre si as minhas ideias sobre adubação. Arrumei o material e, ao anoitecer, iniciei o caminho de volta para a casa do chefe de estação, a garganta dorida e as minhas próprias palavras a ressoarem-me nos ouvidos. Embora passassem agora um par de comboios, o único a parar seria às 5:30 da próxima manhã. Depois do jantar, em casa do chefe de estação, senti que chegara a altura de me ir embora; seria indelicado permanecer quando toda a família estava à espera para estender as suas camas na sala. Declarei que dormiria na plataforma até que o meu comboio chegasse... “Não, não, estas paragens são muito más. Não são como a sua cidade. Cheias de tigres...” disse o chefe de estação. Autorizou-me, numa concessão especial, a dormir na estação. Uma mesa pesada, uma cadeira e um banco ocupavam a maior parte do espaço no compartimento. Empurrei-os para o lado e fiz um pequeno espaço para mim a um canto. Tinha pela frente pelo menos oito horas. Deitei-me: da noite calma vinham todo o tipo de zumbidos e sussurros; os postes de telégrafo e os insetos noturnos zumbiam e os ramos de bambu rangiam. Levantei-me, tranquei a pequena porta da estação e deitei-me, sentindo-me desconsolado. Ficou muito calor e não conseguia dormir. Levantei-me outra vez, abri ligeiramente a porta para deixar entrar um pouco de ar, encostei a cadeira à porta e voltei para a cama.

Deixei-me dormir e sonhei. Estava no cimo de uma colina, observando, em baixo, o vale, sob um luar pálido. Ao longe, uma fila de criaturas semelhantes a gatos movia-se através da

encosta, parcialmente na sombra, e eu fiquei a olhá-las com admiração, pois avançavam com grande elegância. Estava tão absorto nesta visão que não tinha reparado que haviam subido e estavam numa vereda sinuosa, mesmo atrás de mim. Virei-me e vi que, em tamanho, não eram semelhantes a gatos, mas, sim, a tigres adultos. Precipitei-me para o único abrigo disponível – a estação.

Neste momento, o sonho terminou, pois a cadeira que barricava a porta saiu disparada e caiu em cima de mim. Abri os olhos e vi, à porta, um tigre tentando esgueirar-se para o interior. Foi um momento confuso para mim: sem ter a certeza se o sonho continuava ou se estava acordado. Primeiro, pensei que era o meu amigo, o chefe de estação, que vinha a entrar, mas o sonho tinha-me preparado totalmente a mente – vi o bicho, claramente, contra o céu estrelado, cauda abanando, a rosnar, e, acima de tudo, os olhos terríveis, cintilando através da escuridão. Compreendi que a empresa de fertilizantes teria de passar sem os meus discursos a partir do dia seguinte. O próprio tigre ficara um pouco sobressaltado pelo barulho da cadeira e estava hesitante. Via-me claramente, no meu canto, e parecia estar a dizer a si mesmo “O meu jantar está ali pronto, mas deixa-me primeiro saber que barulho é este”. Por algum motivo, os animais selvagens têm menos medo dos seres humanos do que de peças de mobiliário, como cadeiras e mesas. Já vi circos dominarem inúmeras feras usando apenas uma cadeira. Deus dá-nos tais recordações para nos salvar nos momentos críticos; e enquanto o tigre permanecia a observar-me e a olhar para a cadeira, estendi as mãos e, com uma força desesperada, puxei a mesa para mim e também o banco. Fiquei sentado, com as costas para o canto, a mesa bem alinhada com o canto. Sentei-me debaixo dela e o banco fazia de parede no outro lado. Quando arrastei a mesa, muitas coisas caíram lá de cima, um candeeiro, uma faca comprida e cavilhas. Do meu abrigo, espreitei o tigre, que também me observava com interesse. Evidentemente, ele não gostava que a sua refeição estivesse tão completamente fora de vista. Então, cautelosamente, avançou um ou dois passos, fazendo uma espécie de som ribombante na garganta, que parecia abanar toda a pequena estação. O meu fim aproximava-se. Tive realmente pena da mulher cujo destino foi ter-se tornado minha esposa.

Levantei a cadeira como um escudo e agitei-a e o tigre hesitou e retrocedeu um ou dois passos. Agora, mais uma vez, passámos algum tempo observando os movimentos um do outro. Sustive a respiração e esperei. O tigre permaneceu ali, abanando ferozmente a cauda, que por vezes atingia as paredes laterais e produzia um baque. Subitamente, agachou-se, sem tirar os olhos de mim, e arranhou o chão com as garras. “Está a afiá-las para mim” disse a mim mesmo. A pequena cabana já cheirava a jardim zoológico. Fiquei enjoado. O tigre

continuava a arranhar o chão com as patas dianteiras. Era o som mais horrível que se possa imaginar.

De repente, lançou-se em frente e atirou todo o seu peso contra estas peças de mobília. Pensei que ia ser tudo reduzido a fósforos mas, felizmente, os nossos caminhos-de-ferro pensam com antecipação e escolhem a madeira mais robusta para o seu mobiliário. Isso salvou-me. O tigre não pôde fazer mais do que empoleirar-se no tampo da mesa e deixar pender as patas: tentou atingir-me mas eu defendi-me com a cadeira e o banco. A mesa oscilou sob ele. Senti-me sufocado. Podia sentir o seu bafo em mim. Estava sentado, cobrindo a mesa por completo, e ia disparando as patas na minha direção. Desta forma me teria arrancado pedaços, mas, felizmente, eu estava sentado mesmo no meio, fora do seu alcance por um fio de cabelo. Ele fazia sons ferozes e contorcia-se, por cima da minha cabeça. Podia ter atirado a cadeira para um lado e ter-me arrastado de lá debaixo, se tivesse descido, mas, por qualquer motivo, a visão da cadeira pareceu preocupá-lo durante um tempo. Preferia estar fora do seu alcance. Esta batalha continuou por algum tempo, não sei dizer quanto: no meu mundo, o tempo tinha parado. Ele desceu, num salto, e rondou a mesa, procurando uma brecha; agitei a cadeira umas quantas vezes, mas rapidamente perdeu o seu efeito de terror; bateu na cadeira com uma pata e descobriu que era inofensiva. Após esta descoberta, tentou atirá-la para o lado. Mas eu fui rápido demais para ele. Rapidamente, puxei-a para mim e entalei-a com firmeza entre as pernas da mesa, e o banco protegia-me noutra lado. Eu estava mais ou menos dentro de uma paliçada feita de pernas de mobiliário. Sentou-se sobre os flancos, à minha frente, interrogando-se sobre a melhor forma de chegar a mim. A mesa, a cadeira e o banco formavam agora um bloco sólido, comigo no centro, e podiam resistir a todos os seus truques. Ele examinou o meu arranjo com grande interesse, entreviu uma brecha e meteu lá a pata. Balançou diante dos meus olhos, com as garras curvas abrindo-se na minha direção. Senti-me muito zangado com esta imagem. Por que motivo deveria eu deixar que o ataque fosse todo à sua maneira? Senti-me muito indignado. A faca comprida vinda da mesa do chefe de estação estava caída ali perto. Peguei nela e espetei-a. Ele retirou a pata, enlouquecido pela dor. Saltou e quase desfez a divisão e depois tentou despedaçar toda a paliçada. Não teve êxito. Mais uma vez, enfiou lá a pata. Fiz bom uso da faca e cortei um dedo com a garra. Era a derradeira batalha entre ele e mim. Ele voltava à carga uma e outra vez. E eu cortei, deixem-me confessar, três garras, antes de me considerar satisfeito. Tornara-me tão sanguinário como ele. (Essas garras, encaستoadas em ouro, pendem à volta do pescoço das minhas três filhas. Se quiserem, um dia, venham ver).

Cerca das cinco da manhã, o chefe de estação e o porteiro chegaram e, inocentemente, entraram. Assim que puseram um pé lá dentro, o tigre deixou-me e virou-se contra eles. Ambos correram à velocidade máxima. O chefe de estação voou para sua casa e fechou a porta. O carregador, com pés ligeiros, subiu a uma árvore, com o tigre no seu encaço. Assim ficaram imóveis, olhando um para o outro, até que o comboio de mercadorias chegou, arrastadamente, depois das 5:30. Silvava e apitava e vomitava fogo, até que o tigre desceu e atravessou apressadamente os carris, floresta adentro.

Ele não mais visitou estas paragens, embora se ouvisse constantemente falar dos seus ataques. Não voltei a encontrá-lo – até há poucos instantes, quando o vi em cima daquela carroça de bois. Reconheci-o imediatamente pela pata dianteira direita, em que faltavam três dedos e garras. Vocês pareciam estar tão absortos em admiração por aquelas pessoas que encontraram o tigre como lhes convinha, com armas e acompanhados, que pensei que poderiam dar algum crédito a um tipo que enfrentou o mesmo animal, sozinho, desarmado. Daí esta história.

Quando o Homem Falador nos deixou, fomos andando para a praça, onde mantinham o troféu em exposição e veneravam e festejavam os caçadores, que aguardavam uma camioneta vinda da cidade. Avançámos aos empurrões por entre a multidão e pedimos que nos mostrassem a pata dianteira direita do tigre. Alguém aproximou um candeeiro a gás. Sim, faltavam três dedos e uma cicatriz negra e profunda assinalava a marca. O homem que fez o corte devia ter enterrado a faca com a força de um martelo. Quando interrogados, os homens responderam “Não sabemos explicar como acontece. Já encontramos vários casos assim. Diz-se que algumas tribos da floresta, se apanham uma cria de tigre, cortam-lhe as garras para talismãs e libertam-na. Normalmente, não matam crias.”

A CANÇÃO DA SERPENTE

E stávamos a sair da sala de música, bastante satisfeitos com o concerto. Pareceu-nos uma bela atuação. Assim pensávamos até que reparámos no Homem Falador, entre nós. Tinha o ar de quem havia estado numa câmara de tortura. Olhámos para ele, irritados, e comentámos “Supomos que sejas um desses grandes homens que julgam que a música do Sul da Índia morreu há cem anos. Ou estiveste, em algum momento, a cavaquear com todos os nossos antigos músicos e compositores, o único motivo que muitas pessoas como tu têm para pensar que todo o canto moderno é pueril e vazio? Ou serás um desses teóricos inquietos que são incapazes de ouvir uma música sem a dividir em átomos?”

“Nada disso” respondeu o Homem Falador. “Sou uma simples criatura que sabe do que fala. Percebo alguma coisa de música, talvez apenas um pouco mais do que todos os que aqui estão, e é por isso que estou horrorizado ao ver a que nível o gosto desceu...”

Tentámos não fazer caso, recebendo os seus comentários com um silêncio frio e falando entre nós. Mas ele seguiu-nos todo o caminho, tagarelando, e tivemos de o ouvir.

Ao ver-me agora (disse o Homem Falador) talvez pensem que não sou capaz de fazer nada mais artístico do que vender fertilizantes químicos aos camponeses. Mas digo-vos que um dia já tive a ambição de me tornar músico. E estive perto de o ser. Foi há muitos anos. Nessa altura, vivia em Kumbum, uma pequena aldeia a oitenta milhas de Malgudi. Vivia lá um grande músico. Dizia-se que, quando ele tocava flauta, os animais da aldeia o seguiam. Era talvez o maior artista do século, mas estava contente vivendo na obscuridade, pouco conhecido fora da aldeia, dando concertos apenas no templo da aldeia, e absolutamente satisfeito com o pequeno rendimento que obtinha das suas terras ancestrais. Eu lavava-lhe as roupas, varria-lhe a casa, fazia-lhe recados, anotava as suas contas e, quando lhe apetecia, ele ensinava-me música. A sua personalidade e presença tinham o seu próprio valor, por isso, mesmo que ensinasse apenas por uma hora, valia um ano de ensino com outro qualquer. Até a atmosfera em seu redor ensinava.

Depois de três anos desbastando e delineando, o meu mestre sentiu que a minha música estava finalmente a ganhar forma. Disse “Dentro de, talvez, um ano, poderás ir à cidade e tocar em frente a um público, isto é, se te interessares por tais coisas”. Podem ter a certeza que me interessava. A grandeza da obscuridade não era para mim. Queria riqueza e fama. Sonhava em ir para Madras e participar no festival de música no próximo ano, e, então, em todos os

distritos soaria o meu nome. Via a minha flauta de bambu como uma espécie de varinha mágica que iria abrir um novo mundo para mim.

Eu vivia numa casinha no final da rua. Era hábito sentar-me e praticar noite dentro. Uma noite, quando me perdia com o *bhairavi raga*⁷, ouvi uma batida na porta. Senti-me irritado com a interrupção.

“Quem é?”, perguntei.

“Um *sadhu*⁸, que quer um pouco de comida.”

“A esta hora! Sai, vai-te. Não andes a importunar as pessoas a toda a hora.”

“Mas a fome não sabe as horas.”

“Vai-te embora. Não tenho aqui nada. Eu próprio vivo da caridade do meu mestre.”

“Mas não pode dar uma moedinha ou, pelo menos, uma palavra amiga a um *sadhu*, que já viu Kasi, Rameswaram⁹...”

“Cala-te!” gritei, olhando para a porta e continuando o meu *bhairavi*.

Quinze minutos depois, as batidas foram repetidas. Perdi a cabeça. “Não tens juízo? Por que é que me perturbas?”

“Toca divinamente. Não me deixa entrar? Pode não me dar comida para o estômago mas não me recuse a sua música.”

Eu não gostava que alguém estivesse presente enquanto ensaiava e esta interrupção constante era exasperante. “Não fiques aí a discutir. Se não saís de imediato, vou abrir a porta e empurro-te para fora.”

“Ah, palavras desagradáveis. Não precisa de me empurrar. Estou a ir. Mas lembre-se, este é o seu último dia de música. Amanhã pode trocar a flauta por um punhado de tâmaras secas.”

Ouvi os seus tamancos de madeira a descer os degraus da casa. Senti-me aliviado e toquei uns dez minutos. Mas a minha mente estava perturbada. As suas palavras de despedida...o que queria ele dizer? Levantei-me, tirei a lanterna do prego na parede e saí. Fiquei no último

⁷ Escala musical indiana.

⁸ Termo que designa, no hinduísmo, um místico ou um monge andarilho.

⁹ Kasi e Rameswaram são cidades sagradas da Índia, importantes devido ao comércio e ao grande fluxo de peregrinos.

degrau da minha casa e observei a rua, para cima e para baixo, levantando a lanterna. Voltei para dentro. Vagamente à espera que ele chamasse outra vez, deixei a porta meio aberta. Pendurei a lanterna e sentei-me. Olhei para as imagens de deuses nas paredes e rezei para ser protegido da ameaça do mendigo oculto. E depois, mais uma vez, perdi-me na música.

Canção após canção fluía daquele minúsculo bambu e transformava a minha casinha solitária. Eu não era mais um insignificante mortal soprando por um bocado de bambu. Estava entre os deuses. A lanterna na parede tornou-se uma estrela brilhante, iluminando uma sala celestial...E cheguei à melodia da serpente em *punnaga varali*.¹⁰ Vi a serpente em toda a sua grandeza: até o veneno na sua bolsa tinha um toque de glória. Agora via a sua divindade enquanto coroava a cabeça de Shiva¹¹; Parvathi¹² usava-a como pulseira; Subramanya¹³ brincava com ela; e era o assento de Vishnu¹⁴... Toda a composição concedia à serpente uma qualidade que inspirava temor e reverência.

E, neste momento, o que havia eu de ver entre mim e a porta senão uma naja negra. Tinha aberto o seu imenso capelo e oscilava, em êxtase. Parei a canção e esfreguei os olhos para ver se estava bem acordado. Mas, no momento em que a canção parou, a naja virou-se, olhou-me de relance e avançou. Nunca vi uma naja tão negra e tão comprida em toda a minha vida. Um instinto salvador disse-me: "Continua a tocar! Continua a tocar! Não pares." Apressadamente, levei a flauta aos lábios e continuei a canção. A serpente, que agora estava a menos de três jardas de mim, levantou um quarto do corpo, ergueu a cabeça com um suave floreado, fixou em mim os olhos redondos e escutou a minha música sem fazer o mínimo movimento. Poderia ser uma serpente esculpida em pedra negra, de tão imóvel.

Enquanto tocava, com os olhos fixos na serpente, fiquei tão impressionado com a sua dignidade e autoridade que disse a mim mesmo "Que Deus iria renunciar ao privilégio de a usar no Seu cabelo...?" Depois de tocar a canção por três vezes, iniciei uma nova canção. A naja virou abruptamente a cabeça e olhou para mim como se dissesse "Então, que disparate é esse?" e emitiu um terrível silvo e moveu-se ligeiramente. Rapidamente continuei a canção da serpente e, mais uma vez, ela assumiu a postura de estátua.

¹⁰ Música tradicional indiana

¹¹ Shiva, o Destruidor, é umas das principais divindades hindus. É representado com uma serpente em volta da cintura e do pescoço, simbolizando o domínio da morte (i.e. a imortalidade).

¹² Parvathi é uma deusa hindu, a segunda consorte de Shiva e mãe de todas as deusas.

¹³ Deus da Guerra, filho de Shiva e Brahma, cujo culto é mais acentuado no sul da Índia.

¹⁴ Vishnu, juntamente com Shiva e Brahma, integra a trindade hindu. É o deus responsável pela manutenção do universo. A sua representação mais comum mostra-o em cima do deus-serpente Shesh Nag.

Assim, toquei a canção uma e outra vez. Mas, não importa o quão grandiosa uma composição possa ser, uma dúzia de repetições, forçosamente, torna-se cansativo. Tentei mudar de canção uma ou duas vezes, mas vi a serpente agitar-se de forma ameaçadora. Tentei, em vão, levantar-me e escapar, mas a serpente quase que se pôs de pé, apoiada na cauda, e prometeu acabar comigo. E assim toquei a mesma canção toda a noite. O meu distinto público não dava sinais de querer partir. Pouco a pouco, fui-me sentindo exausto. A cabeça andava à roda, as faces ardiam-me, de soprar constantemente, e o peito parecia ter esvaziado a última réstia de fôlego. Sabia que ia cair morto dentro de alguns segundos. Não parecia importante se a serpente me ia esmagar nos seus anéis e encher-me com todo o veneno do seu saco. Atirei fora a flauta, levantei-me e prostrei-me diante dela, gritando “Oh, Naga Raja¹⁵, és um deus; podes matar-me se quiseres, mas não consigo tocar mais...”

Quando abri novamente os olhos, a serpente desaparecera. A lanterna na parede tornara-se pálida, à luz da manhã. A minha flauta jazia perto da porta.

No dia seguinte, narrei as minhas experiências ao meu mestre. Ele disse “Não sabes que não devias tocar *punnaga varali* à noite? Além disso, agora nunca mais poderás ter a certeza de que a serpente não vai aparecer se tocares. E quando voltar, não te poupará a menos que toques a sua canção novamente. Estás preparado para o fazer?”

“Não, não, mil vezes não!” gritei. A recordação da canção era dolorosa. Tinha-a repetido vezes suficientes para me bastar para a vida inteira.

“Se é assim, deita fora a flauta e esquece a tua música...Não podes brincar com uma serpente. É um brinquedo dos deuses. Deita fora o teu bambu. Já não tem utilidade para ti...” Chorei ao pensar nesta renúncia. O meu mestre teve pena de mim e disse “Talvez tudo se resolva se procurares o teu visitante daquela noite e suplicares por perdão. Podes encontrá-lo?”

Guardei a minha flauta. Desde então tenho andado por este mundo à procura de um mendigo desconhecido e nunca visto. Até mesmo hoje, se, pela graça de Deus, o encontrar, cairei a seus pés, suplicar-lhe-ei perdão e voltarei de novo à minha flauta.

¹⁵ A expressão provém do Sânscrito e significa “Rei das Cobras”. O termo aplica-se a três entidades divinas, pais de todas as cobras.

ÁTILA

Numa disposição otimista, chamaram-lhe ‘Átila’. O que queriam de um cão era força, luta e que fosse formidável, daí ter recebido o nome do “Flagelo da Europa”.

Anexo II
Página
14

O cachorro tinha apenas dois meses; possuía mandíbulas quadradas, olhos vermelhos, nariz arrebitado e uma cabeça maciça, e havia razões para crer que faria jus ao seu nome. O motivo imediato da sua compra fora uma série de arrombamentos e roubos na vizinhança e os nossos senhorios decidiram confiar mais num cão do que na polícia. Procuraram em todo o lado e conheceram um criador de cães. Ele segurou num cachorro preto e branco, com um mês, e disse “Venham buscá-lo daqui a um mês. Em seis meses, será algo a ser temido e respeitado.” Abriu em frente deles uma folha com o *pedigree*, que era impressionante. O cachorro tinha, correndo nas suas veias, o sangue mais selecionado e feroz.

Ficaram satisfeitos, pagaram um adiantamento, voltaram um mês depois, entregaram setenta e cinco rupias e levaram o cachorro para casa. O cachorro, como já indiquei, não possuía uma aparência muito cativante e não era muito brincalhão, mas isso não impediu os seus donos de se sentarem em círculo, à sua volta, admirando-o. Houve um debate prolongado sobre qual deveria ser o seu nome. O mais novo sugeriu “Por que não chamar-lhe Tigre?”

“Quase todos os rafeiros de rua se chamam Tigre”, foi a resposta. “Por que não César?”

“César! Se fosse feito um censo aos cães, ias encontrar pelo menos quinze mil Césares, só no sul da Índia... Por que não Fogo?”

“É irreal.”

“Por que não Trovão?”

“É demasiado óbvio.”

“Apertão?”

“Óbvio, também, e infantil.”

Houve um impasse. Alguém sugeriu Átila e um grito de alegria subiu aos céus. Nunca fora pensado melhor nome para homem ou animal.

Mas, à medida que o tempo passava, o nosso Átila demonstrava um amor pela humanidade que era, por vezes, desconcertante. O Flagelo da Europa – poderia ele alguma vez ter sido assim? Atribuíram isso à idade. Que criança poderia deixar de amar todas as criaturas? No seu zelo para provar este facto, foram ao ponto de investigar a história antiga, para descobrir como era o Flagelo da Europa quando criança. Dizia-se que, quando era criança, ele agarrava-se tão depressa aos seus amigos e aos amigos dos pais que tinha de ser sovado e separado deles. Mas quando tinha catorze anos, mostrou o primeiro sinal do seu futuro: derrubou e, com a sua faca, esfaqueou um indivíduo que tentara tocar nos seus berlindes. Ah, isto era encorajador. Deixem o nosso cão atingir o equivalente aos catorze anos e as pessoas vão conhecer a sua verdadeira natureza.

Mas esta era uma promessa vã. Ele erguia-se a vinte polegadas de altura, tinha uma estrutura larga e, no geral, uma aparência proibitiva – mas mais nada. Uma multiplicidade de pessoas entrava pelos portões da casa todos os dias: mendigos, cobradores de dívidas, carteiros, vendedores e amigos da família. Todos eram recebidos calorosamente por Átila. No momento em que o portão dava um estalido, ficava alerta e levantava-se, olhando para o portão. Quando alguém entrava, o Átila investia cegamente. Mas mais nada. A pessoa só tinha de parar e sorrir e o Átila derretia-se. Comportava-se como se pedisse desculpa por dar sinais de violência. Baixava a cabeça, curvava o corpo, metia o rabo entre as pernas, fazia rolar os olhos e gania como que dizendo “Que pena que tenhas interpretado mal o meu gesto! Apenas me apressei para te cumprimentar.” Até que lhe acariciassem a cabeça, o afagassem e lhe dissessem que estava perdoado, sentia-se em extrema angústia.

Gradualmente, percebeu que os seus avanços impetuosos causavam muitos mal-entendidos infelizes. E assim, quando ouvia o estalido do portão, mal se mexia. Olhava apenas naquela direção e abanava a cauda. As pessoas da casa não gostaram muito desta atitude. Aliás, consideravam-na uma vergonha.

“Por que não mudar-lhe o nome para Minhoca Cega?” perguntou alguém.

“Ele come como um elefante” disse a mãe da família. “Podemos contratar dois guardas pelo preço do arroz e da carne que ele consome. Alguém vem todas as manhãs e rouba todas as flores do jardim e o Átila não faz nada.”

“Ele tem coisas melhores para fazer do que apanhar ladrões de flores” respondeu o mais novo, sempre o defensor do cão.

“O que são essas coisas melhores?”

“Bem, se alguém vier de madrugada e levar as flores, estão à espera que o Átila esteja de guarda a essa hora?”

“Porque não? É o que um cão bem alimentado deveria fazer, em vez de dormir. Devias ter vergonha do teu cão.”

“Ele não dorme toda a noite, Mãe. Já muitas vezes o vi rondar a casa, vigiando, toda a noite.”

“A sério?! Ele ronda toda a noite?”

“Claro que sim” disse o defensor.

“Fico alarmada ao saber isso” disse a mãe. “Por favor, à noite, tranca-o numa divisão; caso contrário, ainda convida um ladrão a entrar e lhe mostra os cantos à casa. Sozinho, o ladrão é capaz de ser menos afortunado. Não seria tão mau se, ao menos, ele ladrasse. É o cão mais silencioso que já vi na vida.”

O rapazinho ficou extremamente irritado com isto. Considerou que era de um cinismo cruel, mas, nessa mesma noite, o cão justificou-o.

Ranga vivia numa cabana a três milhas da cidade. Era um operário – muitas vezes contratado para a reparação das estradas. Ocasionalmente, à noite, apreciava a emoção e o lucro dos assaltos a casas. Nessa noite, à uma hora, Ranga removeu as barras de uma janela no lado oriental da casa e esgueirou-se lá para dentro. Deslocou-se ao longo da parede, remexeu em todos os baús e *almirahs*¹⁶ da casa e fez uma bela trouxa com todas as joias e outros valores que conseguiu arranjar.

Estava mesmo de saída. Tinha apenas colocado um pé de fora, através da brecha que fizera na janela, quando viu o Átila, de pé, olhando para cima, expectante. Ranga pensou que o seu fim tinha chegado. Supôs que o cão ladrasse. Mas não. O Átila esperou um pouco, cansou-se de estar à espera, empinou-se e colocou as patas da frente no colo do ladrão. Encolheu as orelhas, lambeu as mãos de Ranga e rolou os olhos. Ranga sussurrou “Espero que não te ponhas a ladrar...”

“Não te preocupes. Não sou desse tipo” tentou dizer o cão.

¹⁶ Palavra anglo-indiana que significa “armário”, derivada do português *almário*.

“Só um momento. Deixa-me descer daqui” disse o ladrão.

O cão, obsequiosamente, retirou as patas e voltou ao chão.

“Olha, ali” disse Ranga, apontando para o quintal, “está um gato”. Átila arrebitou as orelhas ao ouvir mencionar o gato e arremessou-se na direção indicada. Poder-se-ia pensar que ele ia desfazer o gato, mas, na verdade, não queria era perder a companhia de um gato, se houvesse um.

Assim que o cão o deixou, Ranga precipitou-se para o portão. Se lhe tivesse sido dado mais um segundo, teria saltado por cima dele. Mas o cão virou-se e viu o que estava prestes a acontecer e, numa arrancada, chegou ao portão. Parecia ofendido. “Achas isto bem?” parecia perguntar. “Queres livrar-te de mim?”

Deixava pender a pesada cauda de forma tão abandonada e parecia tão triste que o ladrão lhe afagou a cabeça, o que o fez reviver. O ladrão abriu o portão e saiu e o cão seguiu-o. A maior ambição na vida de Átila era vaguear pelas ruas livremente. Neste momento, tudo se conjugava de forma ideal.

Átila gostava tanto do seu novo amigo que não o deixava só nem por um momento. Deitava-se junto a ele quando ele se sentava para comer, sentava-se à ponta da sua esteira enquanto ele dormia, na sua cabana, esperava pacientemente à beira do lago quando Ranga lá ia, de vez em quando, para lavar-se, dormia à beira da estrada quando Ranga estava a trabalhar.

Este tipo de companheirismo enervou Ranga. Implorou “Oh, cão...Deixa-me sozinho por um momento, está bem?”. Impassível, Átila ficou sentado à sua frente, com os olhos colados ao amigo.

O desaparecimento de Átila criou uma comoção no *bungalow*. “Eu não te disse”, disse a mãe, “para o trancares? Agora, um ladrão levou-o. Que vergonha! Não podemos contar isto a ninguém.”

“Estás enganada” respondeu o defensor. “É apenas uma coincidência. Ele deve ter ido embora por sua conta. Se ele estivesse cá, nenhum ladrão se atreveria a entrar...”

“Seja como for, nem sei se não deveríamos agradecer ao ladrão por ter levado o cão. Pode ficar com as joias como recompensa por levá-lo. Retiramos a queixa na polícia?”

Esta brincadeira acabou uma semana depois e Átila subiu à classe de um herói. O filho mais velho da casa ia ao mercado, um dia. Viu o Átila na rua, a trotar atrás de alguém.

“Ei!” gritou o jovem, o que fez Ranga virar-se e desatar a correr. Átila, que sempre suspeitara que o seu novo amigo estava à espera da mínima oportunidade para lhe escapar, galopou atrás de Ranga.

“Ei, Átila!” gritou o jovem e começou também a correr. Átila queria responder à chamada depois de se certificar em relação ao seu amigo e, então, virou a cabeça por um segundo e galopou mais depressa. Ranga, desesperadamente, redobrou o ritmo. Átila resolveu que, fosse como fosse, não ia separar-se dele. Então, correu tão depressa que ultrapassou Ranga e lhe bloqueou a passagem, desastradamente, e Ranga tropeçou nele e caiu. Enquanto rebolava pelo chão, uma joia (que ele ia levar a um recetor de artigos roubados) voou da sua mão. O jovem reconheceu-a como sendo da irmã e sentou-se em cima de Ranga. Juntou-se uma multidão e a polícia apareceu no local.

Átila era o herói do dia. Até a dona da casa abrandou a sua atitude para com ele. Disse “Diga-se o que se disser, temos de admitir que ele é um detetive muito astuto. Não há palavras para ele.”

Ainda bem que Átila não possuía o dom da palavra. Caso contrário, teria irrompido num lamento que faria estilhaçar o pedestal onde se encontrava.

A PALAVRA DO MÉDICO

As pessoas procuravam-no quando o doente estava a dar as últimas. O Dr. Raman explodia com frequência “Porque é que não veio um dia mais cedo?”. A razão era óbvia – honorários de visita de vinte e cinco rupias e, mais do que isso, as pessoas gostavam de esquivar-se ao facto de que tinha chegado a hora de chamar o Dr. Raman; para eles, havia algo de agoirento nessa ligação. Assim, quando o grande homem entrava em cena havia sempre uma deliberação rápida, de um modo ou de outro. Não havia oportunidade para qualquer espécie de hesitação ou dissimulação. Os longos anos desta prática tinham criado no médico uma certa honestidade seca; por esse mesmo motivo, a sua opinião era valorizada; ele não era apenas um simples médico, mas um juiz proferindo um veredicto. A vida do doente estava suspensa nas suas palavras. Isto nunca preocupava desnecessariamente o Dr. Raman. Ele nunca acreditara que palavras agradáveis salvassem vidas. Não acreditava que fosse sua função proporcionar mentiras reconfortantes quando, inevitavelmente, a natureza lhes diria a verdade dentro de poucas horas. No entanto, quando vislumbrava o mínimo sinal de esperança, arregaçava as mangas e entrava na arena: podia levar horas ou dias, mas nunca recuava até ter arrancado o prémio das mãos de Yama¹⁷.

Hoje, de pé junto a uma cama, o médico sentiu que ele próprio necessitava de alguém que lhe dissesse mentiras tranquilizadoras. Limpou a fronte com o seu lenço e sentou-se numa cadeira, ao lado da cama. Na cama, estava o seu amigo mais querido: Gopal. Já se conheciam há quarenta anos, desde os seus dias de infantário. Não podiam, claro, encontrar-se tantas vezes como desejavam, cada um embrenhado na sua própria família e profissão. Ocasionalmente, num Domingo, Gopal entrava no consultório e esperava, pacientemente, num canto, até que o médico ficasse livre. E depois jantavam juntos, viam um filme e falavam das suas vidas e atividades. Era uma amizade clássica, que se mantinha intocada pelas mudanças dos tempos, circunstâncias e atividades.

Na sua ocupada ronda de trabalho, o Dr. Raman não tinha notado que Gopal não aparecia há mais de três meses. Só se lembrou quando viu o filho de Gopal sentado num banco, na sala do consultório, numa manhã sobrecarregada. O Dr. Raman não pôde falar com ele senão daí a mais de uma hora. Quando se levantou e ia a passar para a sala de operações, chamou o jovem e perguntou “Senhor, o que o traz por cá?” O jovem estava nervoso e envergonhado. “A mãe mandou-me cá.”

¹⁷ Divindade hindu considerada o senhor da morte e da justiça.

“O que posso fazer por si?”

“O Pai está doente...”

Era dia de operações e ele só ficou livre às três da tarde. Saiu, apressado, diretamente da clínica para a casa do seu amigo, em Lawley Extension¹⁸.

Gopal repousava na cama como que dormindo. O médico debruçou-se sobre ele e perguntou à sua mulher, “Há quanto tempo está de cama?”

“Um mês e meio, Doutor.”

“Quem o está a tratar?”

“Um médico na rua do lado. Vem cá uma vez de três em três dias e dá-lhe remédios.”

“Como se chama?” Nunca tinha ouvido falar dele. “Não o conheço mas quem me dera que tivesse tido a bondade de me avisar. Porquê? Por que não me chamaram mais cedo?”

“Pensámos que estivesse ocupado e não o quisemos incomodar desnecessariamente.” Estavam apologeticos e infelizes. Não havia tempo a perder. Tirou o casaco e abriu a sua maleta. Tirou de lá uma seringa; a agulha chiou sobre o fogão. A mulher do doente choramingou a um canto e preparou-se para fazer perguntas.

“Por favor, não faça perguntas” repreendeu o médico. Olhou para as crianças, que observavam o esterilizador, e disse “Mande-os para outro sítio, exceto o mais velho.”

Injetou a droga, sentou-se na sua cadeira e olhou para a cara do doente durante mais de uma hora. O doente ainda continuava imóvel. A cara do médico brilhava com transpiração e as pálpebras baixavam de fadiga. A mulher do doente estava de pé a um canto e observava, em silêncio. Perguntou timidamente “Doutor, faça-lhe um café?” “Não” respondeu ele, apesar de se sentir esfomeado, tendo perdido a refeição do meio-dia. Levantou-se e disse “Estarei de volta dentro de uns minutos. Não o incomodem, seja por que motivo for.” Pegou na sua maleta e foi para o carro. Um quarto de hora depois, estava de volta, acompanhado por um assistente e uma enfermeira. O médico disse à senhora da casa “Tenho de realizar uma operação.”

“Porquê, porquê? Porquê?” perguntou ela, debilmente.

¹⁸ Nome de um projeto habitacional na cidade (ficcional) de Malgudi.

“Dir-lhe-ei tudo em breve. Pode deixar aqui o seu filho para nos ajudar e ir até à casa do lado e ficar lá até que a chame?”

A senhora sentiu-se tonta e caiu ao chão, incapaz de suportar a tensão. A enfermeira cuidou dela e levou-a para fora.

Cerca das oito da noite, o doente abriu os olhos e mexeu-se um pouco na cama. O assistente ficou radiante. Exclamou com entusiasmo “Senhor, ele vai conseguir!”. O médico olhou para ele com frieza e murmurou “Dava tudo para o ver sobreviver mas o coração...”

“A pulsação melhorou, senhor.”

“Bem, bem” respondeu o médico. “Não confie nisso. É apenas um falso lampejo, muito comum nestes casos”. Ruminou durante algum tempo e acrescentou “Se a pulsação se mantiver até às oito da manhã, vai continuar durante os próximos quarenta anos, mas tenho muitas dúvidas que a vejamos depois das duas desta noite.”

Mandou embora o assistente e sentou-se ao lado do doente. Por volta das onze, o doente abriu os olhos e sorriu para o amigo. Mostrou uma ligeira melhoria e foi capaz de ingerir um pouco de alimento. Um grande sentimento de alívio e alegria percorreu os membros da família. Rodearam o médico, derramando a sua gratidão. Ele estava sentado no seu lugar, ao lado da cama, olhando severamente para a cara do doente, quase não dando sinais de ouvir o que lhe diziam. A mulher do doente perguntou “Agora está fora de perigo?” Sem virar a cabeça, o médico disse “Dêem-lhe glicose e *brandy* a cada quarenta minutos; duas colheres chegam.” A senhora foi à cozinha. Sentia-se inquieta. Sentia que tinha de saber a verdade fosse qual fosse. Porque razão era o grande homem tão evasivo? A incerteza era intolerável. Talvez ele não pudesse falar tão perto da cama do doente. Ela fez-lhe sinal da porta da cozinha. O médico levantou-se e aproximou-se. Ela perguntou “E ele? Como está?” O médico mordeu os lábios e respondeu, olhando para o chão, “Não se enerve. A menos que tenha mesmo de saber, não faça perguntas neste momento.” Os olhos dela arregalaram-se de terror. Juntou as mãos e implorou “Diga-me a verdade!”. O médico respondeu “Preferia não falar consigo neste momento”. Deu meia volta e regressou à sua cadeira. Um terrível pranto disparou pela casa quieta; o doente mexeu-se e olhou em volta, com assombro. O médico levantou-se outra vez, foi até à porta da cozinha, fechou-a firmemente e calou o choro.

Quando o médico retomou o seu lugar, o doente perguntou num murmúrio o mais fraco possível “É alguém a chorar?” O médico aconselhou “Não faças esforços. Não debes falar.”

Sentiu-lhe a pulsação. Já estava agitada pelo esforço. O doente perguntou “Vou-me? Não me enganes.” O médico fez um som depreciativo e voltou a sentar-se na cadeira. Nunca antes enfrentara uma situação assim. Não era da sua natureza dourar a pílula. As pessoas valorizavam a sua palavra por isso. Lançou um olhar furtivo ao outro. O doente acenou com um dedo para ele se aproximar e murmurou “Tenho de saber quanto tempo vou durar. Tenho de assinar o testamento. Está tudo pronto. Pede à minha mulher a caixa dos documentos. Tens de assinar como testemunha.”

“Oh!” exclamou o médico. “Estás a esforçar-te demais. Tens de estar mais sossegado”. Sentiu-se idiota ao repeti-lo. “Que bom seria”, refletiu, “deixar tudo isto e fugir para qualquer lado sem responder a nenhuma questão!” O doente apertou o pulso do médico com os dedos fracos e disse “Ramu, é uma sorte para mim estares aqui neste momento. Posso confiar na tua palavra. Não posso deixar o meu património desorganizado. Isso iria significar uma miséria infundável para a minha mulher e os meus filhos. Sabes tudo sobre Subbiah e o seu bando. Deixa-me assinar antes que seja tarde de mais. Diz-me...”

“Sim, em breve” respondeu o médico. Foi até ao seu carro, sentou-se no banco traseiro e ponderou. Olhou para o seu relógio. Meia-noite. Se o testamento ia ser assinado, tinha de o ser durante as próximas duas horas, ou nunca. Não podia ser responsável por uma confusão aqui; conhecia demasiado bem os assuntos da família e aqueles lobos, Subbiah e o seu bando. Mas o que poderia fazer? Se lhe pedisse para assinar o testamento, tal iria, praticamente, significar uma sentença de morte e iria destruir a milésima fração de hipótese que o doente tinha de sobreviver. Desceu do carro e entrou. Retomou o seu lugar na cadeira. O doente estava a olhar para ele, num apelo. O médico disse para si próprio “Se as minhas palavras puderem salvar a sua vida, não morrerá. O testamento que vá para o inferno.” Chamou “Gopal, ouve.” Esta era a primeira vez que ele ia representar em frente a um doente, simular um sentimento e esconder a sua opinião. Inclinou-se sobre o doente e disse, com uma ênfase deliberada “Não te preocupes agora com o testamento. Vais viver. O teu coração está perfeitamente são.” Um brilho novo espalhou-se pela cara do doente ao ouvir isto. Perguntou em tom de alívio “Achas que sim? Se vem da tua boca deve ser verdade...” O médico disse “É certo. Estás a melhorar a cada segundo. Dorme em paz. Não te debes esforçar seja por que motivo for. Tens de dormir descansado. Venho ver-te de manhã.” O doente olhou para ele por um momento, com gratidão, e depois fechou os olhos. O médico pegou na sua maleta e saiu, fechando suavemente a porta atrás de si.

A caminho de casa, parou um momento no hospital, chamou o seu assistente e disse “Aquele caso em Lawley Extension. Espera-se o colapso a qualquer momento. Vá até lá com uma seringa de ----- e aplique-a, no caso de a luta ser demasiado difícil no final. Rápido.”

Na manhã seguinte, estava de volta a Lawley Extension às dez horas. Apressou-se do carro até à cama enferma. O doente estava acordado e tinha muito boa aparência. O assistente informou que a pulsação era satisfatória. O médico pôs o seu estetoscópio sobre o coração dele, escutou um pouco e disse à mulher do doente “Não esteja tão infeliz, senhora. O seu marido vai viver até ter noventa anos.” Quando regressavam ao hospital, o assistente sentado ao seu lado no carro perguntou “Senhor, ele vai sobreviver?”

“Aposto que sim. Vai viver até ter noventa anos. Ele virou a esquina. Como sobreviveu a este ataque será um enigma para mim durante toda a minha vida!” respondeu o médico.

O MACHADO

Um astrólogo, de passagem pela aldeia, previu que Velan iria viver numa casa de três andares rodeada por muitos hectares de jardim. Com isto, toda a gente rodeou o jovem Velan e gozou com ele. Pois Koppal não tinha uma família mais esfarrapada e miserável do que a de Velan. O seu pai tinha hipotecado todos os bocadinhos de propriedade que possuía e trabalhava, com toda a sua família, em terras alheias, em troca de uns *annas* por semana... Uma casa de três andares para Velan, pois sim!... Mas os trocistas teriam felicitado o astrólogo se tivessem visto Velan trinta ou quarenta anos mais tarde. Ele tornou-se o único ocupante de Kumar Baugh – aquela casa palaciana nos arredores da cidade de Malgudi.

Quando tinha dezoito anos, Velan saiu de casa. O seu pai bateu-lhe na face, um dia, por ter chegado tarde com a refeição do meio-dia e fê-lo na presença de outros, no campo. Velan pousou a cesta, olhou fixamente para o seu pai e abandonou o local. Simplesmente saiu da aldeia e andou, andou, até que chegou à cidade. Passou fome durante um par de dias, mendigou sempre que podia e chegou a Malgudi, onde, depois de bater a muitas portas, um homem o empregou para o ajudar a montar um jardim. Um que existia apenas na mente do jardineiro. O que se podia ver agora era hectare após hectare de terra coberta por ervas daninhas. A principal ocupação de Velan consistia em destruir toda a vegetação que via. Dia após dia, sentava-se ao sol e arrancava à mão as plantas indesejadas. E gradualmente toda a selva desapareceu e a terra ficou tão despida quanto um campo de futebol. Três dos lados da terra estavam marcados para um extenso jardim e no resto era para ser construída uma casa. Quando as mangas já tinham rebentado, estavam a colocar as fundações da casa. Quando o rebento da margosa tinha já crescido um par de metros, as paredes iam crescendo também.

As flores – o hibisco, os crisântemos, o jasmim, as rosas e os balizeiros – no parque dianteiro, subitamente, criaram uma terra de maravilhas, num verão antecipado. Velan tinha de competir com os pedreiros. Era agora o jardineiro principal, pois o velhote a quem tinha vindo ajudar tinha subitamente adoecido. Velan estava orgulhoso da sua posição e responsabilidade. Observava atentamente o progresso dos pedreiros e murmurava para as plantas enquanto as regava “Vá, jovens, façam boa figura. O edifício sobe, sobe, todos os dias. Se fica pronto e nós não, vamos ser o alvo de troça da cidade.” Ele empilhava estrume, arejava as raízes, aparava os ramos e regava as plantas duas vezes por dia e, no geral, dava a impressão de apressar a natureza; e a natureza parecia responder. Pois, de facto, ele

apresentou ao seu patrão e à sua família um jardim de bom tamanho, quando eles vieram ocupar a casa.

A casa exibia orgulhosamente uma cúpula. Varandas com intrincados relevos em madeira pendiam dos lados da casa; pilares redondos e lisos, varandas fundas, chãos de mármore xadrez e salas espaçosas que se sucediam umas atrás das outras e davam à casa uma tal aparência imponente que Velan se questionou “Pode um qualquer mortal viver aqui? Pensava que tais mansões existiam apenas em *Swarga Loka*¹⁹.” Quando viu a cozinha e a sala de jantar, disse “Ora, a nossa aldeia podia ser toda acomodada só neste sítio das refeições!” O assistente do construtor disse-lhe “Nós já construímos casas maiores, coisas que custam quase dois *lakhs*²⁰. O que é esta casa? Nem custou um *lakh* de rupias ao seu patrão. É só um pouco mais do que uma casa normal, apenas isso...” Depois de voltar para a sua cabana, Velan sentou-se durante muito tempo, tentando compreender a visão, o alcance e os cálculos dos construtores da casa, mas sentiu-se atordoado. Foi até à margosa, agarrou o seu caule com os dedos e disse “Mais nada, sua magricela? E se abanasses a tua cabeça bem acima da minha? Posso rodear-te com os meus dedos e abanar-te assim. Cresce, pequenita, cresce. Alarga. Tem um tronco que dois pares de braços não consigam abraçar e cresce e estende-te. Sê digna de estar ao lado deste palácio; senão vou arrancar-te.”

Quando a margosa se aproximou da sua visão, a casa tinha adquirido uma aparência mais madura. Sucessivos verões e monções tinham roubado as tintas das portas e das janelas, o brilho dos relevos em madeira e as cores originais das paredes e tinham colocado no seu lugar tons e sombras à sua escolha. E embora a casa tivesse perdido a sua resplandecência, agora tinha um ar mais humano. Centenas de papagaios, de mainás e de aves sem nome viviam nos ramos da margosa e, sob a sua sombra, os bisnetos e os netos (mais novos) do dono brincavam e brigavam. O dono andava por ali apoiado num bordão. A senhora da casa, que parecera uma criatura tão viçosa no dia da inauguração, estava encolhida e grisalha e passava a maior parte do tempo numa cadeira de rodas na varanda, olhando para o jardim, com o olhar parado. O próprio Velan estava muito mudado. Agora, tinha de depender cada vez mais dos seus assistentes para manter o jardim em forma. Tinha perdido os seus pais, a sua mulher e oito de catorze filhos. Tinha conseguido recuperar os seus bens ancestrais, que agora eram

¹⁹ Expressão que designa um plano celestial ou Céu.

²⁰ O *lakh* é uma medida indiana e corresponde a cem mil.

cuidados pelos seus genros e filhos. Ia à aldeia para o *Pongal*²¹, o Ano Novo e o *Deepavali*²² e trazia de volta consigo um ou outro dos seus netos, de quem gostava muitíssimo.

Velan estava perfeitamente satisfeito e feliz. Não exigia mais nada da vida. Tanto quanto conseguia perceber, as pessoas da casa grande também pareciam igualmente em paz com a vida. Não se via qualquer motivo por que estas coisas boas não pudessem continuar para sempre. Mas a Morte espreitava à esquina. Dos alojamentos dos empregados, chegaram ao jardineiro, na sua cabana, rumores de que o amo estava muito doente, de cama, no seu quarto, no piso inferior (o quarto no piso superior, tão arduamente planeado, tivera que ser abandonado com o avançar da idade). Médicos e visitantes iam e vinham constantemente e Velan teve de estar, mais do que nunca, de guarda contra os “arrancadores de flores”. Numa meia-noite, foi acordado e informado de que o amo estava morto. “O que vai acontecer ao jardim e a mim? Os filhos não prestam” pensou ele, de imediato.

E os seus receios provaram não ser inteiramente infundados. Os filhos não prestavam, de facto. Ficaram mais um ano, brigaram entre eles e foram-se embora para viver noutra casa. Um ano mais tarde, outra família entrou como inquilina. No instante em que viram Velan, disseram “Um velho jardineiro? Não se ponha com estratagemas. Conhecemos o seu tipo. Pomo-lo na rua se não se comportar”. Velan achou a vida intolerável. Estas pessoas não tinham qualquer consideração por um jardim. Andavam nos canteiros, as crianças subiam às árvores de fruto e arrancavam as frutas ainda verdes e escavavam covas nas veredas do jardim. Velan não tinha coragem para protestar. Davam-lhe ordens, mandavam-no fazer recados, faziam-no lavar a vaca e davam-lhe sermões sobre como tratar de um jardim. Ele detestava tudo isto e pensava frequentemente em largar o trabalho e regressar à sua aldeia. Mas a ideia era insuportável: ele não conseguia viver longe das suas plantas. Contudo, a sorte logo o favoreceu. Os inquilinos partiram. A casa ficou fechada durante alguns anos. Ocasionalmente, um dos filhos do falecido dono aparecia e inspecionava o jardim. Gradualmente, até isto acabou. Deixaram as chaves da casa com Velan. Ocasionalmente, um possível inquilino aparecia, pedia para abrirem a casa e ia-se embora, depois de comentar que estava em ruínas – o estuque caía em lascas, a tinta das portas e janelas permanecia apenas em pequenos fragmentos e formigas brancas estavam a comer todos os armários e prateleiras... Um ano mais tarde, apareceu outro inquilino e depois outro e depois um terceiro. Ninguém ficou durante mais de alguns meses. E depois a casa adquiriu a reputação de estar assombrada.

²¹ Festa tradicional, aquando das colheitas, em janeiro.

²² Festa religiosa, em outubro, também conhecida como o *festival das luzes*.

Até os donos perderam o costume de aparecer e ver a casa. Velan era agora praticamente o senhor da casa. As chaves estavam com ele. Estava também a envelhecer. Apesar de dar o seu melhor, a relva crescia nas veredas, as ervas daninhas e as trepadeiras sufocavam as flores, no jardim da frente. As árvores de fruto forneciam a sua carga pontualmente. Os donos arrendaram todo o jardim de árvores de fruto por três anos.

Velan estava demasiado velho. A sua cabana deixava entrar a água e ele não tinha energia para colocar um novo telhado de colmo. Então, mudou a sua residência para a varanda da frente da casa. Era uma varanda larga, que corria ao longo de três lados da casa, pavimentada com mármore xadrez. O velho homem não via qualquer razão para não viver ali. Tinha tanto direito a isso como os morcegos e os ratos.

Quando lhe dava para isso (uma vez por ano, mais ou menos), abria a casa e mandava varrer e esfregar o chão. Mas, gradualmente, desistiu deste costume. Estava velho demais para se preocupar com estas coisas.

Passaram anos e anos sem qualquer alteração. Veio a ser conhecida como a ‘Casa Fantasma’ e as pessoas evitavam-na. Velan não via motivos para reclamar da situação. Convinha-lhe excelentemente. Uma vez em cada três meses, mandava o filho à família, na cidade, para ir buscar o seu salário. Não havia razão para que isto não tivesse continuado indefinidamente. Mas um dia um carro fez soar a buzina, colérica, ao portão. Velan foi coxeando, com as chaves.

“Tem as chaves? Abra o portão!” ordenou alguém, no carro.

“Há um pequeno portão lateral” disse Velan, humildemente.

“Abra o portão grande para o carro!”

Velan teve de ir buscar uma pá e limpar a vegetação que tinha bloqueado a entrada. Os portões abriram sobre dobradiças ferrugentas, rangendo e resmungando.

Abriram todas as portas e janelas, percorreram a casa com atenção, examinando cada bocado e comentaram “Reparou na fenda da cúpula? As paredes também estão rachadas... Não há outra solução. Se derrubarmos as velhas ruínas com cuidado, talvez ainda possamos usar alguns dos materiais, embora não esteja convencido de que as partes de madeira não estejam ocas por dentro... Só Deus sabe que loucura é responsável pela construção de casas assim.”

Deram uma volta ao jardim e disseram “Temos de limpar todos os bocadinhos desta selva. Tudo isto tem de desaparecer...” Alguém importante olhou para Velan de cima a baixo e disse “Presumo que seja o jardineiro? Não temos grande uso para um jardim agora. Todas as árvores, exceto uma meia dúzia mesmo nos limites da propriedade, têm de desaparecer. Não podemos permitir o desperdício de espaço. Este jardim de flores... Hum, é... antiquado e rude e, para além disso, a zona da frente do local é demasiado valiosa para ser desperdiçada...”

Uma semana mais tarde, um dos filhos do seu velho amo apareceu e disse a Velan “Tens de voltar para a tua aldeia, velhote. A casa está vendida a uma empresa. Eles não vão fazer um jardim. Vão cortar até as árvores de fruto; vão oferecer uma compensação ao arrendatário; vão destruir o jardim e demolir a casa, também. Vão construir imensas casas pequenas, sem deixar espaço nem sequer para uma folha de erva.

Havia muito alvoroço e atividade, muito ir e vir, e Velan retirou-se para a sua velha cabana. Quando se sentia cansado, deitava-se e dormia; outras vezes, andava pelo jardim e olhava fixamente para as suas plantas. Deram-lhe quinze dias para sair. Cada momento desse tempo lhe parecia precioso e teria ficado até ao último segundo com as suas plantas, não fora o som de um machado, que o acordou da sua sesta, à tarde, dois dias depois de ter recebido o aviso. O som enfadonho de uma lâmina em contacto com uma superfície dura chegou aos seus ouvidos. Levantou-se e saiu apressadamente. Viu quatro homens golpeando o tronco maciço da velha margosa. Deixou escapar um grito: “Parem com isso!” Pegou no seu bordão e correu para aqueles que estavam a cortar. Estes facilmente evitaram o golpe que ele planeava. “O que se passa?” perguntaram.

Velan chorava. “Esta é minha filha. Plantei-a. Via-a crescer. Amei-a. Não a cortem...”

“Mas são as ordens da empresa. O que podemos fazer? Seremos despedidos, se não obedecermos, e outra pessoa o fará.”

Velan pensou durante algum tempo e disse “Podem ao menos fazer-me este favor? Dêem-me algum tempo. Vou fazer a minha trouxa e vou-me embora. Depois de eu ter saído, façam o que quiserem”. Eles pousaram os seus machados e esperaram.

Passado pouco tempo, Velan saiu da sua cabana com uma trouxa em cima da cabeça. Olhou para os lenhadores e disse “São muito gentis para um velho. São muito gentis por terem esperado”. Olhou para a margosa e limpou os olhos. “Irmãos, não comecem a cortar até eu estar longe, muito longe.”

Os lenhadores acocoraram-se no chão e observaram o velho a ir embora. Quase meia hora depois, a sua voz veio de longe, meio indistinta: “Não cortem ainda. Ainda consigo ouvir. Por favor, esperem até eu estar mais distante”.

NAGA

O rapaz tirou a tampa do cesto de vime redondo, ficou a olhar para a cobra enrolada lá dentro e disse então “Naga, espero que estejas morto, para que possa vender a tua pele aos fazedores de carteiras; pelo menos assim podes tornar-te útil.” Empurrou-o com um dedo. Naga levantou a cabeça e olhou em redor com um espanto enfadado. “Tornaste-te preguiçoso demais, até para abrir o capelo... Não és uma cobra. És uma minhoca. Sou um encantador de cobras tentando exhibir-te e ganhar a vida. Não admira que tantas vezes tenha de ficar na paragem do autocarro, fingir ser cego e mendigar. O problema é que ninguém te quer ver, ninguém te tem respeito e ninguém tem medo de ti e sabes o que isso significa? Morro à fome, mais nada.”

Sempre que o rapaz aparecia à porta da rua, os donos das casas enxotavam-no para fora. Ele tinha visto o seu pai trabalhar sob condições semelhantes. O seu pai subiria os degraus da casa, indiferente à desaprovação, instalar-se-ia com o seu cesto e faria o seu número, sem ligar ao que diziam. Tiraria do saco a sua flauta de cabaça e tocaria a melodia da serpente, uma e outra vez, até que o seu tom estridente, de fazer doer os ouvidos, induzisse torpor e fizesse as pessoas escutar o seu preâmbulo: “No meu sonho, o Deus Shiva apareceu e disse ‘Vai e enfia a tua mão naquela fenda no chão do meu santuário.’ Como todos sabem, Shiva é o Senhor das Cobras, com as quais ata as suas tranças e o seu capelo cobre a Sua cabeça; o grande Deus Vishnu descansa nos anéis de Adi-Shesha, a serpente mais poderosa, que também suporta, nas suas mil cabeças, este Universo. Pensem nos braceletes da Deusa Parvathi! Outra vez, pequenas e elegantes serpentes. Como podemos pensar que somos mais sábios do que os nossos deuses? A serpente é uma parte do ornamento de um deus e não uma criatura vulgar. Obedeci à ordem de Shiva – à meia-noite, saí e pus o braço dentro da cova da serpente.”

Neste momento, o seu público estremecia e alguém perguntava “Foste mordido?”

“É claro que fui mordido, mas, ainda assim, aqui me vês, porque o mesmo deus ordenou “Encontra essa erva que cresce no muro do velho forte.” Não, não vou mencionar o seu nome, mesmo que me ofereçam uma mão cheia de moedas de ouro.”

“O que fizeste com a erva?”

“Mastiguei-a; a partir daí, nenhum veneno poderia entrar no meu sistema. E este terrível companheiro dentro do cesto mergulhou as presas no meu braço como se fosse um bebé a

morder o seio da mãe, mas eu ri-me e puxei-o para fora e, com um bocado de pedra, destruí as presas que o faziam tão arrogante; e então ele percebeu que eu era apenas um amigo, alguém que lhe desejava o bem e não houve problemas depois disso. Afinal, o que é uma serpente? Uma alma grandiosa, num estado de penitência, à espera de voltar para o seu mundo divino. É tudo, meus senhores.”

Depois deste discurso, o seu pai abriria subitamente a tampa do cesto e tocaria de novo a flauta e a serpente levantar-se-ia como que por resultado de uma mola, olhando em redor e oscilando um pouco; as pessoas ficariam aterrorizadas e enojadas, mas, ainda assim, cativadas. No final da atuação, davam-lhe moedas e arroz e, por vezes, também uma velha camisola e, ocasionalmente, ele batalhava por um ovo, se visse uma galinha por perto; agarrando Naga pelo pescoço, deixava o ovo deslizar pela sua garganta, para delícia dos espectadores. Então, arrumava as coisas e repetia o espetáculo na rua seguinte ou no mercado e, quando tivesse reunido comida e dinheiro suficientes, regressava à sua cabana, ao lado da parede do parque, à sombra de um grande tamarindo. Cozinhava o arroz e alimentava o filho e dormiam no exterior da cabana, sob as estrelas.

O rapaz havia seguido o seu pai desde que conseguia andar e, quando atingiu os dez anos, o pai deixou-o manejar Naga e arengar para o seu público, no seu próprio estilo. O seu pai dizia muitas vezes “Não podemos deixar de dar dois ovos por semana a Naga. Quando ficar velho, irá encolher a cada dia; um dia, vão crescer-lhe asas e voará para longe; e sabes que, nessa altura, ele vai cuspir o veneno das suas presas sob a forma de uma joia brilhante e que, se a possuíres, podes tornar-te um rei?”

Um dia em que o rapaz tinha ficado na cabana, por preguiça, reparou num pequeno macaco brincando entre os ramos do tamarindo e observou-o, de boca aberta, tal o espanto, sem sequer reparar que o pai chegara a casa.

“Rapaz, estás a olhar para onde? Toma, come isto” disse o pai, dando-lhe um pacote de doces. “Deram-mo naquela casa grande, onde está a decorrer uma festa qualquer. Hoje, Naga dançou maravilhosamente ao som da flauta. Já percebe todo o nosso discurso. No final da dança, ergueu-se sobre a ponta da sua cauda, a seis pés de altura, abriu o capelo, silvou e desbaratou toda uma multidão. Mas aquela gente gostou e deram-me dinheiro e doces.” O pai parecia feliz, enquanto abria a tampa do cesto. A cobra levantou a cabeça. O pai segurou-a pelo pescoço, empurrou um bocado de doce por entre as maxilas e observou-o a descer. “Ele

agora é da família e deve aprender a comer o que nós comemos” disse. Depois de fazer descer o doce, Naga baixou-se e enrolou-se e o homem voltou a colocar a tampa.

O rapaz mastigou o doce com os olhos ainda presos no macaco. “Pai, quem me dera ser um macaco. Nunca desceria da árvore. Olha como ele mordisca tanta fruta do tamarindo... Ei, macaco, dá-me um fruto!” gritou ele.

O homem achou graça e disse “Isto não é maneira de fazeres amizade com ele. Devias dar-lhe algo para comer e não pedir-lhe para te alimentar.”

Ouvindo isto, o rapaz cuspiu o seu doce, limpou-o com a blusa, levantou-o e gritou “Anda cá, macaco! Aqui!”

O pai disse “Se lhe chamas ‘macaco’, ele nunca vai gostar de ti. Tens de dar-lhe um nome simpático.”

“O que é que lhe devemos chamar?”

“Rama, o nome do mestre de Hanuman, o Macaco Divino. Os macacos adoram esse nome.”

O rapaz chamou de imediato “Rama, aqui, toma.” Agitou os braços, segurando no doce, e o macaco, de facto, parou as suas intermináveis palhaçadas e reparou nele. O rapaz abraçou-se ao tronco da árvore, içou-se e, cuidadosamente, colocou o doce na superfície plana de um ramo bifurcado; o macaco observou, espantado, de olhos esbugalhados. O rapaz deslizou de volta ao chão e esperou, ansioso, que o macaco descesse e aceitasse a oferta. Enquanto ele observava e o macaco debatia consigo próprio, apareceu um corvo, vindo não se sabe de onde, e levou o doce. O rapaz guinchou uma praga.

O pai exclamou “Ei! O quê? Onde é que aprendeste esta palavra feia? Nenhum macaco te respeitará se pronunciares palavras más.” Finalmente, quando o pequeno macaco desceu, tentado por outro bocado de doce, o pai agarrou-o habilmente pelo pulso, segurando-o com firmeza pelo pescoço, para evitar as suas dentadas.

Quinze dias de fome, ameaças, adulação e de pendurar fruta em frente aos olhos do macaco ensinaram-lhe o que esperavam dele. Primeiro, deixou de tentar morder ou arranhar. Depois, percebeu que a sua missão na vida era agradar ao seu senhor, atuando. A uma ordem

do seu senhor, ele podia demonstrar como Hanuman, o Macaco Divino de *Ramayana*²³, andava para cima e para baixo, com a cauda flamejante, e incendiou a capital de Ravana²⁴; como uma nora, de uma aldeia oprimida, entraria em casa, carregando na cabeça um cântaro de água; como uma recém-casada cumprimentaria o seu amado (tagarelar, pestanejar, levantar a sobrancelha e sorrir); e, finalmente, o que lhe era natural – dar cambalhotas e fazer acrobacias no cimo de uma estaca de bambu. Quando Rama estava preparado para aparecer em público, o seu senhor levou-o a um alfaiate itinerante, seu amigo, e mandou-o medir para um casaco com folhos, que deixava a cauda de fora, e um chapéu de bobo que se segurava com uma fita por baixo do seu pequeno queixo. Rama tentava constantemente empurrar o chapéu para trás e arrancá-lo, mas, sempre que o tentava, era castigado com uma chibata e rapidamente se resignou a usar o seu uniforme, até ao final do dia. Quando o seu senhor lhe despia as roupas, o macaco executava cambalhotas de puro alívio.

Rama tornou-se popular. As crianças da escola gritavam de alegria quando o viam. Os donos das casas acenavam-lhe para entrar e distrair uma criança chorosa. Ele atuava de forma competente, ganhava dinheiro para o seu senhor e amendoins para si próprio. Eram-lhe oferecidas, como presentes, roupas de bebé que já não serviam. A equipa pai-filho começava cada dia, o rapaz com o macaco em cima do ombro e o cesto da cobra a ser transportado pelo pai, a alguma distância – pois o macaco rangia os dentes e encolhia-se, a sua face desfigurada pelo medo, sempre que a cobra sibilava e se levantava. Enquanto o rapazinho mostrava os truques do macaco a um grupo, conseguia ouvir, à distância, a flauta do seu pai. Nas feiras semanais, nas aldeias circundantes, eram um par habitual e tornaram-se prósperos o suficiente para apanhar o autocarro para casa, no final do dia. Às vezes, quando entravam no autocarro, um passageiro tímido perguntava “O que é que acontece se a cobra sair?”

“Não há perigo. A tampa está protegida com uma corda” respondia o pai.

Havia sempre alguém entre os passageiros que comentava “Uma cobra só se mete com alguém quando lhe pisam a cauda.”

“Mas este macaco?” dizia outro passageiro. “Sabe Deus o que ele vai armar!”

“Ele é gentil e sábio” dizia o pai e oferecia uma pequena gorjeta para ganhar a benevolência do motorista.

²³ Poema épico, em sânscrito; uma das mais importantes obras literárias da Índia antiga.

²⁴ No épico hindu, *Ramayana*, Ravana era o principal adversário, o rei dos demónios.

Viajavam amplamente, atuando em todas as feiras, e ganharam dinheiro suficiente para se permitirem um almoço ocasional num restaurante. O pai do rapaz deixava-o sozinho, ao anoitecer, dizendo, “Fica. Tenho uma dor no estômago; vou buscar um remédio para isto e volto” e voltava à noite, já tarde, cambaleando. O rapaz sentia medo do pai nestes momentos e, deitado na sua esteira, com o macaco preso a uma estaca ali perto, fingia estar a dormir. O pai pontapeava-o e dizia “Levanta-te, porco preguiçoso. A dormir, quando o teu pai, que labuta por ti todo o dia, volta para casa para falar contigo. Não és meu filho, és um bastardo.” Mas o rapaz não se mexia.

Uma noite, o rapaz adormeceu mesmo e acordou, de manhã, percebendo que o pai não estava. O macaco também desaparecera. “Devem ter ido embora juntos” choramingou ele. Andou de um lado para o outro e chamou “Pai!” várias vezes. Então, espreitou para dentro da cabana e encontrou o cesto redondo intacto, no seu canto. Reparou numas moedas na tampa do cesto e sentiu-se satisfeito quando as contou e descobriu oitenta *paisa*²⁵ em moedas pequenas. “Deve ser tudo para mim” disse para si próprio. Sentiu-se promovido à maioridade, mexendo em tanto dinheiro. Sentiu-se rico mas também confuso quanto às táticas do pai. Desde que se conseguia lembrar, nunca tinha acordado sem encontrar o pai a seu lado. Tinha um pressentimento de que não ia mais ver o pai. O pai jamais, em tempo algum, sairia sem dizer ao que ia – um banho na torneira da rua, ou procurar um remédio para a ‘dor no estômago’, ou fazer algumas compras.

O rapaz levantou a tampa do cesto para se assegurar de que, pelo menos, a cobra estava ali. Levantou-se logo que a tampa foi retirada. Ele olhou para ela e ela olhou para ele por um momento. “Agora sou o teu senhor. Porta-te bem.” Como que percebendo a mudança de circunstâncias, a cobra expôs a língua bifurcada e abriu um pouco o capelo. Ele fê-la baixar-se, dando-lhe pancadinhas com o dedo, dizendo “Para baixo. Ainda não.” Valeria a pena esperar que o pai aparecesse? Tinha fome. Perguntou-se se seria apropriado comprar o seu pequeno-almoço com as moedas deixadas na tampa do cesto. Se o pai, de repente, voltasse, iria bater-lhe por ter tirado o dinheiro. Voltou a colocar a tampa sobre a cobra, pôs as moedas sobre a tampa, tal como as tinha encontrado, e sentou-se à entrada da cabana, olhando vagamente para o tamarindo e suspirando pelo seu macaco, que teria apresentado travessuras novas e inesperadas logo pela manhã. Alcançou um pequeno saco de pano, em que estavam guardadas uma variedade de nozes e grãos fritos, para alimentar o macaco. Abriu o saco, examinou o conteúdo, pôs uma mão-cheia na boca e mastigou: “Sabe tão bem. Bem demais

²⁵ Unidade monetária, comum a vários países; na Índia equivale a 3 *pie*.

para um macaco, mas o Pai vai...” O pai dava-lhe sempre na cabeça quando o apanhava a comer as nozes que eram para o macaco. Hoje sentiu-se livre para remoer as nozes, embora preocupado, não fosse o pai lembrar-se subitamente e voltar para buscar a comida do macaco. Encontrou a flauta de cabaça no sítio habitual, metida no teto de palha. Agarrou-a e soprou por entre as suas canas, sentindo-se satisfeito por conseguir tocar tão bem como o pai e por o público não ir notar diferença; mas isto fê-lo tossir um pouco e respirar com dificuldade. As notas agudas atraíram a atenção das pessoas que passavam pela cabana, na sua maioria trabalhadores que carregavam pás e picaretas e mulheres que carregavam cestos, que abanaram a cabeça em aprovação e comentaram “Um verdadeiro filho do seu pai.” Toda a gente falou com ele. Todos o conheciam naquela colónia de cabanas, que tinha crescido em redor da fonte de água. Todos os esforços do município para expulsar estes cidadãos tinham sido em vão; as cabanas apareciam com a mesma frequência com que eram destruídas e, quando os conselheiros municipais perceberam a concentração de poder de voto nesta colónia, deixaram os ocupantes em paz, exceto quando algum V.I.P. de Deli passava por ali; nessa altura, pediam-lhes que ficassem fora de vista, atrás da parede do parque, até que o eminente homem tivesse passado no seu carro.

“Porque é que ainda não saíste?” perguntou uma mulher.

“O meu pai não está aqui,” disse o rapaz, pateticamente. “Não sei onde foi.” Soluçou um pouco.

A mulher pousou o seu cesto, sentou-se a seu lado e perguntou “Tens fome?”

“Eu tenho dinheiro,” disse ele.

Ela afagou-lhe a cabeça e disse “Ah, pobre criança! Conheci a tua mãe. Era uma boa rapariga. Ter-te deixado assim, sem rumo, e ir para o céu!” Apesar de não ter qualquer recordação da sua mãe, à sua menção as lágrimas desceram-lhe pelas bochechas e ele lambeu-as, no canto da boca, saboreando. A mulher disse subitamente “O que vais fazer agora?”

“Não sei” disse ele. “Esperar até que o meu pai venha.”

“Criança tonta e desgraçada. O teu pai foi-se.”

“Aonde?” perguntou o rapaz.

“Não me pergunte a mim” disse a mulher. “Falei com um homem que o viu ir. Viu-o entrar no autocarro, de manhã cedo, o que sobe às montanhas, e aquela rameira de sari azul estava com ele.”

“E o macaco?” perguntou o rapaz. “Não regressa?”

Ela não tinha resposta para esta questão. Entretanto, um homem que vendia bolos de arroz num tabuleiro de madeira apregoava os seus produtos no final do trilho. A mulher chamou-o, com voz aguda, e ordenou “Vende dois *idlies*²⁶ a esta pobre criança. Dá-lhe dos frescos, não dos de ontem.”

“Os de ontem não estão disponíveis nem por um bocado de ouro” disse o homem.

“Dá-lhe o dinheiro” disse ela ao rapaz. O rapaz entrou a correr na cabana e trouxe algum dinheiro. A mulher pediu ao vendedor “Dá-lhe mais qualquer coisa em troca do dinheiro.”

“Que mais?” resmungou ele.

“É uma pobre criança.”

“Como outras. O que posso fazer? Porque é que não vendes os teus brincos e o ajudas? Irei à falência se der ouvidos a pessoas como tu e começar a dar mais por menos dinheiro.” Apanhou o dinheiro e seguiu em frente. Antes de ele ter chegado à terceira cabana, já o rapaz tinha despachado os *idlies* – tão fofos e pungentes, com um molho picante espalhado por cima.

O rapaz sentiu-se mais em paz com o mundo neste momento e capaz de enfrentar os seus problemas. Depois de se ter assegurado de que ele tinha comido bem, a mulher levantou-se para se ir embora, resmungando “Rameira horrorosa, seduzir um homem para longe desta criança.” O rapaz ficou sentado e meditou sobre as palavras dela. Embora não desse sinais disso, sabia quem era a rameira do sari azul. Ela vivia numa daquelas casas do outro lado da parede do parque e podia sempre ser encontrada, de pé, à porta, parecia ser ali um acessório. Quando a via, o seu pai abrandava o passo e dizia ao rapaz “Vai andando. Vou ter contigo.” Da primeira vez que aconteceu, depois de esperar na esquina da rua, o rapaz atou o macaco a um poste da luz e voltou à casa. Não encontrou nem o pai nem a mulher onde os tinha deixado. A porta da casa estava fechada. Levantou a mão para bater, mas conteve-se e sentou-se no degrau, interrogando-se. Pouco tempo depois, a porta abriu-se e o seu pai surgiu, com o

²⁶ Bolo tradicional da Índia, preparado à base de arroz.

cesto pendurado no ombro, como de costume; pareceu desagradado por ver o rapaz e ergueu a mão para lhe bater, resmungando “Não te disse ‘Vai andando’?” O rapaz evitou o golpe e correu rua abaixo, ouvindo o comentário da mulher do sari azul “Demónio malvado e malicioso, cheio de maldita curiosidade!” Mais tarde, o pai disse-lhe “Quando digo para ires, tens de obedecer.”

“O que é que fizeste lá?” perguntou o rapaz, tentando parecer e soar inocente, mas o homem disse severamente “Não podes fazer perguntas.”

“Quem é ela? Como se chama?”

“Oh, é uma parente” disse o homem. Para evitar perguntas curiosas, disse “Fui beber chá. Vais apanhar se fizeres mais perguntas, diabrete.”

O rapaz disse, como pensamento posterior, “Só voltei atrás pensando que podias querer que levasse o cesto”, ao que o pai respondeu severamente “Não há mais conversa. Tens de saber que ela é uma pessoa boa e adorável.” O rapaz não aceitou esta descrição da mulher. Ela tinha-lhe chamado nomes. Queria gritar, de bem alto, “Mulher ruim, ruim, ruim e nada adorável!” mas conteve-se. Sempre que passavam por ali outra vez, o rapaz apressava o passo, sem olhar para a esquerda ou para a direita, e esperava, pacientemente, que o pai se juntasse a ele, na esquina da rua. Ocasionalmente, o pai seguia o seu exemplo e passava sem olhar para a casa, se notasse, no lugar da mulher, um homem, de peito peludo, de pé, à porta, esfregando a pança.

O rapaz descobriu que conseguia tocar a flauta, manusear a cobra e alimentá-la também – tudo da forma como o pai costumava fazer. Também conseguia destruir as presas sempre que começavam a crescer. Ganhava o suficiente cada dia e, à medida que as semanas e os meses iam passando, ele ficou mais alto e a cobra tornou-se progressivamente indolente e flácida e raramente movia os seus anéis. O rapaz nunca deixou de suspirar pelo macaco. O pior golpe que o pai lhe infligira fora o rapto do seu macaco.

Quando passaram dias sem quaisquer ganhos, ele decidiu livrar-se da cobra, deitar fora a flauta de cabaça e fazer outra coisa para ganhar a vida. Talvez apanhar outro macaco e treiná-lo. Ele tinha observado o pai e sabia como fazê-lo. Um macaco em cima do ombro garantir-lhe-ia entrada em todo o lado, mesmo num palácio. Mais tarde, iria mantê-lo apenas como animal de estimação e procurar outra profissão. Começar como porteiro na estação de caminho-de-ferro – tantos comboios para vigiar em todas as horas – e talvez subir a um,

qualquer dia, e ir pelo mundo. Mas o primeiro passo seria livrar-se de Naga. Não tinha condições de procurar ovos e leite para ele.

Carregou o cesto da cobra até um local isolado junto do curso do rio, longe da habitação humana, onde uma cobra se podia movimentar em paz, sem ser morta assim que fosse vista. Nesse local isolado do bosque de Nallappa, havia muitas colinas, fendas e formigueiros. “Podias fazer a tua casa ali, em qualquer lugar, e os teus primos ficarão felizes por receber-te de volta” disse ele à cobra. “Deves aprender a ser feliz na tua própria casa. Tens de me esquecer. Tornaste-te inútil e temos de nos separar. Não sei onde foi o meu pai. Ele ter-te-ia mantido até te terem crescido asas e tudo o mais, mas eu não me importo.” Abriu a tampa do cesto, levantou a cobra e libertou-a. Ficou imóvel por um momento, então, levantou a cabeça, olhou para o mundo exterior sem interesse e começou a avançar lentamente, sem qualquer objetivo. Depois de algumas jardas em câmara lenta, voltou para trás, à procura do seu cesto. Imediatamente, o rapaz agarrou no cesto e atirou-o para longe, para fora do alcance da cobra. “Não vais a mais lado nenhum enquanto eu estiver por perto.” Virou a cobra, de frente para um formigueiro, e espicçou-a e depois começou a correr, a grande velocidade, na direção oposta. Parou a alguma distância, escondeu-se atrás de uma árvore e observou. A cobra estava a aproximar-se do declive de um formigueiro. Agora, o rapaz não tinha dúvidas de que Naga iria encontrar o buraco, no cimo, enfiar-se lá dentro e desaparecer da sua vida para sempre. A cobra rastejou até meio do monte, hesitou e depois deu a volta e veio, de novo, na sua direção. O rapaz praguejou “Oh, maldita cobra! Porque é que não voltas para o teu mundo e ficas lá? Não me voltas a encontrar.” Correu pelos bosques de Nallappa e parou para recuperar o fôlego. De onde estava, viu o seu Naga deslizar majestosamente pelo chão, brilhando como uma fita de prata sob o sol brilhante. O rapaz parou para dizer “Adeus”, antes de desaparecer. Mas ao olhar para cima, reparou num milhafre, de pescoço branco, vogando no céu azul. “Garuda” disse, com reverência. Como era costume, prestou-lhe homenagem, tocando nos olhos com as pontas dos dedos. Garuda era o veículo do Deus Vishnu e era sagrado. Fechou os olhos, numa breve oração à ave. “És um deus, mas eu sei que comes cobras. Por favor, deixa Naga em paz.” Abriu os olhos e viu o milhafre planando um pouco mais perto, a sua sombra quase seguindo o percurso da cobra letárgica. “Oh!” gritou. “Conheço o teu propósito.” Garuda faria o seu ataque e iria mergulhar no momento certo e espetar as suas garras no tonto do Naga, que tinha recusado o abrigo do formigueiro, e levá-lo-ia para seu jantar. O rapaz apressou-se a voltar para a cobra, recuperando o seu cesto pelo caminho.

Quando viu o cesto, Naga arrastou-se lá para dentro, como se voltasse a casa depois de uma cansativa atuação pública.

Eventualmente, Naga foi restituído ao seu canto, na cabana, ao lado da parede do parque. O rapaz disse à cobra “Se não te crescem asas depressa, espero que leves uma pancada na cabeça com um bastão de bambu, como acontece normalmente a qualquer cobra. Fica sabendo disto: Não te irei proteger para sempre. Vou estar longe, na estação de caminhos-de-ferro e, se saíres do cesto e te aventurares por aí, será o teu fim. Depois ninguém me pode censurar.”

GATO ESCONDIDO

Uma passagem conduzia ao quintal, onde um poço e um lavatório, debaixo de um grande tamarindo, serviam as necessidades dos variados inquilinos da casa antiga na Rua Vinayak Mudali; o dono da propriedade, dividindo e fragmentando todo o espaço disponível, tinha conseguido criar a ilusão de segurança e privacidade para os seus desafortunados inquilinos e espremia o máximo de renda a toda a gente, ele próprio ocupando uma estreita saliência rente à rua, onde tinha uma loja, que vendia, entre outras coisas, doces, lápis e fitas, a crianças que formigavam da escola municipal, do outro lado da rua. Quando trancava as portas, à noite, dormia atravessado em frente à porta, para que nenhum intruso pudesse passar sem primeiro tropeçar nele; também empilhava, astuciosamente, quatro latas vazias de querosene dentro da loja escura, para que, ao mais ligeiro contacto, tombassem de forma ruidosa: para ele, um alarme satisfatório contra ladrões.

Uma vez, à meia-noite, um gato, perseguindo um rato entre as sacas de cereais, na loja, reparou num jarro de latão no seu caminho e meteu a cabeça lá dentro por curiosidade. A boca do jarro não era estreita o suficiente para sufocar o gato, nem larga o suficiente para lhe permitir retirar a cabeça. Subitamente, sentindo, ao mesmo tempo, o peso de uma coroa e uma venda sobre os olhos, o gato ficou, primeiro, confuso e, depois, desesperado. Começou a saltar e a correr por ali, batendo ruidosamente com a cabeça em cada parede. O lojista, que tinha estado a dormir no sítio do costume, foi acordado pelo barulho na loja. Espreitou para o interior escuro por uma fenda, retirou rapidamente a cabeça e bradou, na noite, “Ladrão! Ladrão! Acudam!” Também agarrou num bastão de bambu e começou a bater com ele no chão, de forma desafiadora. De cada vez que o bastão descia, o gato coroadado pelo jarro dava um salto e batia com a cabeça encapuzada contra todos os objetos possíveis, perdendo completamente a sua sanidade. O grito do lojista acordou os seus inquilinos e trouxe-os para junto de si, numa multidão. Espreitavam pela fenda na porta e estremeciam cada vez que ouviam o som metálico no interior. Olharam lá para dentro uma e outra vez, tentando em vão descortinar, no escuro, a forma do fantasma e chegaram à conclusão “Oh, uma criatura demoníaca, impossível de descrever.” Alguém arriscou sugerir “Acordem o exorcista.” Entre a variada multidão encaixotada naquele cortiço, estava também um exorcista profissional. De momento, dormia profundamente, pois a sua parcela da casa ficava no extremo mais afastado.

Ele ganhava cinquenta rupias por dia sem deixar o seu cubículo; um círculo de clientes estava sempre à espera, à sua porta. Os seus clientes, dizia-se, vinham até das distantes

Pondicherry e Ceilão e Singapura. Nalguns dias, estavam por todo o lado e, para não assustar os outros inquilinos, pediam-lhe que se encontrasse com os seus clientes no quintal, onde, em qualquer dia, se podiam ver reunidos uma dúzia de mulheres histéricas e homens dementes, com os seus familiares a segurá-los. O exorcista nunca saía da sua casa sem a maquilhagem apropriada para o seu papel – o cabelo entrançado e enrolado bem alto, a barba grande penteada para baixo, para flutuar ao vento, a testa salpicada com cinza sagrada, vermelhão e pasta de sândalo, e um rosário de contas raras, do tamanho de ameixas, vindas das encostas dos Himalaias, à volta da garganta. Possuía um livro antigo, de folha de palmeira, no qual se supunha estar gravada a vida de toda a gente, em misteriosos versos. Depois das cerimónias devidas, sentava-se no chão com o livro, em frente aos seus clientes, e abria uma determinada página apropriada a cada indivíduo e lia, em tom ritmado. Ninguém, exceto o exorcista, conseguia perceber o significado do verso, composto em Tâmil obsoleto de há mil anos atrás. Depois, ele explicava: “Na tua última vida fizeste certas ações que agora se estão voltar contra ti. Como poderia ser de outra forma? É o *karma*²⁷. Estes ataques vão deixar-te no vigésimo sétimo dia e na décima hora depois da próxima lua cheia; este *karma* vai acabar... Alguma vez esteve...?” Ele extraía muita informação dos próprios envolvidos. “Houve uma mulher idosa na sua vida que não gostasse de si? Seja franco.” “Verdade, verdade” diziam alguns depois de pensar nisso, e discutiam entre eles e diziam “Sim, sim, deve ser aquela Kamu...” O exorcista receitava então o rumo de ação: “Ela lançou um feitiço. Escave debaixo da árvore grande na sua aldeia e traga qualquer osso que lá encontre e eu o atirarei ao rio. Então, estará seguro durante um tempo.” Depois, açoitava a vítima com um ramo de margosa, gritando “Vai-te imediatamente, espírito maldito.”

Nesta noite, o lojista, no seu desespero, empurrou a sua porta, chamando “Saia, quero a sua ajuda... Passam-se coisas estranhas; venha.”

O exorcista pôs o rosário, apressadamente, e, agarrando no seu saco, saiu. Tendo chegado ao local do problema, perguntou “Agora, diga-me o que se passa!?”

“Um jarro parece ter ganho vida e sacode-se para cima e para baixo, batendo em tudo à volta: zás trás!”

“Oh, é o espírito do jarro, sim! Constantemente, entra e dá vida a um jarro vazio. É por isso que os nossos antigos decretaram que nenhum recipiente vazio deve ser deixado com a boca

²⁷ Termo de uso religioso dentro de algumas doutrinas (Budismo, Hinduísmo e Jainismo) que representa a ideia de destino e de retribuição pelas ações praticadas.

aberta para o céu, mas sempre virado para baixo. Estes espíritos tentam aterrorizar-nos com sons assustadores. Se tiver medo, pode atingir-lhe o crânio. Mas eu posso tratar dele.”

O lojista lamentou-se “Tenho vivido uma vida limpa e honesta, nunca magoei uma alma, porque é que isto me havia de acontecer a mim?”

“Muito comum, não se preocupe. É o *karma*, a sua vida anterior...Na sua vida anterior, deve ter feito alguma coisa.”

“Que tipo de coisa?” perguntou o lojista com preocupação.

O exorcista não estava preparado para elaborar a sua tese. Odiava o seu senhorio, como todos os outros inquilinos, mas precisava de mais tempo para conceber uma acusação e entrar em detalhes. No momento, disse gentilmente “É apenas um espírito maldoso, mais nada, mas as pessoas de mente fraca têm tendência a ficar assustadas e até podem vomitar sangue.” Toda esta conversa decorreu com o acompanhamento do ressoar metálico dentro da loja. Alguém da multidão gritou “É por isto que se deve ter eletricidade. Todos os cantos desta cidade têm luzes elétricas. Só nós é que temos de sofrer na escuridão.”

“Por que não trazem uma lanterna?”

“Sem querosene há três dias. E temos comido à luz das estrelas.”

“Sejam pacientes, sejam pacientes” disse o dono da casa, “Já requeri a eletricidade. Iremos tê-la em breve.”

“Se tivéssemos luzes elétricas, podíamos ao menos tê-las ligado e visto aquela criatura, pelo menos para saber o que é.”

“Tudo a seu tempo, tudo a seu tempo, senhor, isto não é momento para reclamações.” Conduziu o exorcista à entrada da loja. Alguém brandiu uma lanterna, mas a pilha estava fraca e a lâmpada brilhava como brasas, nada revelando. Entretanto, o gato, sentindo a presença de uma multidão, parou, mas depressa retomou a sua atividade, com vigor redobrado, e andou aos saltos contra todas as paredes e grades de janela. De cada vez que soava o tinido, o lojista tremia e deixava escapar um lamento, e os espectadores saltavam para trás, nervosos. O exorcista estava também visivelmente abalado. Espreitava à porta, para dentro da loja escura, e pulava para trás, habilmente, de cada vez que o ruído metálico se aproximava. Murmurou “Pelo menos, acenda uma vela; que homem, que arranjou tal

escuridão para ele e para os seus inquilinos, enquanto toda a cidade está resplandecente com luzes. Que género de homem é você!”

Alguém na multidão acrescentou “Só um único poço para vinte famílias, um único lavatório!”

Um brincalhão acrescentou “Quando estou deitado na cama com a minha mulher, o mais pequeno sussurro entre nós é ouvido em todo o lado.”

Outro replicou “Mas tu não és casado.”

“E então? Há outros com famílias.”

“Não te cabe a ti tornares-te o defensor dos outros. Eles podem tomar conta de si próprios.”

Zás! Trás!

“São os seus pecados que provocaram esta assombração” disse alguém, apontando para o lojista.

“Por que é que não saem todos, se estão tão infelizes?” disse o lojista. Não havia resposta para isto, já que a cidade, como todas as cidades do mundo, sofria de escassez de alojamentos. O exorcista assumiu o comando neste momento. Fez sinal aos outros para se manterem calados. “Não é altura para reclamações ou exigências. Todos devem voltar para a cama. Este espírito maldito, aqui dentro, tem de ser expulso. Quando ele sair, não pode haver ninguém no seu caminho, ou infiltrar-se-á na vossa pele.”

“Deixa lá, não vai ser pior do que o nosso senhorio. Gostaria de receber o diabo debaixo da minha pele se pudesse pontapear estas paredes e derrubar esta barraca miserável em cima da cabeça de quem a possui” disse o brincalhão. O exorcista disse “Não, não, nada de palavras desagradáveis, por favor... Também eu sou um inquilino e sofro como outros, mas não farei as minhas exigências agora. Tudo no tempo certo. Arranjem-me uma vela -” Voltou-se para o lojista “Não vende velas? Que tipo de lojista é você, sem velas na sua loja!” Ninguém perdia a oportunidade de crucificar o lojista.

Ele disse “As velas estão numa caixa, à direita, numa prateleira, à entrada – pode alcançá-las só com esticar o braço...”

“Quer que entre e tente? Está bem, mas cobro uma taxa por me aproximar de um espírito – de outra forma, trabalho sempre à distância.” O lojista concordou com a taxa especial e o exorcista pigarreou, ajustou o penteado e colocou-se em frente à porta da loja, proclamando bem alto “Ei, espírito, eu não tenho medo, conheço a tua espécie demasiado bem, tu conheces-me bem, por isso...” Abriu a persiana e entrou cautelosamente; quando tinha avançado alguns passos, o jarro atingiu a janela de ventilação e quebrou-a, o que agravou o pânico do gato, e este saltou na confusão e causou uma multiplicidade de balbúrdia metálica na sala escura; as pernas do exorcista falharam e, por momentos, ele ficou sem saber qual o próximo passo ou por que motivo tinha entrado. Neste estado, chocou com as latas de querosene empilhadas e derrubou-as ruidosamente, o que agravou ainda mais a histeria do gato. O exorcista apressou-se a sair, sem cerimónias. “Oh, oh, não é um caso simples. Prende-me como um tornado...vai arrasar as paredes em breve.”

“*Aiyo*²⁸!” lamentou-se o lojista.

“Tenho de ter proteção especial...Não posso entrar...sem vela, sem luz. Temos de nos desenvencilhar no escuro. Se eu não tivesse sido tão rápido, não me teriam visto outra vez.”

“*Aiyo!* O que acontecerá à minha loja e propriedade?”

“A ver vamos, a ver vamos, alguma coisa faremos” assegurou o outro heroicamente; ele próprio parecia estranho sob o raio de luz que caía sobre ele, vindo da rua. O lojista tinha medo de olhar para ele, a face sinistra, os olhos a rolar, com os cantos pincelados de cinza branca sagrada. Sentia que tinha sido apanhado entre dois demónios – era difícil dizer qual dos dois se mostraria mais terrível, o da loja ou o do exterior. O exorcista sentou-se, empertigado, em frente à porta fechada, como que para enfatizar “Não tenho medo de me sentar aqui” e ordenou “Arranje-me uma panela de cobre, um copo de cobre e uma colher de cobre. É importante.”

“Porquê cobre?”

“Não faça perguntas...Está bem, vou contar-lhe: porque o cobre é um bom condutor. Reparou nos fios de cobre da eletricidade, suspensos?”

“O que é que vão conduzir agora?”

²⁸ Exclamação típica do sul da Índia, que poderia ser traduzida por “Oh, meu Deus!”

“Não faça perguntas. Está bem, vou contar-lhe. Quero um meio que conduza os meus *mantras*²⁹ àquela coisa horrível lá dentro.”

Sem mais perguntas, o lojista apresentou, vinda de algures, uma panela de alumínio. “Não tenho de cobre, só de alumínio...”

“No nosso país, pode até ser o homem mais pobre, mas terá uma panela de cobre...E aqui está você, intitulado-se um *sowcar*³⁰, sem ter nada; sem vela, sem luz, sem cobre...” disse o exorcista.

“Na minha aldeia natal, temos todo o cobre e prata...”

“Como é que isso o ajuda agora? Não é a sua casa da aldeia que está a ser assombrada agora, embora não garanta que não possa passar para lá...De qualquer forma, deixe-me tentar.” Ergueu a panela de alumínio e bateu no chão; imediatamente, do interior, veio o som do jarro a bater em algo, uma e outra vez. “Não quebre o recipiente” gritou o lojista. Ignorando o seu apelo, o exorcista bateu no chão, uma e outra vez, com a panela. “Isto é bom sinal. Agora os espíritos falarão. Temos o nosso próprio código.” Bateu na panela de alumínio com os nós dos dedos, numa espécie de código Morse. Disse ao senhorio “Não respire com força nem fale alto. Estou a receber uma mensagem: Pedem-me que diga que é o espírito de alguém que procura compensação. Na sua vida, fez mal a alguém?”

“Oh, não, não” disse o lojista, em pânico. “Não, tenho sido sempre caridoso...”

O lojista interrompeu-o. “Não me conte nada, mas fale consigo mesmo e com o espírito lá dentro. Em algum momento tratou de...espere um minuto, estou a receber a mensagem...” Levou a boca da panela ao ouvido. “Em algum momento tratou da mulher ou do dinheiro de alguém?”

O lojista parecia horrorizado. “Oh, não, nunca.”

“Então, o que é que eu estou a ouvir, sobre um fundo para manter uma viúva...?”

Ele cismou enquanto o gato, lá dentro, batia no respiradouro, tentando sair. O homem estava agora em pânico. “Que fundo? Que eu morra, se fiz algo desse género. Deus deu-me o suficiente para viver...”

²⁹ Sílabas ou poemas religiosos, normalmente em sânscrito, entoado como oração, com um determinado fim: facilitar a concentração, dar energia, adormecer, etc.

³⁰ Termo que designa um banqueiro hindu.

“Disse-lhe para não falar desnecessariamente. Alguma vez molestou uma mulher desprotegida ou a manteve sob seu poder? Se tiver feito uma injustiça na sua infância, poderia expiar...”

“Como?”

“Irei explicar, mas primeiro confesse...”

“Porquê?”

“Um arrependimento sincero da sua parte enfraquecerá o demónio.” O jarro estava outra vez aos tombos e o lojista ficou muito nervoso e disse “Por favor, seja como for, faça com que pare, não o suporte.” O exorcista acendeu um pouco de cânfora, o seu equipamento, e volteou a chama em todas as direções. “Para pacificar os espíritos benignos em redor, para que possam vir em nosso socorro...” O lojista estava igualmente assustado com os espíritos benignos. Desejou, àquela hora pálida, iluminada pela lua, que não houvesse quaisquer espíritos, bons ou maus. Sentado no *pyol*, e ouvindo o grito fraco de uma ave noturna, voando pelo céu e desaparecendo, sentiu que tinha deixado o mundo sólido dos homens e da matéria e tinha flutuado até um mundo de demónios ocultos.

O exorcista disse, neste momento “A sua consciência deve estar límpida como o Lago Manasaró. Então, repita, depois de mim, tudo o que eu disser. Se houver enganar, o seu crânio explodirá. O espírito não hesitará em desfazer-lhe os miolos.”

“Ai de mim, o que devo fazer?”

“Repita estas palavras: Tenho vivido uma vida boa e honesta.” O lojista não teve dificuldade em repeti-lo, numa espécie de murmúrio baixo para que não pudesse ser ouvido pelos seus inquilinos. O exorcista disse “Nunca enganei ninguém.”

“...enganei ninguém” repetiu o lojista.

“Nunca me apropriei da propriedade de ninguém...”

O lojista começou a repetir mas subitamente parou, para perguntar “A que propriedade se refere?”

“Não sei” disse o exorcista, levando o jarro ao ouvido. “Ouço falar de alguma irregularidade.”

“Oh, não é erro meu...” lamentou-se o lojista. “Não foi erro meu. A propriedade veio parar às minhas mãos, só isso...”

“A quem pertencia?”

“Honappa, meu amigo e vizinho. Eu era chegado à sua família. Cultivávamos campos adjacentes. Ele escreveu um testamento e nunca mais foi visto na aldeia.”

“Em seu benefício?”

“Eu não pedi, mas ele gostava de mim...”

“O corpo foi encontrado?”

“Como hei de saber?”

“E a viúva?”

“Protegi-a enquanto ela viveu.”

“Sob o mesmo teto?”

“Aqui não, na aldeia...”

“Eram íntimos?”

O lojista permaneceu calado. “Bem, ela tinha de ser protegida...”

“Como é que ela morreu?”

“Não direi nem mais uma palavra – contei tudo o que é possível; se não apanhar aquele demônio depois disto, vai partilhar o destino do outro...” Subitamente saltou para o exorcista, agarrou-o pelo pescoço e ordenou “Depois de ter me ter arrancado tanto, faça sair o espírito, caso contrário...” Arrastou o exorcista e empurrou-o para dentro da sala escura da loja. Deste modo, subitamente dominado, ele entrou, uivando de susto, o seu grito sobrepondo-se ao tumulto metálico. Enquanto tateava no escuro, com o lojista de guarda, à porta, o jarro atingiu-o entre as pernas e ele soltou um grito desesperado “Ah! Ai de mim! Estou acabado!” e o gato, pressentindo uma saída, precipitou-se para fora, com o capuz metálico posto, desceu a rua aos saltos e afastou-se a trote. O exorcista e o lojista observaram em silêncio, olhando-o fixamente. O lojista disse “Depois de tudo, é um gato.”

“Sim, pode parecer ser um gato. Como é que sabe o que está dentro do gato?”

O lojista ponderou e pareceu preocupado. “Virá visitar-nos novamente?”

“Não sei dizer” disse o exorcista. “Chame-me de novo se houver problemas” e dirigiu-se ao seu cubículo, dizendo “Não se preocupe com dakshina³¹ agora. Posso receber de manhã.”

³¹ Termo hindu que designa a recompensa oferecida pelos serviços prestados por um padre ou guru.

A CASA DA FRENTE

O eremita invariavelmente estremecia quando olhava pela sua janela. A casa do outro lado da rua estava ocupada por uma desavergonhada. De noite, já tarde, continuavam a aparecer homens e batiam à sua porta – de tarde, também, se houvesse uma festa ou um feriado. Por vezes, recostavam-se no *pyol* da sua casa, fumando, mascando tabaco e cuspiendo para a valeta – cometendo todos os pecados do mundo, de acordo com o eremita, que se esforçava por seguir uma vida de austeridade, renegando família, haveres e todos os confortos da vida. Julgava esta casa, de uma única divisão, com um par de coqueiros e um poço no quintal, adequada e na rua estreita abundavam as crianças: às vezes, ele chamava as crianças, sentava-as por ali e ensinava-lhes lições morais simples e versos sagrados. Nas paredes, ele tinha pregado algumas imagens de deuses, recortadas de velhos calendários, e fazia as crianças prostrarem-se em frente a elas, antes de as mandar embora, cada uma com um bocado de doce.

A sua vida diária seguia um padrão invariável. Como os pássaros, recolhia-se ao escurecer, deitando-se no chão despido, com um cepo de madeira debaixo da cabeça, como almofada. Acordava às quatro, antes do galo na esquina da rua, tomava banho no poço e sentava-se num pedaço de camurça para meditar. Mais tarde, acendia o fogão a carvão e cozia uns quantos *chapattis*³² para o pequeno-almoço e para o almoço e cozinhava uns determinados vegetais e verduras, evitando a batata, a cebola, o quiabo, e tudo quanto poderia estimular os impulsos mais básicos.

Até no estado mais profundo de meditação, não podia evitar ouvir o rangido da porta do outro lado da rua, quando um cliente saía, depois de uma noite de devassidão. Ele suprimia rigorosamente todos os desejos do palato e castigava o seu corpo de uma dúzia de formas. Se lhe perguntassem porquê, teria ficado sem saber como explicar. Ele era a antítese do atleta que flexiona os músculos e observa o seu peito em expansão, em frente a um espelho. O nosso eremita, pelo contrário, controlava ao minuto o seu definhamento e sentia uma peculiar emoção por tal conquista. Ele seguia apenas, sem questionar, as instruções do seu velho guru e esperava assim obter a libertação espiritual.

Numa tarde, ao abrir a janela para varrer o pó do parapeito, reparou nela, de pé, à porta, observando a rua. As suas têmporas latejaram com o impulso do sangue. Ele estudou a sua pessoa – feições bem esculpidas, mas descaídas em pregas gorduchas. Ela possuía, contudo,

³² Pão típico feito de trigo.

um perfil sedutor; os seus antebraços pareciam almofadas e talvez a sensação daquele abraço atraísse os homens. O olhar dele, agora que tinha começado a pairar sobre o corpo dela, não regressava à sua âncora – que, normalmente, deveria ser a ponta do nariz, tal como imposto pelos seus gurus e pelos *shastras*³³ do ioga.

As ancas dela eram largas, as coxas robustas, como caules de bananeira; no geral, uma criatura semelhante a um colchão, no qual um cliente podia refastelar-se toda a noite, sem uma pisca de cobertura – “Monstro medonho! Personificação do mal.” Sentiu-se subitamente zangado. Mas porque é que esta criatura havia de estar aqui e estragar as suas *tapas*³⁴: todo o mérito que tão arduamente tinha adquirido estava a escoar como água numa peneira. Era difícil dizer se eram aqueles braços e seios monstruosos ou as coxas que tentavam e arruinavam os homens... Ele sibilou baixinho “Entra, demónio, não fiques aí espedada!” Abruptamente, ela virou-se e entrou, fechando a porta atrás de si. Ele sentiu-se triunfante, embora a sua ordem e a obediência dela fossem coincidência. Ele trancou a janela e retirou-se para o canto mais afastado da divisão. Sentou-se na camurça e foi repetindo “*Om*³⁵, *Om, Rama, Jayarama*”: o som “*Rama*” tinha a sua própria potência – e tinha a reputação de reprimir pensamentos errantes e distrações. Ele possuía um conhecimento profundo dos *mantras* e da sua eficácia. “*Sri Rama...*” repetiu, mas era como um remédio diluído e fraco para uma febre alta. Não funcionou. “*Sri Rama, Jayarama...*” repetiu ele, com um f

ervor desesperado, mas o efeito não durou sequer um segundo. Despercebidos, os seus pensamentos dispersaram-se, questionando: Quem era aquele indivíduo, de camisa aos quadrados e casaco de seda ao ombro, que descia os degraus ontem à tarde, quando eu saí para ir ao mercado? Vi-o em qualquer lado...onde? quando? ... ah, era o grande alfaiate na Rua do Mercado ... com homens e mulheres elegantes de volta dele! O mestre do corte que era membro de dois ou três clubes...Íntimo de oficiais e homens de negócios – e foi assim que passou a sua tarde, refastelado no colchão humano! E ainda assim pessoas elegantes permitiam que lhes tocasse com a sua fita métrica! Contaminação, só contaminação; vida pecaminosa. Gritou na divisão solitária “*Rama! Rama!*” como se chamasse alguém com falta de ouvido. Logo percebeu que era um exercício inútil. Rama era uma encarnação perfeita, claro, mas era suave e gentil até ser provocado para além do limite; então, enfurecia-se e aniquilava o malfeitor, sem deixar rasto, mesmo que fosse um monstro como Ravana.

³³ Escritos sagrados hindus.

³⁴ Palavra que designa o sofrimento espiritual, abrangendo sacrifícios e transes.

³⁵ Sílabas consideradas como tendo propriedades místicas, que se pronuncia de forma prolongada, no início e no final das preces.

Contudo, normalmente, tinha paciência; daí que a repetição do seu nome só causasse calma e paz, mas a ocasião atual requeria medidas severas. O *mantra* do Deus Siva deveria ajudar. Não tinha ele aberto o seu Terceiro Olho e reduzido o Deus do Amor a cinzas, quando este, astutamente, lhe apontou a sua seta enquanto ele meditava? O nosso eremita imaginou o deus de cabelos emaranhados e olhos ferozes e recitou em voz alta: “*Om, Namasivaya*”, a casa solitária ressoando com a sua voz rouca. Os seus pensamentos errantes e doentios foram interrompidos durante algum tempo, mas logo recuperaram o seu vigor e correram atrás da mulher. Ela abriu a porta pelo menos seis vezes numa tarde. Dormia com todos juntos ao mesmo tempo? Ele parou para rir desta ideia e percebeu também que a sua meditação no deus austero se tinha ido. Bateu com os punhos nas têmporas, o que doeu, mas melhorou a sua concentração. “*Om, Namasivaya...*” Uma parte da sua mente notava o ranger da porta da casa da frente. Ela era uma serpente, em cujos anéis todos estavam presos e destruídos – velhos e novos e de meia-idade, alfaiates e estudantes (ele tinha reparado, há um par de dias, um jovem estudante universitário, da Pensão Albert Mission, à porta dela), advogados e magistrados (Porque não?)... Não admira que o mundo estivesse a ficar sobrelotado – com tamanha pressão do impulso elementar dentro de cada indivíduo! Ó Deus Siva, esta mulher tem de ser eliminada. Ele iria confrontá-la um dia e dir-lhe-ia para sair. Ele dir-lhe-ia “Oh, miserável pecadora, que espalha a doença e a sujidade como um esgoto aberto: pensa na contaminação que espalhaste em redor – desde o alfaiate de meia-idade até ao estudante universitário. O teu objetivo é destruir a humanidade. Arrepende-te dos teus pecados, rapa a tua cabeça, cobre os teus amplos quadris com um pano, senta-te no portão do templo e mendiga ou afoga-te no *sarayu*³⁶, depois de teres rezado por uma vida mais limpa, mesmo que no próximo nascimento...”

Assim decorria o seu diálogo, o pensamento da mulher nunca deixando a sua mente, durante toda a miserável e mal aproveitada noite; deitou-se, às voltas, no chão despido. Levantou-se antes do amanhecer, com a mente decidida. Iria sair dali imediatamente, atravessar o Bosque de Nallappa e chegar ao outro lado do rio. Não precisava de um teto permanente; iria à deriva e descansaria em qualquer templo ou pavilhão ou à sombra de uma figueira: ele recordou um conto antigo que tinha ouvido ao seu guru há muito tempo... Uma meretriz foi enviada para o céu quando morreu, enquanto que aquele que a difamou, um reformista santarrão, se viu no inferno. Foi explicado que, enquanto a meretriz pecava apenas

³⁶ Rio sagrado mencionado nos *Vedas* e no *Ramayana*. Figura igualmente nos contos de Narayan como fluindo nas proximidades de Malgudi.

com o seu corpo, o seu difamador estava corrompido mentalmente, já que estava obcecado com a meretriz e as suas atividades e não conseguia meditar em mais nada.

O nosso eremita arrumou na sua caixa de vime os seus poucos bens – uma imagem de um deus em cobre, um rosário, a camurça e uma pequena tigela de bronze. Levando a caixa numa mão, ele saiu de casa, fechando suavemente a porta. Na obscura hora do crepúsculo, moviam-se figuras sombrias – um leiteiro conduzindo a sua vaca, trabalhadores carregando pés de cabra e pás, mulheres com cestos a caminho do mercado. Enquanto ele parava para deitar um último olhar ao abrigo que estava a abandonar, ouviu um grito queixoso, “*Swamiji*”, vindo da casa da frente e viu a mulher aproximando-se dele com um tabuleiro, cheio de frutas e flores. Ela colocou-o a seus pés e disse, num murmúrio baixo e reverente: “Por favor, aceite a minha oferenda. Este é um dia em memória da minha mãe. Neste dia, rezo e procuro a bênção de um santo. Perdoe-me...” Todas as falas que ele tinha ensaiado para um confronto abandonaram-no neste momento; olhando para a figura gorducha, os círculos negros debaixo dos olhos, ele sentiu pena. Quando ela se dobrou para se prostrar, ele reparou que o seu cabelo estava mediocrementemente pintado e que a risca ao meio alargava numa pelada, sobre a qual pendia livremente uma fita de jasmim. Ele tocou no tabuleiro com a ponta do dedo, em sinal de aceitação, e desceu a rua sem uma palavra.

UMA COBRA NA RELVA

Numa tarde solarenga, quando os ocupantes do *bungalow* dormiam a sesta, um ciclista tocou freneticamente a sua campainha, ao portão, e anunciou: “Uma cobra enorme entrou no vosso complexo. Atravessou-se em frente à minha bicicleta.” Apontou o seu rasto por debaixo do portão e continuou a sua viagem.

A família, que consistia na mãe e os seus quatro filhos, reuniu-se no portão, em grande agitação. O velho criado, Dasa, estava a dormir no barracão. Acordaram-no do seu sono e anunciaram-lhe a chegada da cobra. “Não há cobra” respondeu ele e tentou despachar o assunto. Eles praguejaram contra ele e obrigaram-no a interessar-se pela cobra. “A coisa está algures por aqui. Se não for encontrada antes de anoitecer, vamos despedir-te. A tua negligência no jardim e nos relvados é responsável por estas coisas horríveis que entram aqui.” Apareceram alguns vizinhos. Olharam acusadoramente para Dasa: “Têm o criado mais preguiçoso à face da terra” disseram. “Ele devia manter as imediações em ordem.” “Tenho estado a pedir um cortador de relva há meses” disse Dasa. A uma voz, ordenaram-lhe que se desembaraçasse com as coisas disponíveis e aprendesse a não fazer exigências. Ele insistiu. Começaram a especular quanto custaria comprar um cortador de relva. Um vizinho declarou que não se podia pensar em comprar qualquer artigo feito de ferro até depois da guerra. Entoou banalidades sobre os preços em tempo de guerra. O segundo filho da casa declarou que conseguia arranjar tudo o que quisesse a preços controlados. O vizinho tornou-se eloquente sobre o mercado negro. Seguiu-se um aceso debate. Os restantes observaram com apatia. Neste ponto, o rapaz universitário da casa intrometeu-se: “Li num jornal Americano que 30000 pessoas morrem de picadas de cobra todos os anos.” A mãe levantou os braços com horror e culpou Dasa. O rapaz elaborou as estatísticas. “Já percebi: 83 por dia. Isso significa que a cada vinte minutos morre alguém de picada de cobra. Enquanto temos estado aqui a falar, uma pessoa, algures, perdeu a vida.” A mãe quase gritou ao ouvi-lo. O complexo parecia sinistro. Os rapazes trouxeram paus de bambu e também puseram um nas mãos do criado. Ele não parava de o espetar incoerentemente na folhagem, com ar cínico. “O tipo está a fazer tempo” gritou alguém, apropriadamente. Arregaçaram os seus *dhoties*³⁷, agarraram todas as facas e pés de cabra disponíveis e começaram a retalhar o jardim. Trepadeiras, arbustos e relvados foram derrubados. O que não podia ser aparado, era cortado pela raiz. As paredes ocultas da casa clarearam com o brilho que fluía, desobstruído. Quando nada mais havia para ser feito, Dasa perguntou, triunfantemente “Onde está a cobra?”

³⁷ Traje masculino tradicional.

Uma velha pedinte gritou por esmola ao portão. Disseram-lhe que não importunasse enquanto estavam envolvidos numa caça à cobra. Ao ouvir isto, a velhota ficou feliz. “São afortunados. É o Deus Subramanya que vos veio visitar. Não matem a cobra.” A mãe concordou calorosamente: “Tem razão. Esqueci-me totalmente do prometido *Abhishekam*³⁸. Isto é um lembrete.” Deu uma moeda à pedinte, que prometeu enviar, de caminho, um encantador de serpentes. Pouco depois, um velhote apareceu ao portão e anunciou-se como um encantador de serpentes. Eles reuniram-se à sua volta. Ele falou-lhes da sua vida e atividades e do seu poder sobre as cobras. Perguntaram-lhe com admiração: “Como é que as apanha?” “Assim”, disse ele, agarrando, no chão, uma cobra hipotética. Eles apontaram a direção em que a cobra tinha ido e pediram-lhe que avançasse. Ele olhou em volta, desamparado, e disse: “Se me mostrarem a cobra, apanho-a de imediato. De outra forma, que posso fazer? Assim que a virem, mandem-me chamar. Vivo aqui perto.” Deu o seu nome e morada e afastou-se.

Às cinco da tarde, deitaram fora os paus e utensílios e dirigiram-se à varanda para descansar. Tinham virado todas as pedras do jardim e cortado todas as folhas de erva e arbustos, pelo que o mais pequeno inseto que entrasse no jardim não poderia ter abrigo. Estavam a discutir ruidosamente as várias medidas que poderiam tomar para se proteger contra répteis, no futuro, quando Dasa apareceu à sua frente carregando um jarro de água, cuja boca estava tapada com uma laje de pedra. Ele pousou o jarro e disse: “Aprisioneio-o aqui. Vi-o cá dentro, a espreitar... Vi-o antes que ele me pudesse ver.” Explicou detalhadamente a estratégia que tinha usado para apanhar e fechar a cobra no jarro. Eles ficaram a uma distância segura e olharam fixamente para o jarro. Dasa tinha no rosto o brilho de um campeão. “Daqui para a frente, não me chamem preguiçoso” disse. A mãe felicitou-o pela sua astúcia e desejou ter colocado algum leite no jarro, como uma espécie de dever religioso. Dasa pegou no jarro cautelosamente e saiu, dizendo que iria deixar o jarro e o seu conteúdo com o encantador de serpentes que vivia ali perto. Tornou-se o herói do dia. Observaram-no com grande admiração e decidiram recompensá-lo adequadamente.

Tinham passado cinco minutos depois de Dasa ter saído, quando o filho mais novo gritou: “Olhem aqui!” Vinda de um buraco na parede do complexo, uma cobra emergiu. Deslizou em direção ao portão, parou por um momento, com o capelo meio aberto, para olhar para o grupo na varanda. Rastejou por debaixo do portão e desapareceu num cano. Quando recuperaram do choque, perguntaram “Quer dizer que há aqui duas cobras?” O rapaz universitário murmurou:

³⁸ Ritual hindu que envolve oferendas, cânticos e aspensão com água do rio Ganges.

“Quem me dera ter arriscado e ter tirado o jarro de água das mãos de Dasa; poderíamos ter sabido o que continha.”

“Quanto dá dezasseis e três multiplicados?” perguntou o professor. O rapaz pestanejou. O professor insistiu e o rapaz respondeu prontamente: “Vinte e quatro”, com um sorriso malvado nos lábios, segundo parecia ao professor. O rapaz estava evidentemente a tentar enganá-lo e a ser obstinado, de propósito. Ele tinha corrigido repetidamente este erro e, agora, o rapaz insistia em dizer vinte e quatro. Como é que se poderia fazer este indivíduo ter cinquenta no teste, pular um ano e passar para o primeiro ano do preparatório, como esperavam os pais? À menção de “vinte e quatro”, o professor sentiu o sangue afluir-lhe à cabeça. Controlou-se e perguntou novamente: “Quanto?”, numa última oportunidade. Quando o rapaz, obstinadamente, disse o mesmo, sentiu como que se o dedo estivesse a largar o gatilho: chegou-se ao outro lado da mesa e aplicou uma forte bofetada na bochecha do menino. O rapaz contemplou-o, pasmado, por um momento e depois desfez-se em lágrimas. Nesta altura, o professor recuperou a sua visão normal, sentiu-se horrorizado com a sua ação e pediu freneticamente: “Não chores, pequenote, não debes...”

“Vou contar-lhes” soluçou o rapaz.

“Oh, não, não, não” apelou o professor. Olhou em redor cautelosamente. Felizmente, este quarto ficava a alguma distância do edifício principal.

“Vou contar à minha mãe” disse o rapaz.

Segundo os pais, o rapaz era um anjinho, todo ele covinhas, sorrisos e doçura – só faltavam as asas. Ele o seu único filho e tinham abundância de afeição e bastante dinheiro. Construíram um quarto, compraram-lhe brinquedos caros, instalaram conjuntos de mobília em miniatura, deram-lhe um carrinho com pedais para andar pelo jardim. Encheram-lhe o armário com todos os géneros de doces e biscoitos e deixaram ao seu bom senso devorá-los com moderação. Acreditavam amplamente em deixar as coisas como estavam.

“Nunca deve estabelecer qualquer tipo de contrariedade ou repressão na mente da criança” declararam os pais. “Vai desgraçá-lo para toda a vida. Sem dúvida, requer muita disciplina da nossa parte, mas vale a pena” declararam eles, afetadamente. “Devemos criar um cidadão saudável.”

“Sim, sim” concordou, aparentemente, o professor, sentindo-se cada dia mais convencido de que o que o pequenote precisava para se tornar um cidadão normal não eram falinhas mansas – mas, sim, um *anna* de chibatadas, para o qual ele estava disposto a dar um adiantamento. Para o professor era uma vida de trabalho penoso – o único fator atenuante em toda a situação eram as trintas rupias que lhe pagavam no primeiro dia do mês. Eram necessárias, ao todo, três horas em cada tarde – nas quais, na primeira meia hora, tinha de ouvir as teorias de psicologia da criança dos pais. O pai tinha escrito uma tese sobre psicologia infantil para o seu mestrado e a senhora tinha-a estudado bastante para o seu bacharelato. Todos os dias lhe davam lições sobre as suas teorias e ele, cada vez mais, tinha a sensação de que queriam que ele lidasse com o rapaz como se ele fosse feito de vidro. Tinha de fingir que concordava com eles, enquanto a sua perspetiva pessoal era a de que estava encarregue de um pequeno gorila.

Neste momento, o professor não sabia como sossegar o rapaz, que continuava a soluçar. Sentiu-se desesperado. Disse ao menino “Não podes chorar por estas ninharias, tens de ser um soldado...”

“Um soldado dá um tiro, se for atacado” disse o rapaz, em resposta. O professor considerou isto uma anedota e riu-se artificialmente. O rapaz ficou contagiado e riu também. Isto suavizou um pouco a situação. “Vai lavar a cara” sugeriu o professor – tinha sido anexada uma casa de banho ao quarto, com belas porcelanas azuis. O rapaz desobedeceu e ordenou: “Acaba com as aulas por hoje”. O professor ficou horrorizado. “Não, não!” exclamou.

“Então, vou contar à minha mãe” ameaçou o rapaz. Empurrou a cadeira para trás e levantou-se. O professor precipitou-se para ele e sentou-o. “Meu amigo, tenho de estar aqui mais meia hora.” O rapaz disse: “Está bem, observa-me enquanto eu coloco o comboio nos carris.”

“Se o teu pai entra...” disse o professor.

“Diz-lhe que é uma aula sobre comboios” disse o rapaz e sorriu maliciosamente. Foi até ao seu armário, abriu-o, tirou o conjunto do comboio e começou a montar a pista. Deu corda ao comboio e pousou-o e ele começou a andar às voltas. “És o chefe da estação” proclamou o rapaz. “Não, não!” exclamou o professor. “Depois de amanhã, tens os teus testes.” O rapaz apenas sorriu, de uma forma superior, e repetiu, “Vais ser o chefe de estação ou não?”

O professor estava irritado. “Não serei um chefe de estação” disse, desafiante, e então o rapazito disse: “Oh, oh, é isso que dizes?” Tocou gentilmente na bochecha e murmurou: “Está-me a doer terrivelmente aqui, tenho de ir ver a minha mãe.” Fez um movimento em direção à porta. O professor observou-o com um desespero melancólico. A bochecha do rapaz continuava vermelha. Por isso, disse: “Não vás, rapaz. Queres que eu seja um chefe de estação? O que devo fazer?”

O rapaz ensinou: “Quando o comboio chegar à tua estação, tens de soprar o apito e gritar ‘Senhor Condutor, pare o comboio. Hoje há muitas pessoas que compraram bilhetes’”.

O professor curvou-se a um canto e obedeceu. Cansou-se da posição e do jogo em trinta minutos e levantou-se, para descontentamento do seu aluno. Felizmente para ele, o comboio também se recusou, subitamente, a andar. O rapaz entregou-lho, enquanto voltava para o seu lugar, e disse: “Repare-o, senhor.” Ele revirou-o na sua mão e disse: “Não posso. Não percebo nada disso.”

“Tem que funcionar” disse o rapaz, com firmeza. O professor sentiu-se desesperado. Era absolutamente anti mecânico. Não conseguia apertar o mais simples dos parafusos, mesmo que fosse para salvar a sua vida. O rapaz bateu o pé, com impaciência, e esperou, como um tirano. O professor arrumou o assunto com: “Não posso e não faço”. O rapaz mudou imediatamente para outra exigência. “Conte-me uma história...”

“Não fizeste uma soma. É oito mais trinta.”

“Não me interessam as somas” disse o rapaz. “Conte-me uma história.”

“Não...”

O rapaz chamou “Papá! Papá!”

“Porque é que estás a gritar dessa maneira pelo teu pai?”

“Tenho uma coisa para lhe dizer, uma coisa importante...”

O professor foi obrigado a começar a história de um bisonte e um tigre e depois passou para “Ali Babá e os Quarenta Ladrões” e “A Lâmpada de Aladino”. O rapaz ouviu, encantado, e ordenou: “Quero ouvir a história do bisonte outra vez. É boa...” O professor estava sem fôlego. Tinha dado seis horas de aulas na escola, durante o dia. “Amanhã. Perdi o fôlego...”

“Oh! Está bem. Vou contar...” exclamou o rapaz; levantou-se e subitamente começou a correr em direção à casa e o professor foi atrás dele. O rapaz era demasiado rápido para ele, girava como um louco e fez o professor correr à volta do jardim três vezes. O professor parecia estafado. O rapaz teve pena dele e parou perto da roseira. Mas no instante em que ele se aproximou e tentou apanhá-lo, o rapaz esgueirou-se e fugiu. Era uma perseguição inútil; o rapaz apreciava-a imenso, rindo diabolicamente. A face do professor estava corada e ele arfava desconfortavelmente. Sentiu uma escuridão a crescer em seu redor. Deixou-se cair no degrau do pórtico.

Neste momento, a Mãe e o Pai emergiram da casa. “O que é que se passa?” O professor esforçou-se por se levantar, desajeitadamente. Ainda arquejava gravemente e não conseguia falar. Já tinha decidido que iria confessar e aceitar as consequências, em vez de suportar a chantagem do rapaz. Parecia menos desagradável virar-se para a misericórdia dos mais velhos. Eles olharam inquiridoramente para o rapaz e perguntaram: “Porque é que tens andado a correr no jardim a esta hora?” O rapaz olhou maliciosamente para o professor. O professor aclarou a garganta e disse: “Vou explicar...” Estava a tentar encontrar palavras para a sua frase. O pai perguntou: “Como é que ele se está a preparar para o seu teste de aritmética...?” Ao ouvir a palavra ‘teste’, a face do rapaz desceu; escapuliu-se discretamente para trás dos pais e, através da expressão e de gestos, apelou ao professor para não o trair. Parecia tão patético e desesperado que o professor respondeu: “Por favor, deixem-no apenas estudar bastante a décima sexta tabuada, mais um pouco...Ele está bem. Vai conseguir”. O rapaz parecia aliviado. O professor viu a sua cara de gratidão, sentiu-se confiante em que ele já não o iria denunciar e disse: “Boa noite, senhor; acabámos as nossas aulas mais cedo e eu estava apenas a brincar com o rapaz...uma forma de lhe levantar o ânimo, sabe?”

A OFERTA DA NOITE

Ele tinha a mais curiosa ocupação. Tendo falhado em todas as tentativas, teve de aceitar com gratidão e entusiasmo; recebia por ela trinta rupias ao mês. Vivia por quinze rupias num hotel barato, onde lhe foi dada uma espécie de tarimba, num sótão, com traves que lhe roçavam na cabeça. Poupava quinze rupias para pagar o empréstimo da família na aldeia, efetuado aquando do casamento da sua irmã. Acrescentava uma ou duas rupias ao seu rendimento, preenchendo formulários de pagamentos e postais aos aldeões iletrados que encontrava na varanda dos correios. Mas o seu trabalho principal era muito estranho. O seu negócio consistia em fazer companhia a um bêbedo abastado. Este homem abastado queria alguém que fiscalizasse o seu beber depois das nove e o levasse a casa. O físico de Sankar qualificava-o para esta tarefa. “Não hesite em usar a força comigo, se necessário” tinha-lhe dito o seu patrão. Mas tal nunca foi feito. Sankar fazia tudo o que podia através da persuasão e era uma visão bastante familiar no Café-Bar Oriental – a querela entre patrão e empregado. Mas Sankar, com uma margem de cinco minutos, conseguia sempre arrastar o senhor para longe dos copos e enfiá-lo dentro do seu carro. Na manhã seguinte, perguntava-lhe: “A que horas chegámos a casa ontem à noite?”

“Nove e quinze, senhor –“

“Tiveste muitos problemas?”

“Não, senhor –“

“Nove e quinze! – muito bem, muito bem. Fico feliz. Em caso algum, me deves deixar ficar depois das nove, mesmo que esteja acompanhado –”

“Sim, senhor.”

“Agora podes ir e certifica-te de que regressas a tempo, à noite –”

Aquilo terminava o seu dever matinal. Voltava para o seu sótão, dormia durante parte do dia, demorava-se pelos correios, tribunais, etc., e regressava ao trabalho às seis horas.

“Vamos lá” disse o patrão, que esperava por ele na varanda. Sankar entrou para o lugar da frente do carro e dirigiram-se ao Café Oriental.

Hoje estava num estado depressivo, sentia-se farto da sua profissão: as ameaças e adulações constantes, a companhia de um bêbedo. Quase se convenceu a desistir do trabalho e

voltar para a aldeia. A nostalgia pela sua casa e gentes agarrou-o. “Não me interessa o que acontece, vou voltar para casa e fazer outra coisa para ganhar este dinheiro.” A juntar a esta disposição, chegou uma carta de casa: “Envia cem rupias imediatamente. Último dia para prestação da hipoteca. Caso contrário, iremos perder a nossa casa.” Ele ficou horrorizado! Onde poderia arranjar o dinheiro? Qual seria a solução? Amaldiçoou a sua sorte mais do que nunca. Ficou muito tempo sentado a pensar numa solução. “A nossa boa e velha casa! Deixá-la ir, se tem de ser.” Era a sua última propriedade neste mundo. Se se fosse, a sua mãe, irmãos e a sua irmãzinha teriam de vaguear por aí, sem um telhado sobre as suas cabeças. Mas poderia ele arranjar as cem rupias? Que pensavam eles, a esperar até ao último momento? Amaldiçoou a sua sorte, por ser o filho mais velho de uma família atormentada.

Entrou ao serviço como de costume. Afastou a cortina para o seu senhor, quando ele entrou no cubículo. Carregou numa campainha. Poderia ser uma máquina, fazendo isto trinta dias por mês, há já cerca de doze meses. O empregado apareceu. Não era necessário falar. Sankar acenou com a cabeça. O empregado afastou-se e regressou com uma garrafa plana, por abrir, uma gasosa e um copo de vinho; pousou-os em cima da mesa e retirou-se.

“Traz a este senhor um sumo de limão” disse o cavalheiro.

“Não, senhor –” respondia Sankar; este ritual era repetido todos os dias. Agora, a ocupação de Sankar era servir uma dose de bebida no copo, enchê-lo, colocar a gasosa à mão, ir para a varanda, ler um jornal (com a garrafa plana no bolso) e ficar ali até ser chamado outra vez para encher o copo. Por volta das dez para as nove, era servida a última onça de bebida e Sankar sentava-se em frente ao seu senhor, em vez de ir para a varanda. Isto era uma espécie de campainha de aviso.

“Porque é que te sentas aqui? Vai para a varanda.

“Gosto deste lugar, senhor, e vou-me sentar aqui.”

“Ainda não são horas de vires.”

“Só mais dez minutos, senhor.”

“Disparate. São só sete horas.”

“Há duas horas atrás...”

“Vocês, parece que ajustam o relógio à vossa vontade – deixa-me ver quanto é que ainda está na garrafa.”

“Nada” disse Sankar, segurando na garrafa. “A última gota foi servida.” Levantou a garrafa e o outro ficou furioso ao vê-la. “Penso que...” disse, com profunda suspeição, “... há qualquer transação por baixo da mesa – não sei o que tens estado a fazer com a garrafa na varanda.” Sankar aprendeu a não responder a estas acusações. Quando o relógio deu as nove, tocou no ombro do outro e disse “Por favor, termine a sua bebida e levante-se, senhor.” “O que queres dizer? Não me vou levantar. Quem és tu para me dar ordens?” Sankar teve de ser firme.

“Olha, não sejas tolo. Não penses que é a bebida a falar. Estou totalmente sóbrio – deixa-me em paz.”

Sankar persistiu.

“Hoje despeço-te, já não estás ao meu serviço. Não quero um tolo desobediente por companheiro, sai!” Geralmente, Sankar sentava-se, à espera, sem responder e, quando a bebida estivesse terminada, puxava gentilmente o outro para o levantar e conduzia-o ao carro; e o outro seguia-o, fazendo esgares, com os olhos vermelhos, e insultando-o descontroladamente. Hoje, quando o seu patrão disse “Despeço-te, sai agora mesmo.” Sankar respondeu “Como é que me pode despedir assim de repente?! Deverei morrer à fome?”

“Não. Dar-te-ei quatro meses de salário, se saíres neste momento.” Sankar pensou naquilo.

“Não fiques aí sentado. Decide-te rapidamente” disse o seu senhor. Cento e vinte rupias! Mais vinte rupias do que a dívida. Poderia partir para a sua aldeia, dar o dinheiro pessoalmente à mãe e entregar o seu futuro a Deus. Pôs de lado esta visão, abanou a cabeça e disse: “Não, senhor. Tem de se levantar agora, senhor”. “Abandona o serviço!” gritou o seu senhor. Tocou à campainha e gritou pelo empregado: “Traz-me outra”. Sankar protestou com o empregado. “Sai daqui!” gritou o seu senhor. “Pensas que é a bebida a falar. Não te quero. Posso tomar conta de mim. Se não me deixas, direi ao empregado para te expulsar pelo pescoço!” Sankar ficou perplexo. “Agora, jovem...” Tirou a carteira: “Quanto é o teu salário?”

“Trinta rupias, senhor.”

“Aqui estão os teus quatro meses. Aceita e vai-te embora. Tenho uma reunião de negócios aqui e irei para casa quando eu quiser; está ali o carro.” Segurou numa nota de cem rupias e em duas de dez. Prestação da hipoteca. Como posso aceitar? O conflito revolvia-se na mente de Sankar e finalmente ele aceitou o dinheiro e disse: “Muito obrigado, senhor”.

“Não tem de quê.”

“É muito amável.”

“Apenas o dever habitual, mais nada. O meu princípio é ‘Faz ao outros o que gostarias que te fizessem a ti’, é o meu princípio, é ‘Faz...’ Não precisas de vir de manhã. Não preciso de ti. Eras apenas uma solução temporária – Falarei em teu favor, se algum amigo quiser um funcionário ou algo do género.”

“Adeus, senhor.”

“Adeus.” Foi-se embora. O cavalheiro olhou para ele com satisfação, murmurando: “O meu princípio é...aos outros...”

Na manhã seguinte, Sankar foi às compras, comprou pedaços de seda para a irmã mais nova, um par de óculos para a mãe e uns quantos brinquedos de latão para a criança, em casa. Foi para o hotel, viu as contas e acertou a fatura do mês. “Vou-me embora hoje” disse. “Vou regressar à minha aldeia...” O seu coração ardia de alegria. Pagou uma rupia ao empregado, de gorjeta. Empacotou o seu baú e a cama e lançou um último olhar pelo sótão; tinha um inexplicável sentimento de tristeza ao deixar o familiar cubículo manchado pelo fumo. Pelas onze da manhã, estava na paragem do autocarro. O autocarro estava pronto a andar. Ele sentou-se. Estaria em casa às seis da tarde. Que surpresa para a mãe! Conversaria toda a noite e contar-lhes-ia sobre o bêbedo...

Foi despertado da sua fantasia. Um inspetor da polícia, de pé, à entrada do autocarro, tocou-lhe no ombro e perguntou:

“És tu o Sankar?”

“Sim.”

“Desce e segue-me.”

“Vou para a minha aldeia...”

“Não podes ir agora.” O inspetor colocou o baú e a cama em cima da cabeça de um criado e seguiram para a esquadra. Ali, Sankar foi alvo de muitas perguntas, os seus bolsos foram examinados e todo o seu dinheiro foi levado pelo inspetor. O inspetor examinou cuidadosamente a nota de cem rupias e comentou: “O mesmo número. Como é que arranjaste isto? Diz a verdade....”

Pouco tempo depois, o inspetor levantou-se e disse: “Vem comigo à casa do cavalheiro....” Sankar encontrou o seu patrão sentado numa cadeira na varanda, com um ar muito cansado. Apontou uma cadeira para o inspetor e dirigiu-se a Sankar com uma voz cheia de mágoa. “Nunca pensei que fosses deste tipo, Sankar. Roubaste-me quando eu não estava consciente. Se me tivesses pedido, ter-te-ia dado a quantia que quisesses. Tinhas de me atar e de me derrubar?” Mostrou as nódoas negras no seu braço. “Para além de me roubares?” Sankar estava horrorizado. Mal conseguia falar de tanto tremer. Explicou tudo o que tinha acontecido à noite. O patrão e o inspetor ouviram, em silêncio severo, com óbvio ceticismo. O seu patrão disse ao inspetor: “Consegue acreditar nalguma coisa do que ele diz?”

“Não, senhor” respondeu o inspetor.

“Nem eu. O desgraçado foi encurralado e está a inventar....” Pensou durante um momento. “Não sei...julgo que...uma vez que recuperou a quantia...com quanto é que o encontraram?”

“Cerca de cento e dez rupias e alguns trocos...” disse o inspetor.

“O que aconteceu ao resto?” Virou-se para Sankar e perguntou:

“Gastaste-o?”

“Sim, comprei alguns brinquedos e roupas...”

“Bem, bem...” disse o cavalheiro, com um floreio. “Não importa, pobre diabo: tenho pena de ti. Podias ter-me pedido o dinheiro, em vez de me roubares com violência. Sabes onde me encontraram?” perguntou ele, mostrando as nódoas negras no cotovelo. “Sabes que foi só quase no dia seguinte que me levaram para casa? Deixaste-me inconsciente: contudo, retirarei a queixa. ‘Faz aos outros o que gostarias que te fizessem a ti’, é o meu lema. Serviste-me fielmente todos estes meses...mas não apareças de novo à minha frente, és um patife. Agora, sai....”

“Inspetor, depois de terminadas as formalidades, pode enviar-me a quantia recuperada amanhã, muito obrigado....”

Sankar passou fome durante dois dias e vagueou pelas ruas, sem um lugar para a cabeça nem para o baú. Por fim, um dia, ao arrastar-se junto aos correios, teve alguns impressos e postais para escrever, o que lhe mereceu uma rupia. Com ela, comeu uma refeição e apanhou o autocarro para a sua aldeia, de volta aos velhos e infinitos problemas da sua vida familiar.

COMO O SOL

A Verdade, refletiu Sekhar, é como o sol. Julgo que nenhum ser humano pode alguma vez olhá-la de frente sem pestanejar ou ficar ofuscado. Ele percebeu que, de manhã até à noite, a essência das relações humanas consistia em temperar a verdade, de modo a que não fosse chocante. Este dia, ele distinguiu-o como um dia único – pelo menos um dia por ano, devemos dar e receber a Verdade absoluta, sem ligar a consequências. De outra forma, a vida não vale a pena ser vivida. O dia perspectivava-se cheio de possibilidades. Não contou a ninguém sobre a sua experiência. Era uma decisão tranquila, um pacto secreto entre ele e a eternidade.

Anexo II
Página
44

O primeiro teste veio quando a sua mulher lhe serviu a refeição da manhã. Ele mostrou hesitação em relação a um acepipe que ela tinha pensado ser a sua obra-prima da culinária. Ela perguntou “Então, não é bom?” Noutras ocasiões, ele teria dito, considerando os seus sentimentos, “Sinto-me cheio, mais nada.” Mas hoje disse “Não está bom. Não sou capaz de o engolir.” Viu-a estremecer e disse para si mesmo “Não pode ser evitado. A Verdade é como o sol”.

A sua próxima prova foi na sala dos professores, quando um dos seus colegas se aproximou e disse: “Ouviste falar da morte deste e daquele? Não achas que é uma pena?” “Não” respondeu Sekhar. “Era um homem tão bom...” começou o outro. Mas Sekhar interrompeu-o: “Longe disso. Sempre me pareceu uma besta mesquinha e egoísta.”

Durante a última hora, quando ensinava geografia à turma A do terceiro ano, Sekhar recebeu um bilhete do diretor: “Por favor, venha ver-me antes de ir para casa.” Sekhar disse a si próprio: Deve ser sobre estes horríveis testes. Uma centena de testes com rabiscos dos rapazes; ele tinha evitado este trabalho durante semanas, sentindo sempre que era como uma espada suspensa sobre a sua cabeça.

A campainha tocou e os rapazes saíram ruidosamente da sala.

Sekhar parou por um momento, à porta da sala do diretor, para abotoar o casaco; esse era outro assunto sobre o qual o diretor dava sempre sermões.

Entrou, com um muito educado “Boa tarde, senhor.”

O diretor levantou o olhar para ele, de uma forma amigável, e perguntou “Está livre esta tarde?”

Sekhar respondeu “Tenho uma saída que prometi às crianças...”

“Bem, pode levá-las a sair noutra dia. Venha agora comigo até casa.”

“Oh...sim, senhor, com certeza...” E depois acrescentou, timidamente “Algum acontecimento especial, senhor?”

“Sim” respondeu o diretor, sorrindo para si mesmo... “Não conhecia a minha fraqueza por música?”

“Oh, sim, senhor...”

“Tenho andando a aprender e a praticar em segredo e agora quero que me ouça, esta tarde. Contratei um baterista e um violinista para me acompanharem – esta é a primeira vez que o vou fazer com toda a cerimónia e quero a sua opinião. Sei que será valiosa.”

O gosto musical de Sekhar era muito conhecido. Era um dos críticos de música mais temidos na cidade. Mas nunca previu que as suas inclinações musicais o levariam a este teste... “É uma surpresa para si, não é?” perguntou o diretor. “Tenho gasto uma fortuna nisto, à porta fechada...” Seguiram para a casa do diretor. “Deus não me deu uma criança, mas, ao menos, que não me negue o consolo da música” disse o diretor, pateticamente, enquanto andavam. Conversava incessantemente sobre música: como um dia começara, por se sentir entediado; como o professor tinha rido dele, ao princípio, e, depois, lhe tinha dado esperança; como a sua ambição de vida era esquecer-se na música.

Em casa, o diretor mostrou-se muito agradável. Sentou Sekhar numa carpete de seda vermelha, colocou à sua frente vários pratos de iguarias e andou à sua volta como se ele fosse um genro. Até disse “Bem, deve ouvir com a mente aberta. Não se preocupe com os testes.” Acrescentou, meio a brincar “Dar-lhe-ei uma semana, de prazo.”

“É melhor dez dias, senhor” pediu Sekhar.

“Está bem, concedidos” disse o diretor, generosamente. Sekhar sentiu-se mesmo aliviado neste momento – iria atacá-los a um ritmo de dez por dia e livrar-se-ia da maçada.

O diretor acendeu pauzinhos de incenso. “Só para criar a atmosfera certa” explicou. Um baterista e um violinista, já sentados num tapete de Rangoon, estavam à sua espera. O diretor sentou-se entre eles, como um profissional num concerto, aclarou a garganta, começou um

*alapana*³⁹ e parou para perguntar “Não é uma boa *Kalyani*⁴⁰?” Sekhar fingiu não ter ouvido a pergunta. O diretor continuou, cantando uma canção completa, composta por Thyagaraja, e prosseguiu com mais duas. Durante todo o tempo em que o diretor cantou, Sekhar foi comentando para si mesmo, Ele coaxa como uma dúzia de sapos, Está a bramir como um búfalo. Agora parecem persianas soltas numa tempestade.

Os pauzinhos de incenso ardiam devagar. A cabeça de Sekhar latejava com a mistura de sons que atacava os seus tímpanos, há já um par de horas. Sentia-se meio atordoado. O diretor tinha ficado quase rouco, quando parou para perguntar “Devo continuar?” Sekhar respondeu “Não, por favor, senhor, penso que já chega...” O diretor pareceu admirado. A sua cara estava perlada de transpiração. Sekhar sentiu a mais profunda pena. Mas sabia que não o poderia evitar. Um juiz ditando a sua sentença não se sentiria mais desgostoso e desamparado. Sekhar reparou que a esposa do diretor espreitava, da cozinha, com ávida curiosidade. O baterista e o violinista guardaram os seus fardos com ar de alívio. O diretor retirou os seus óculos, limpou o sobrolho e pediu “Agora, venha de lá a sua opinião.”

“Não a posso dar amanhã, senhor?” experimentou Sekhar.

“Não. Quero-a imediatamente – a sua opinião sincera. Foi bom?”

“Não, senhor...” respondeu Sekhar.

“Oh!... Vale a pena continuar com as minhas aulas?”

“Não serve absolutamente de nada, senhor...” disse Sekhar, com a voz a tremer. Sentiu-se muito infeliz por não poder falar mais brandamente. A Verdade, refletiu, requeria tanta força para a dar como para a receber.

Durante todo o caminho para casa, sentiu-se preocupado. Sentia que a sua vida oficial não iria de vento em popa, a partir dali. Havia questões de aumentos e validações e por aí adiante, todas dependentes da boa vontade do diretor. Parecia que o esperavam todo o tipo de problemas... Não perdeu Harischandra⁴¹ o seu trono, esposa e criança, porque não dizia nada mais do que a Verdade absoluta, acontecesse o que acontecesse?

³⁹ Fase de improvisação musical que antecede uma escala, na música clássica indiana.

⁴⁰ Execução, atuação.

⁴¹ Nos textos religiosos hindus, este rei simboliza a vida ideal, uma vez que nunca mentia e cumpria sempre a sua palavra.

Em casa, a sua esposa serviu-o, de cara carrancuda. Sabia que ela ainda estava zangada com ele devido ao seu comentário da manhã. Duas baixas hoje, disse Sekhar para si próprio. Se praticar durante uma semana, penso que não sobrá um único amigo.

No dia seguinte, recebeu, na sua sala, uma chamada do diretor. Levantou-se, com apreensão.

“A sua sugestão foi útil. Despedi o professor de música. Ninguém me queria dizer a verdade sobre a minha música, estes dias todos. Porquê estas excentricidades na minha idade?! Obrigado. Já agora, e aqueles testes?”

“Deu-me dez dias, senhor, para os corrigir.”

“Oh, reconsiderarei. Tenho mesmo de os ter amanhã...” Cem testes num dia! Isso significava ficar sentado toda a noite! “Dê-me um par de dias, senhor...”

“Não, tenho de os ter amanhã. E lembre-se, cada teste deve ser examinado ao pormenor.”

“Sim, senhor” disse Sekhar, sentindo que ficar sentado toda a noite com cem testes era um preço baixo a pagar pelo luxo de praticar a Verdade.

DEBAIXO DA FIGUEIRA

A aldeia de Somal, aninhada na extensão da floresta Mempi, tinha uma população de menos de trezentas pessoas. Em todos os aspetos, era uma aldeia que faria murchar o coração de um reformista rural. O seu tanque, uma pequena extensão de água, mesmo no centro da cidade, servia para bebidas, banhos e lavagem do gado e gerava malária, tifoide e sabe Deus que mais. As cabanas espalhavam-se de qualquer maneira e os caminhos torciam-se e retorciam-se para cima e para baixo e estrangulavam-se uns aos outros. A população usava a estrada como lixeira e, no quintal de cada casa, a água dos esgotos estagnava em poças verdes.

Assim era a aldeia. É provável que os habitantes da aldeia fossem insensíveis: mas é mais do que provável que nunca reparassem no que os rodeava, porque viviam numa espécie de encantamento eterno. O encantador era Nambi, o contador de histórias. Era um homem com cerca de sessenta ou setenta anos. Ou teria oitenta ou cento e oitenta? Quem poderia dizer? Num local tão isolado como Somal (a paragem de autocarro mais próxima ficava a dez milhas), a estimativa dificilmente poderia estar entre as medidas de tempo habituais. Se alguém perguntava a Nambi qual era a sua idade, ele referia uma fome antiga, ou uma invasão, ou a construção de uma ponte e indicava qual era a sua altura nesse tempo.

Era analfabeto, no sentido em que a palavra escrita era um mistério para ele; mas podia inventar uma história, na sua cabeça, à velocidade de uma por mês; cada história levava quase dez dias para contar.

A sua casa era o pequeno templo que ficava mesmo na ponta da aldeia. Ninguém conseguia dizer como é que ele tinha chegado a considerar-se o dono do templo. O templo era uma estrutura muito pequena, com paredes de tiras vermelhas e uma imagem de pedra da Deusa Shakti no santuário. A parte da frente do templo era a casa de Nambi. Fosse como fosse, qualquer lugar podia ser a sua casa, já que não tinha posses. Tudo o que possuía era uma vassoura, com a qual varria o templo, e tinha também um par de *dhoties*⁴² e roupas de cima. Passava a maior parte do dia à sombra da figueira que estendia os ramos em frente ao templo. Quando sentia fome, entrava em qualquer casa que lhe chamasse a atenção e juntava-se à família para o jantar. Quando precisava de roupas novas, eram-lhe trazidas pelos aldeões. Quase nunca tinha de sair à procura de companhia; a sombra da figueira servia de clube para

⁴² Traje tradicional masculino hindu, que consiste num pedaço de pano enrolado na cintura e nas pernas e que é atado na cintura.

as gentes da aldeia. Durante todo o dia, as pessoas procuravam a companhia de Nambi e acoravam-se debaixo da árvore. Se estivesse com disposição para isso, ouvia a sua conversa e entretinha-os com as suas observações e anedotas. Quando não tinha disposição, olhava acidamente para os visitantes e perguntava “O que é que pensam que sou? Não me culpem se não tiverem história na próxima lua. Se não meditar, como é que a Deusa me pode dar uma história? Acham que as histórias andam no ar?” E saía para a orla da floresta e acorava-se lá, contemplando as árvores.

Às sextas, ao entardecer, a aldeia aparecia no templo para adorar, quando Nambi acendia uma série de lâmpadas de barro e as dispunha em redor da entrada do santuário. Decorava a imagem com flores, que cresciam de forma selvagem no quintal do templo. Atuava como padre e oferecia à Deusa frutos e flores, trazidos pelos aldeões.

Nas noites em que tinha uma história para contar, acendia uma lâmpada e colocava-a num nicho no tronco da figueira. Os aldeões, quando regressavam a casa, viam isto, iam para casa e diziam às suas mulheres “Vá, vá, apressa-te com o jantar, o encantador está-nos a chamar”. Enquanto a lua se arrastava por detrás do outeiro, homens, mulheres e crianças juntavam-se debaixo da figueira. O contador de histórias não aparecia logo. Estaria sentado no santuário, em frente à Deusa, com os olhos fechados, em profunda meditação. Sentava-se assim durante o tempo que quisesse e, quando saía, com a testa brilhante, com cinza e vermelhão, tomava o seu lugar numa plataforma de pedra em frente ao templo. Começava a história com uma pergunta. Sacudindo o dedo em direção a um destino vago e longínquo, perguntava “Há mil anos, à distância de um lançamento de pedra naquela direção, o que julgam que havia? Não era a lixeira coberta de ervas que é agora, para os burros se reboarem. Não era a vala de cinzas que é agora. Era a capital do rei ...” O rei seria Dasaratha, Vikramaditya, Asoka, ou qualquer outro que viesse à cabeça do velho homem; a capital chamava-se Kapila, Kridapura, ou outra coisa qualquer. Começando desta maneira, o velho homem prosseguia sem uma pausa durante três horas. Então, tijolo a tijolo, o palácio do rei estava construído. O velho homem descrevia a deslumbrante sala real, onde se sentavam uma centena de reis vassalos, ministros e súbditos; noutra parte do palácio, reuniam-se todos os músicos do mundo e cantavam; e a maior parte das músicas era cantada outra vez por Nambi para a sua audiência; e descrevia ao pormenor as imagens e troféus que pendiam das paredes do palácio...

Era construção de histórias numa escala épica. O primeiro dia mal transmitia o cenário do conto e a audiência de Nambi ainda não fazia ideia de quem ia entrar na história. À medida

que a lua deslizava por detrás das árvores da floresta Mempi, Nambi dizia “Agora, amigos, a Mãe diz que chega por hoje.” Levantava-se abruptamente, entrava, deitava-se e adormecia muito antes de cessar o barulho da multidão.

A luz no nicho seria vista de novo dois ou três dias mais tarde e uma e outra vez, durante a metade luminosa do mês. Reis e heróis, vilões e mulheres semelhantes a fadas, deuses em forma humana, santos e assassinos acotovelavam-se uns aos outros naquele mundo que era criado debaixo da figueira. A voz de Nambi subia e descia, num ritmo delicado, e o luar e a hora completavam a magia. Os aldeões riam com Nambi, choravam com ele, adoravam os heróis, amaldiçoavam os vilões, resmungavam quando o conspirador tinha o seu êxito inicial e enviavam aos deuses uma prece sentida por um final feliz....

No dia em que a história terminava, toda a multidão entrava no santuário e se prostrava perante a Deusa....

Quando a próxima lua espreitava por cima do outeiro, Nambi estava a postos, com outra história. Nunca repetia o mesmo tipo de história, nem fazia entrar o mesmo conjunto de pessoas e as gentes da aldeia consideravam Nambi como uma espécie de milagre, citavam as suas palavras de sabedoria e, no geral, viviam num plano exaltado, muito próprio, embora as suas vidas, em todos os outros aspetos, fossem duras e enfadonhas.

E, ainda assim, continuou durante anos e anos. Uma lua, acendeu a lâmpada na árvore. A audiência veio. O velho homem ocupou o seu lugar e começou a história. “...Quando o Rei Vikramaditya era vivo, o seu ministro era...” Fez uma pausa. Não conseguia passar deste ponto. Começou de novo. “Havia o rei...” disse, repetiu e depois as suas palavras perderam-se num vago resmungar. “O que é que me deu?” perguntou, pateticamente. “Oh, Mãe, grande Mãe, porque tropeço e gaguejo? Sei a história. Tinha-a toda, há um instante. Era sobre o quê? Não consigo compreender o que aconteceu.” Hesitou e pareceu tão miserável que a sua audiência disse “Não tenhas pressa. Talvez estejas cansado”.

“Calem-se!” gritou. “Estou cansado? Esperem um instante; já vos irei contar a história.” A seguir a isto, houve um silêncio absoluto. Faces ansiosas olharam para ele. “Não olhem para mim!” zangou-se. Alguém lhe deu um copo de leite. A audiência esperou pacientemente. Esta era uma experiência nova. Algumas pessoas expressaram a sua compaixão em voz alta. Algumas pessoas começaram a falar entre si. Aqueles que estavam sentados à ponta da multidão escapuliram-se silenciosamente. Gradualmente, quando se aproximou a meia-noite,

outros seguiram este exemplo. Nambi estava sentado fixando o chão, a cabeça curvada em reflexão. Pela primeira vez, percebeu que estava velho. Sentiu que nunca mais seria capaz de controlar os seus pensamentos ou expressá-los convincentemente. Levantou o olhar. Todos tinham partido, exceto o seu amigo Mari, o ferreiro. “Mari, porque não partiste também?”

Mari pediu desculpa pelos demais: “Eles não te queriam cansar; então, foram-se embora.”

Nambi levantou-se. “Tens razão. Amanhã vou compensar. A idade, a idade. Qual é a minha idade? Veio subitamente.” Apontou para a sua cabeça e disse “Isto diz ‘Velho tolo, não penses que continuarei a ser tua criada. Daqui em diante, serás tu o meu criado’. É desobediente e traiçoeira”.

Acendeu a lâmpada no nicho, no dia seguinte. A multidão reuniu-se debaixo da figueira, fielmente. Nambi tinha passado o dia inteiro em meditação. Tinha estado a rezar fervorosamente à Deusa para não o abandonar. Começou a história. Prosseguiu durante uma hora sem uma pausa. Sentiu-se muito aliviado, tanto que interrompeu a sua narração para comentar “Oh, amigos. A Mãe é sempre amável. Apoderou-se de mim um receio tolo...” e continuou a história. Poucos minutos depois, sentiu-se esgotado. Lutou com esforço: “E depois...e depois...o que aconteceu?” Gaguejou. Seguiu-se uma pausa que durou uma hora. A audiência levantou-se sem uma palavra e foi para casa. O velho homem ficou sentado na pedra, meditando até que o galo cantou. “Não os posso culpar por isto” murmurou para si próprio. “Poderiam estar aqui sentados a lamentar-se toda a noite?” Dois dias depois, deu outra prestação da história e também essa durou apenas alguns minutos. A multidão diminuiu. Menos pessoas começaram a reparar na lâmpada, no nicho. Até mesmo estas apareciam só pelo sentido do dever. Nambi percebeu que prolongar a luta não fazia sentido. Levou a história a um fim rápido e prematuro.

Ele sabia o que estava a acontecer. Foi atormentado pelos pensamentos sobre o seu fracasso. “Teria sido mais feliz se tivesse caído morto há uns anos” disse para si mesmo. “Mãe, porque me tornaste mudo...?” Fechou-se no santuário; mal comia e passava a maior parte do dia sentado, imóvel, em meditação.

A lua seguinte espreitou por cima do outeiro, Nambi acendeu a lâmpada no nicho. Os aldeões viram a lâmpada quando regressavam a casa, mas só uma mão-cheia deles apareceu, à noite. “Onde estão os outros?” perguntou o velho homem. “Vamos esperar.” Ele esperou. A lua subiu. A sua mão-cheia de audiência esperou pacientemente. E então o velho homem disse

“Não contarei a história hoje, nem amanhã, a menos que toda a aldeia venha. Faço questão disso. É uma história poderosa. Todos devem ouvi-la.” No dia seguinte, andou para cima e para baixo, na rua da aldeia, gritando “Tenho um conto extraordinário para contar esta noite. Venham todos; não percam...” Este apelo pessoal teve um grande efeito. À noite, reuniu-se uma grande multidão debaixo da figueira. Estavam felizes porque o contador de histórias tinha recuperado os seus poderes. Nambi saiu do templo quando todos se tinham acomodado e disse: “É a Mãe quem dá os dons; e é ela quem tira os dons. Nambi é um tonto. Fala apenas quando a Mãe tem algo a dizer. Fica mudo quando ela não tem nada para dizer. Mas qual é a utilidade do jasmim quando perdeu o seu aroma? Para que serve a lâmpada quando já não há óleo? Um agradecimento à Deusa... Estas são as minhas últimas palavras nesta Terra; e esta é a minha maior história.” Levantou-se e entrou no santuário. A sua audiência mal percebeu o que ele queria dizer. Ficaram ali sentados até ficarem exaustos. Então, alguns levantaram-se e entraram no santuário. O contador de histórias estava lá sentado, de olhos fechados. “Não nos vais contar uma história?” perguntaram. Ele abriu os olhos, olhou para eles e abanou a cabeça. Indicou através de gestos que tinha dito as suas últimas palavras.

Quando tinha fome, entrava em qualquer cabana e, em silêncio, sentava-se para comer e ia-se embora quando terminava. Para além disto, não pedia quase nada dos seus companheiros. O resto da sua vida (viveu durante mais alguns anos) foi um grande e consumado silêncio.

Para Swami, os acontecimentos sofreram uma reviravolta inesperada. O Pai olhou por cima do jornal que estava a ler, à luz da lâmpada da sala, e disse “Swami, ouve isto: ‘Chegaram notícias da bravura de um miúdo de uma aldeia que, ao regressar a casa por um caminho na selva, se viu frente a frente com um tigre...’” O parágrafo descrevia a luta que o rapaz tivera com o tigre e a sua fuga para uma árvore, onde permaneceu durante meio-dia, até que algumas pessoas apareceram por lá e mataram o tigre.

Depois de ler até ao fim, o Pai olhou fixamente para Swami e perguntou “O que dizes a isto?”

Swami disse “Penso que deve ter sido uma pessoa crescida e muito forte, nem de perto um rapaz. Como poderia um rapaz lutar com um tigre?”

“Pensas que és mais esperto do que o jornal?” zombou o Pai. “Um homem pode ter a força de um elefante e ainda assim ser um covarde: ao passo que outro pode ter a força de uma palha, mas, se tiver coragem, pode fazer qualquer coisa. A coragem é tudo, a força e a idade não são importantes.”

Swami contestou a teoria. “Como pode isso ser, Pai? Supõe que tenho toda a coragem. O que posso fazer se um tigre me atacar?”

“Deixa lá a força, podes provar que tens coragem? Deixa-me ver se consegues dormir sozinho esta noite no meu escritório.”

Uma proposta assustadora, pensou Swami. Ele tinha sempre dormido ao lado da sua avozinha, no corredor, e qualquer mudança nesta combinação mantinha-o a tremer e acordado toda a noite. Primeiro, teve esperança de que o seu pai estivesse só a brincar. Murmurou debilmente “Sim” e tentou mudar de assunto; disse bem alto e com muito entusiasmo “Até vamos admitir mais velhos no nosso clube de críquete, daqui para a frente. Vamos comprar novos bastões e bolas. O nosso capitão pediu-me para te dizer...”

“Vemos isso depois” interrompeu o Pai. Deves dormir sozinho de hoje em diante.” Swami percebeu que o assunto tinha ido para além do seu controlo: de um desafio, tinha-se tornado uma ordem clara; ele conhecia a tenacidade do pai em momentos assim.

“A partir do primeiro dia do próximo mês, dormirei sozinho, Pai.”

“Não, tens de o fazer agora. É vergonhoso dormir com a avó ou a mãe, como um bebé. Estás no segundo ano e não gosto nada da forma como estás a ser criado” disse ele e olhou para a mulher, que estava a embalar o berço. “Porque estás a olhar assim para mim?” perguntou ela. “Não sei quase nada sobre o rapaz.”

“Não, não, não me refiro a ti” disse o pai.

“Se queres dizer que a tua mãe o está a estragar, diz-lhe isso; e não olhes para mim” disse ela e voltou-se.

O pai de Swami ficou sentado, contemplando melancolicamente o jornal no seu colo. Swami levantou-se em silêncio e foi em bicos dos pés para a sua cama, no corredor. A Avó estava sentada na sua cama e comentou “Rapaz, já tens sono? Não queres uma história?” Swami gesticulou ferozmente para calar a sua avó, mas a boa senhora não viu nada. Por isso, Swami atirou-se para a sua cama e puxou o lençol sobre a cara.

A Avó disse “Não tapes a cara. Tens mesmo muito sono?” Swami inclinou-se e sussurrou “Por favor, por favor, cale-se, avó. Não fale comigo e não deixe ninguém chamar-me, mesmo que a casa esteja a arder. Se não durmo já, é possível que morra.” Virou-se, encolheu-se e ressonou debaixo do lençol, até que o lençol lhe foi puxado.

Pouco tempo depois, o Pai apareceu e ficou de pé, por cima dele. “Swami, levanta-te” disse. Parecia uma aparição na escuridão parcial do corredor, que era iluminado por um cone de luz vindo da sala. Swami agitou-se e resmungou como se estivesse a dormir. O Pai disse “Levanta-te, Swami”. A Avó perguntou “Porque o incomodas?”

“Levanta-te, Swami” disse ele, pela quarta vez, e Swami levantou-se. O Pai enrolou a sua cama, levou-a debaixo do braço e disse “Vem comigo”. Swami olhou para a sua avó, hesitou um momento e seguiu o pai até ao escritório. No caminho, lançou um olhar de apelo à sua mãe e ela disse “Porque o levavas para o escritório? Pode dormir na sala, julgo eu.”

“Não creio.” disse o Pai e Swami seguiu-o de cabeça baixa.

“Deixa-me dormir na sala, Pai” pediu Swami. “O teu escritório é muito poeirento e pode haver escorpiões atrás dos teus livros de Direito.”

“Não há escorpiões, amiguinho. Dorme no banco, se quiseres.”

“Posso ter lá um candeeiro aceso?”

“Não. Tens de aprender a não ter medo da escuridão. É apenas uma questão de hábito. Tens de cultivar bons hábitos.”

“Ao menos, deixas-me a porta aberta?”

“Está bem. Mas promete que não enrolas a cama e vais para o lado da tua avó, durante a noite. Se o fizeres, presta bem atenção, farei de ti motivo de troça na tua escola.”

Swami sentiu-se afastado da humanidade. Estava aflito e zangado. Não gostava da tendência de crueldade que via na natureza do pai. Odiou o jornal por publicar a história do tigre. Desejou que o tigre não tivesse poupado o rapaz, que afinal de contas nem parecia ser um rapaz, mas um monstro...

À medida que a noite avançava e o silêncio na casa se aprofundava, o seu coração batia mais depressa. Recordou todas as histórias de demónios e fantasmas que tinha ouvido na vida. Quantas vezes o seu amigo Mani tinha visto o demónio na figueira, no final da rua. Então e o pobre pai de Munisami, que cuspiu sangue porque o demónio junto à margem do rio lhe tinha batido na face quando este regressava a casa, uma noite, já tarde. Os seus pensamentos continuaram por aí adiante. Estava fraco, do medo. Um raio de luz, da lâmpada da rua, infiltrava-se e lançava sombras na parede. Por entre a quietude, chegavam aos seus ouvidos todo o tipo de ruídos – o tiquetaque do relógio, o sussurro das árvores, o barulho do ressonar e o zumbido de uns quaisquer insetos noturnos. Tapou-se tão completamente que mal conseguia respirar. A qualquer momento esperava que os demónios aparecessem para o levar; havia o exemplo do seu velho amigo, do quarto ano, que subitamente desaparecera e dizia-se que tinha sido levado por um fantasma para o Sião ou o Nepal...

Swami levantou-se apressadamente, estendeu a cama por baixo do banco e encolheu-se ali. Parecia ser um sítio muito mais seguro, mais compacto e tranquilizador. Fechou os olhos com força, embrulhou-se de novo no lençol e, involuntariamente, adormeceu. Adormecido, foi atormentado por pesadelos. Um tigre perseguia-o. Os seus pés estavam presos ao chão. Desesperadamente, tentou escapar mas os pés não se mexiam; o tigre estava atrás dele e ele podia ouvir as suas garras a arranhar o chão... Rrrr! Rrrr! E depois um leve baque... Swami tentou abrir os olhos, mas as suas pálpebras não queriam abrir e o pesadelo continuou. Ameaçava continuar para sempre. Swami gemeu, em desespero.

Com um esforço desesperado, abriu os olhos. Pôs a mão de fora para sentir a presença da avó ao seu lado, como era hábito, mas tocou apenas na perna de madeira do banco. E

recordou-se da sua condição solitária. Suava com medo. E o que era agora este rumorejar? Deslocou-se para a ponta do banco e olhou fixamente para a escuridão. Algo se movia mais à frente. Ficou deitado, contemplando com horror. O seu fim tinha chegado. Percebeu que o demónio em breve iria puxá-lo e desfazê-lo; então porquê esperar? Enquanto aquilo se aproximava, saiu rastejando de debaixo do banco, abraçou-o com toda a força e ferrou-lhe os dentes como se fossem uma arma mortal...

“*Aiyó!* Fui mordido por qualquer coisa”, seguiu-se a um colossal grito agoniado e foi sucedido por pesados tombos e quedas no meio da mobília. Num instante, Pai, cozinheiro e um criado entraram, trazendo luz.

E todos os três caíram em cima do ladrão, que estava estendido por entre a mobília, com um tornozelo a sangrar....

Choveram felicitações em cima de Swami, no dia seguinte. Os seus colegas olhavam-no com respeito e o professor deu-lhe umas palmadinhas nas costas. O diretor disse que ele era um verdadeiro vigia. Swami tinha mordido um dos mais famosos assaltantes de casas do distrito e a polícia estava-lhe grata.

O Inspetor disse “Porque não te juntas à polícia quando fores crescido?”

Swami disse, por gentileza, “Sim, certamente”, embora tivesse decidido ser maquinista, guarda de caminho-de-ferro ou condutor de autocarros.

Quando regressou a casa, vindo do clube, nessa noite, o Pai perguntou “Onde está o rapaz?”

“Está a dormir.”

“Já!”

“Não pregou olho em toda a noite passada” disse a sua mãe.

“Onde é que ele está a dormir?”

“No sítio habitual” disse a Mãe, casualmente. “Foi para a cama às sete e meia.”

“A dormir com a avó outra vez!” disse o Pai. “Não admira que quisesse estar a dormir antes de eu poder voltar para casa – rapaz esperto!”

A Mãe perdeu a cabeça. “Deixa-o dormir onde quiser. Não precisas de lhe arriscar a vida outra vez...” O Pai resmungou enquanto entrava para mudar de roupa: “Está bem, apapariquem e mimem-no o quanto quiserem. Não me venham é culpar depois...”

Swami, acompanhando toda a conversa debaixo do lençol, sentiu-se tremendamente aliviado ao ouvir que o pai ia desistir dele.

Deitado na cama, Swami percebeu, com um arrepio, que era segunda-feira de manhã. Parecia que apenas há um instante tinha sido a última aula de sexta-feira; a segunda-feira já aqui estava. Ele desejou que um terramoto reduzisse o edifício da escola a pó, mas aquele belo edifício – a Escola Albert Mission – tinha aguentado preces similares há já mais de cem anos. Às nove em ponto, Swaminathan lamuriou “Tenho uma dor de cabeça”. A sua mãe disse “Porque é que não vais para a escola numa *jutka*?”

“Para estar completamente morto à chegada? Fazes alguma ideia do que significa ser sacudido numa *jutka*?”

“Tens muitas aulas importantes hoje?”

“Importantes! Bah! Aquele professor de geografia tem andado a ensinar a mesma lição há um ano. E temos aritmética, o que quer dizer que, durante uma hora inteira, vamos ser sovados pelo professor... Aulas importantes!”

E a Mãe, generosamente, sugeriu que Swami podia ficar em casa.

Às nove e meia, quando deveria estar a gritar na sala de preces da escola, Swami estava deitado no banco, no quarto da Mãe. O Pai perguntou-lhe “Não tens escola hoje?”

“Dor de cabeça” respondeu Swami.

“Disparate! Veste-te e vai.”

“Dor de cabeça.”

“Passeia menos aos domingos e não terás dor de cabeça às segundas.”

Swami sabia o quão teimoso o pai podia ser e mudou de tática. “Não posso ir às aulas tão tarde.”

“Concordo, mas tens de ir; a culpa é tua. Devias ter-me perguntado antes de decidir não ir.”

“O que pensará o professor se eu for tão tarde?”

“Diz-lhe que tiveste uma dor de cabeça e por isso estás atrasado.”

“Ele vai-me bater se eu disser isso.”

“Vai? Veremos. Como se chama?”

“Samuel.”

“Ele bate nos rapazes?”

“Ele é muito violento, especialmente com rapazes que chegam tarde. Há uns dias, fez um rapaz ficar de joelhos, durante uma hora inteira, no canto da sala, porque chegou atrasado e isso depois de levar seis golpes de chibata e de lhe ter puxado as orelhas. Eu não gostaria de chegar tarde à aula do Samuel.”

“Se ele é tão violento, por que não contam ao vosso diretor?”

“Dizem que até o diretor tem medo dele. É um homem tão violento.”

E depois Swami forneceu um relato sinistro da violência de Samuel; como ele, quando começava a bater com a chibata, não parava até ver sangue na mão do rapaz, que obrigava o rapaz a pressioná-la contra a testa, como uma marca de vermelhão. Swami esperava que, com isto, o seu pai percebesse que ele não podia ir atrasado para a aula. Mas o comportamento do Pai tomou um rumo inesperado. Ficou exaltado. “O que é que estes porcos pretendem com bater nas nossas crianças? Tem de ser postos fora do serviço. Vou-me assegurar...”

O resultado foi que propôs mandar Swami atrasado para a aula, como uma espécie de desafio. Ia também enviar uma carta, com Swami, para o diretor. Nenhum tipo de protesto valeu: Swami tinha de ir à escola.

Quando acabou de se preparar, o Pai tinha redigido uma longa carta para o diretor, colocado num envelope e selado.

“O que escreveste, Pai?” perguntou apreensivamente Swami.

“Para ti, nada. Dá-a ao teu diretor e vai para a aula.”

“Escreveste alguma coisa sobre o nosso professor Samuel?”

“Muita coisa sobre ele. Quando o teu diretor a ler, provavelmente irá despedir Samuel e entregá-lo à polícia.”

“O que fez ele, Pai?”

“Bem, há um relato completo de tudo o que fez na carta. Dá-a ao teu diretor e vai para a tua aula. Deves trazer um comprovativo dele, à tarde.”

Swami foi para a escola sentindo que era o pior mentiroso do mundo. A sua consciência incomodava-o: não tinha a certeza de ter sido correto na sua descrição de Samuel. Não conseguia decidir quanto do que tinha dito era imaginado e quanto era real. Parou por um momento à beira da estrada para se decidir em relação a Samuel: afinal, ele não era um homem tão mau assim. Pessoalmente, era bastante mais amistoso do que os outros; muitas vezes, dizia uma piada ou duas sobre a inércia de Swami e Swami considerava isso como um sinal do interesse pessoal de Samuel por ele. Mas sem dúvida que tratava mal as pessoas... A sua chibata esfolava as mãos das pessoas. Swami rebuscou na sua mente por um exemplo disto. Do seu conhecimento, não havia nenhum. Há muitos e muitos anos, era conhecido por ter esfolado os nós dos dedos de um rapaz no primeiro ano e o ter feito espalhar o sangue pela face. Ninguém tinha, de facto, visto. Mas ano após ano, a história persistia entre os rapazes... A cabeça de Swami estava tonta de confusão em relação ao carácter de Samuel – se era bom ou mau, se merecia as acusações da carta ou não... Swami sentiu um impulso de correr para casa e suplicar ao pai que recebesse a carta de volta. Mas o Pai era um homem obstinado.

Ao aproximar-se do edifício amarelo, percebeu que estava a mentir a si mesmo e a arruinar o seu professor. Provavelmente, o diretor iria despedir Samuel e depois a polícia iria prendê-lo e pô-lo na prisão. Por toda esta desgraça, humilhação e sofrimento, quem seria responsável? Swami estremeceu. Quanto mais pensava em Samuel, mais sofria por ele – a face escura, os seus olhos pequenos e raiados de vermelho, a linha fina do seu bigode, a face e o queixo por barbear, o seu casaco amarelo; tudo encheu Swami de pena. Quando sentia o vulto da carta no seu bolso, sentia-se como um carrasco. Por um momento, ficou zangado com o seu pai e perguntou-se por que razão não deveria deitar para a sarjeta a carta de um homem tão despropositado e teimoso.

Ao entrar pelo portão da escola, ocorreu-lhe uma ideia, uma espécie de solução. Não entregaria a carta ao diretor imediatamente, mas no final do dia – nessa medida, iria desobedecer a seu pai e exercer a sua independência. Não havia nada de mal nisso e, de qualquer forma, o Pai não saberia. Se a carta fosse entregue no final do dia, havia uma possibilidade de que Samuel pudesse fazer alguma coisa que justificasse a carta.

Swami ficou de pé à entrada da sua aula. Samuel estava a ensinar aritmética. Olhou para Swami durante um instante. Swami continuou de pé, desejando que Samuel caísse sobre ele e lhe arrancasse a pele. Mas Samuel apenas perguntou “Vens agora de chegada à aula?”

“Sim, senhor.”

“Estás meia hora atrasado.”

“Eu sei.” Swami esperou ser atacado agora. Quase rezou: “Deus de Thirupathi⁴³, por favor, faz com que Samuel me bata.”

“Estás atrasado porquê?”

Swami quis responder “Só para ver o que podes fazer”. Mas disse apenas “Tenho dor de cabeça, senhor”.

“Então, porque é que vieste à escola?”

Uma pergunta deveras inesperada de Samuel. “O meu pai disse que eu não devia perder a aula, senhor” disse Swami.

Isto pareceu impressionar Samuel. “O teu pai tem muita razão; um homem muito sensato. Queremos mais pais como ele.”

“Oh, pobre verme!” pensou Swami. “Não sabes o que o meu pai te fez.” Estava mais confuso do que nunca sobre o carácter de Samuel.

“Está bem, vai para o teu lugar. Ainda tens a dor de cabeça?”

“Ligeiramente, senhor.”

Swami foi para o seu lugar com o coração a sangrar. Nunca tinha conhecido um homem tão bom como Samuel. O professor estava a inspecionar os trabalhos de casa, o que geralmente produzia (pelo menos, segundo a opinião de Swami) cenas de grande violência. Os cadernos seriam atirados à cara, os rapazes seriam maltratados, sovados e postos de pé em cima de bancos. Mas, hoje, Samuel parecia ter desenvolvido mais tolerância e gentileza. Empurrava os livros errados, apenas tocava nas pessoas, com a chibata, não fez ninguém ficar

⁴³ Nome de uma cidade indiana, com um templo do mesmo nome, dedicado ao Deus Venkateshwara (forma do Deus Vishnu que destrói os pecados, para salvação da humanidade).

de pé durante mais do que uns minutos. Chegou a vez de Swami. Ele quase agradeceu a Deus pela oportunidade.

“Swaminathan, onde está o teu trabalho de casa?”

“Não fiz nenhum trabalho de casa, senhor” disse ele, maliciosamente.

Houve uma pausa.

“Porquê – dor de cabeça?” perguntou Samuel.

“Sim, senhor.”

“Está bem, senta-te.” Swami sentou-se, perguntando-se o que teria dado a Samuel. A aula chegou ao fim e Swami sentiu-se desolado. A última aula do dia era dada outra vez por Samuel. Desta vez, veio ensinar história da Índia. A aula começava às 3:45 e terminava às 4:30. Swaminathan tinha passado as últimas aulas sentado, a pensar intensamente. Não conseguia imaginar quaisquer meios para provocar Samuel. Quando o relógio deu as quatro, Swami sentiu-se desesperado. Mais meia hora. Samuel estava a ler o texto vermelho, a parte que descrevia a chegada de Vasco da Gama à Índia. Os rapazes ouviam, meio adormecidos. Swami, subitamente, perguntou, com a voz no máximo “Porque é que Colombo não veio à Índia, senhor?”

“Perdeu-se.”

“Não consigo acreditar; é inacreditável, senhor.”

“Porquê?”

“Um homem tão extraordinário. Não saberia ele o caminho?”

“Não grites. Posso ouvir-te muito bem.”

“Não estou a gritar, senhor; esta é a minha voz normal, que Deus me deu. Como posso evitar?”

“Cala-te e senta-te.”

Swaminathan sentou-se, sentindo-se vagamente feliz com o seu sucesso. O professor lançou-lhe um olhar confuso e desconfiado e continuou a lição.

A oportunidade seguinte aconteceu quando Sankar, do primeiro banco, se levantou e perguntou “Senhor, Vasco da Gama foi a primeira pessoa a vir à Índia?”

Antes que o professor pudesse responder, Swami gritou, do banco de trás “É o que dizem”.

O professor e todos os rapazes olharam para Swami. O professor estava confuso com o comportamento inoportuno de Swami hoje. “Swaminathan, estás outra vez a gritar.”

“Não estou a gritar, senhor. Como posso evitar a minha voz, dada por Deus?” O relógio da escola deu o quarto de hora. Mais um quarto. Swami sentiu que devia fazer algo drástico em quinze minutos. Samuel tinha, sem dúvida, feito má cara e repreendido, mas dificilmente era suficiente. Swami achou que, com mais um pouco de esforço, se poderia fazer Samuel merecer o despedimento e a prisão.

O professor chegou ao fim de uma parte do manual e parou. Sugeriu passar os minutos que restavam fazendo perguntas aos rapazes. Ordenou a toda a turma que guardasse os livros e perguntou a alguém da segunda fila “Qual é a data da chegada de Vasco da Gama à Índia?”

Swaminathan levantou-se de um salto e guinchou “20 de Dezembro de 1648”.

“Não precisas de gritar” disse o professor. E perguntou “A dor de cabeça pôs-te maluco?”

“Agora não tenho dor de cabeça, senhor” respondeu vivamente a voz de trovão.

“Senta-te, idiota.” Swami vibrou ao ser chamado idiota. “Se te levatares outra vez, dou-te com a chibata” disse o professor. Swami sentou-se, sentindo-se feliz com a promessa. O professor perguntou então “Vou colocar algumas perguntas sobre o período Mughal. De entre os imperadores Mughal, qual seria o maior, qual seria o mais forte e qual seria o mais religioso?”

Swami levantou-se. Assim que o viu, o professor disse enfaticamente “Senta-te”.

“Quero responder, senhor.”

“Senta-te.”

“Não, senhor; quero responder.”

“O que é que eu disse que te fazia se te levantasses outra vez?”

“Disse que me ia bater com a chibata e esfolar-me a pele dos nós dos dedos e obrigar-me a passar a mão pela testa.”

“Está bem; vem cá.”

Swaminathan saiu do seu lugar alegremente e saltou para a plataforma. O professor tirou a chibata da gaveta e gritou, furioso, “Abre a mão, diabinho”. Aplicou três fortes golpes em cada palma. Swami aceitou-os sem se esquivar. Depois de meia dúzia, o professor perguntou “Já chegam ou queres mais alguns?”

Swami apenas estendeu a mão de novo e recebeu mais dois; e a campainha tocou. Swami desceu da plataforma com o coração leve, embora as mãos doessem. Recolheu os seus livros, tirou a carta do bolso e correu para a sala do diretor. Encontrou a porta trancada.

Perguntou ao empregado “Onde está o diretor?”

“Por que razão o queres?”

“O meu pai enviou uma carta para ele.”

“Ele tirou a tarde de folga e não volta durante uma semana. Podes dar a carta ao assistente do diretor. Em breve estará aqui.”

“Quem é?”

“O teu professor, Samuel. Estará aqui dentro de um segundo.”

Swaminathan fugiu. Assim que Swami entrou em casa com a carta, o Pai comentou “Eu sabia que não a entregavas, seu cobarde.”

“Juro que o nosso diretor está de licença” começou Swaminathan.

O Pai respondeu “Não sejas mentiroso, para além de cobarde...”

Swami levantou o envelope e disse “Darei isto ao diretor assim que esteja de volta...” O Pai arrancou-lho da mão, rasgou-o e deitou-o para o cesto dos papéis, debaixo da sua mesa. Murmurou “Não me venhas pedir ajuda mesmo que Samuel te esgane. Mereces o teu Samuel”.